

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica

**A ESCRITA E O CORPO EM PSICANÁLISE E SUA  
IMPLICAÇÃO NOS FENÔMENOS PSICOSSOMÁTICOS**

Denise Maria Lopes Dal-Cól

Rio de Janeiro  
2016

DENISE MARIA LOPES DAL-CÓL

**A ESCRITA E O CORPO EM PSICANÁLISE E SUA  
IMPLICAÇÃO NOS FENÔMENOS PSICOSSOMÁTICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Cristina Poli.

Rio de Janeiro  
2016

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

D136e Dal-Cól, Denise Maria Lopes.

A escrita e o corpo em psicanálise e sua implicação nos fenômenos psicossomáticos / Denise Maria Lopes Dal-Cól. – Rio de Janeiro, 2016.  
123 f. : il.

Orientador: Maria Cristina Candal Poli.

Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2016.

Inclui bibliografia.

1. Psicanálise – Teses. 2. Fenômeno psicossomático (FPS) – Teses. 3. Escrita – Teses. 4. Corpo – Teses. 5. Clínica psicanalítica – Teses. I. Poli, Maria Cristina Candal. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título.

CDU 159.964.2

Denise Maria Lopes Dal-Cól

**A ESCRITA E O CORPO EM PSICANÁLISE E SUA  
IMPLICAÇÃO NOS FENÔMENOS PSICOSSOMÁTICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutora.

Aprovada em

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Cristina Poli  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anna Carolina Lo Bianco  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Angélica Bastos  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Anita Carneiro Ribeiro  
Universidade Veiga de Almeida

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sonia Borges  
Universidade Veiga de Almeida

À Tânia Mara Costa Pinto. Psicanalista. Amiga,  
generosa. Incansável na sua relação à causa  
analítica.

Agradeço as preciosas discussões clínicas e teóricas.  
Uma presença que faz diferença.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina e ao Departamento de Psicologia e Psicanálise por tornar viável este doutorado.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro pelo acolhimento ao desenvolvimento desta pesquisa.

À Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Cristina Poli, orientadora que acompanhou os caminhos desta tese com sua leitura atenta, incitando ao trabalho.

À banca examinadora composta pela Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anna Carolina Lo Bianco, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Angélica Bastos, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Anita Carneiro Ribeiro e Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sonia Borges.

À Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosane Zétola Lustoza pelo incentivo e discussões na elaboração deste projeto.

À Tânia Mara Costa Pinto, pela confiança e interlocuções preciosas.

Às amigas, Sônia, Cândida e Ana Cláudia, pela presença e incentivo das mais variadas formas.

Aos meus pais, Wilson e Inês, por tudo.

Ao Neto e Pedro Henrique, pelo constante auxílio.

À ternura e amizade de Lara.

Ao psicanalista, Dr. Antônio Godino Cabas.

No momento em que nos comprometemos, a providência divina também se põe em movimento. Todo um fluir de acontecimentos surge ao nosso favor. Como resultado da atitude, seguem todas as formas imprevistas de coincidências, encontros e ajuda, que nenhum ser humano jamais poderia ter sonhado encontrar. Qualquer coisa que você possa fazer ou sonhar, você pode começar. A coragem contém em si mesma, o poder, o gênio e a magia.

Johann Goethe

DAL-CÓL, Denise Maria Lopes. **A escrita e o corpo em psicanálise e sua implicação nos fenômenos psicossomáticos**. 2016. 123 f. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

## RESUMO

Campo de inúmeras incógnitas, o fenômeno psicossomático (FPS) se coloca no limite das elaborações teóricas e metodológicas tanto da medicina quanto da psicanálise, impondo problemas em seu entendimento e tratamento. Embora perfeitamente orgânico, pois há sempre um dano histológico, suas características, tais como gradação variável, evolução imprevisível, aparecendo e desaparecendo em surtos sucessivos, podendo se mobilizar, agravar ou desaparecer, não correspondem às lesões de causa puramente orgânica. No campo psicanalítico, existem muitas divergências a respeito do FPS, não só conceituais, mas também em relação às formas de intervenção possíveis na clínica. Mesmo na psicanálise, diferentes correntes teóricas consideram o psicossomático como sintoma. No campo lacaniano, as doenças psicossomáticas são consideradas fenômenos, uma vez que não obedecem às leis de linguagem como o sintoma, isto é, não estão recalcadas no inconsciente; não correspondem a uma estrutura metafórica, senão a alternância de presença e ausência de lesões. Esta tese visa investigar as afirmações de Lacan de que o FPS é da ordem de uma escrita no corpo que não se sabe ler, fenômeno no qual se verifica a presença de um gozo, qualificado de específico, diferente do gozo do sintoma. Percorre brevemente a história da escrita fazendo um paralelo com a escrita no psiquismo e interroga o limite entre o saber e o gozo - o litoral e o literal, concluindo qual é o estatuto da escrita em psicanálise. Destaca a noção de corpo em psicanálise, de Freud a Lacan para identificar o lugar do FPS. Expõe o conceito de leitura em psicanálise, relacionando-o à singularidade de dois casos clínicos. Constrói três hipóteses sobre a escrita do FPS: o FPS seria uma escrita ao modo das escritas antigas (egípcia e chinesa), que não tem gramática, não se associa à cadeia significante, excluindo o Outro; o FPS seria uma escrita ainda mais antiga, puramente pictográfica, desenho do impossível; o FPS seria uma escrita como ravinamento de gozo, onde a letra se decanta como resíduo de gozo, *litter*, mas não remonta ao significante, de onde ela caiu, como *lettre*, letra legível como uma carta, usando o duplo sentido que Lacan acentua. Desta forma, o FPS seria uma memória de gozo ahistórica, portanto, nunca pensada, nunca recalcada. Memória que reside na reserva de satisfação que Freud conceitua, ou, analogamente, no espaço moebiano que Lacan conceitua – espaço real. Neste real onde mora o FPS, estaria um caminho herético da pulsão. O corpo do FPS seria um corpo-*Coisa*. Das três hipóteses sobre a escrita no FPS, a terceira



nos forneceu mais subsídios para pensar, tanto conceitual quanto clinicamente. Concluimos que no FPS trata-se de uma escrita-ravinamento de gozo, que, quando chove o significante no real do corpo, decanta-se uma letra, coágulo de gozo, *litter*, resíduo, lixo, impossível de ser lida. Impossível porque não evapora novamente para a nuvem de onde choveu, para funcionar como letra na palavra, para se inserir no significante, usando aqui a metáfora das geleiras que propõe Lacan. Foi o que demonstraram os dois casos aqui expostos.

Palavras-chave: Psicanálise. Fenômeno psicossomático (FPS). Escrita. Corpo. Clínica psicanalítica.

DAL-CÓL, Denise Maria Lopes. **A escrita e o corpo em psicanálise e sua implicação nos fenômenos psicossomáticos**. 2016. 123 f. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

### ABSTRACT

The psychosomatic phenomenon (PSP), field of countless unknowns, is placed in the limit of theoretical and methodological elaborations of both medicine and psychoanalysis, imposing problems in their understanding and treatment. Although perfectly organic, for there is always a histological damage, its features, such as variable gradation, unpredictable evolution, appearing and disappearing in successive outbreaks, able to mobilize, worsen or disappear, do not correspond to purely organic injury. In the psychoanalytic set, there are many divergences concerning the PSP, not only conceptual, but also regard the types of possible clinical interventions. Even in psychoanalysis, different theoretical chains consider the psychosomatic as a symptom. In the lacanian field, psychosomatic diseases are considered phenomena, since they do not obey the language's laws, such as symptoms, which means, they are not repressed in the unconscious; do not correspond to a metaphorical structure other than alternation between presence and absence of injuries. This thesis aims to investigate Lacan's claims that the PSP is a writing that cannot be read, written in a body, a phenomenon in which is verified the presence of *jouissance*, described as specific, unlike the symptom's *jouissance*. It briefly covers the history of the writing, by drawing a parallel with writing in the psyche, and interrogates the boundary between knowledge and *jouissance* – the littoral and the literal, concluding what is the writing's statute in psychoanalysis. It highlights the notion of body in psychoanalysis, from Freud to Lacan to identify the locality of the PSP. Exposes the concept of reading in psychoanalysis, relating it to the singularity of two clinical cases. It builds three hypotheses about the writing of the PSP: PSP would be a writing such as ancient writings (Egyptian and Chinese), which have no grammar and are not associated with the signifying chain, excluding the Other; PSP would be an even older writing, purely pictographic, design of the impossible; PSP would be a writing of the gulling of the *jouissance*, in which the letter decants as *jouissance* residue, *litter*, but does not go back to the significant, which it fell from, as *lettre*, letter readable as a missive, using the double meaning that Lacan accentuates. Thereby, the PSP would be a *jouissance*'s ahistorical memory, therefore, never thought or repressed. Memory that resides on the reservation of satisfaction which Freud conceptualizes, or, similarly, in the moebian space that Lacan conceptualizes – real space. In this real space where PSP lives, there would be a heretical way of the drive. The body of the PSP would be a

body-Thing. From three hypothesis about writing in PSP, the third one offered more subsidies to think, both conceptual and clinically. We conclude that PSP a is writing-gullying of *jouissance* which, when the significant rains in the real of the body, decants a letter, *jouissance's* clot, *litter*, residue, garbage, impossible to be read. Impossible because it does not evaporatesbackinto the cloud where it rained from, to function as a letter in the word, to be inserted in the significant, using here glacier's metaphor proposed by Lacan. This is demonstrated by the two cases exposed.

Keywords: Psychoanalysis. Psychosomatic phenomenon (PSP). Writing. Body. Psychoanalytic clinic.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A perda e o traço do objeto .....	93
Figura 2 – Cinta ou banda de Möebius .....	101
Figura 3 – Banda de Möebius e banda de Möebius construída por M. C. Escher .....	102
Figura 4 – Garrafa de Klein.....	103
Figura 5 - Oito interior.....	104

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1 - OS FENÔMENOS PSICOSSOMÁTICOS</b> .....	19
1.1 Sintomas Histéricos e Angústia .....	21
1.2 As Afecções Psicossomáticas.....	23
1.3 Breve Panorama das Teorias sobre a Doença Psicossomática na Orientação Psicanalítica – Principais Correntes.....	25
1.4 A Doença Psicossomática na Orientação Lacaniana .....	29
1.5 As Referências de Jacques Lacan.....	34
1.6 Avançando um Ponto a Mais: a Tese .....	44
<b>CAPÍTULO 2 - A CLÍNICA E A PESQUISA EM PSICANÁLISE: SEMPRE DO SINGULAR</b> .....	47
2.1 O Caso como Questão.....	50
2.2 O Depoimento: o Resíduo de uma Análise.....	51
2.3 A Escrita do Pesquisador: um Tratamento Possível do Fenômeno Psicossomático: da Marca Ilegível no Corpo à Marca do Nome.....	52
<b>CAPÍTULO 3 - A ESCRITA-RAVINAMENTO DO FPS: O QUE (NÃO) SE LÊ OU MEMÓRIA SEM HISTÓRIA</b> .....	59
3.1 Origem, Função e Articulações da Escrita na Cultura e no Falasser .....	61
3.2 As Três Articulações da Escrita .....	67
3.3 A Ultrapassagem de uma Fronteira .....	70
3.4 Hipóteses sobre a Escrita do FPS .....	71
3.5 A Questão: o Litoral e o Literal .....	74
3.6 Sobre a Letra e o Significante.....	76
<b>CAPÍTULO 4 - O CORPO-COISA E SUA TOPOLOGIA NO FPS</b> .....	80
4.1 Nascimento do Corpo e da Memória.....	80
4.2 O Corpo- <i>Coisa</i> , Memória de Gozo Não-Rastreável do FPS .....	89
4.3 FPS: a Heresia do Real, a Heresia da Pulsão (dos Buracos e da Escrita).....	96
4.4 O Um, Gozo.....	98

<b>4.5</b>	<b>Notas sobre Topologia: o Espaço dos FPSs.....</b>	<b>100</b>
	<b>CAPÍTULO 5 - A LEITURA EM PSICANÁLISE E O FPS .....</b>	<b>107</b>
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>112</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>115</b>
	<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

Entre as doenças ou manifestações patológicas que se apresentam no corpo, e que por vezes demandam tratamento à clínica médica ou à clínica psicanalítica, destacam-se os sintomas histéricos, a angústia e as doenças psicossomáticas.

Na medicina, o corpo é definido em sua dimensão biológica e a doença é autenticada por uma lesão anatomoclínica, sendo nesta perspectiva que se realizam o diagnóstico e o tratamento de doenças.

No campo psicanalítico, o corpo é definido a partir de sua organização pulsional cujo limite ultrapassa o corpo como organismo. A noção de corpo na psicanálise depende da estrutura de linguagem na medida em que esta produz no humano outra dimensão para além do biológico, orgânico ou fisiológico – a pulsão e sua representação no inconsciente, o falasser. Nesse plano é que se dá a investigação das doenças do corpo no campo da psicanálise, isto é, a partir do inconsciente e da pulsão, onde algumas doenças se manifestam a partir de impasses na sua constituição. O recurso de diagnóstico e tratamento da psicanálise é a palavra em transferência, o simbólico, e, como processo de tratamento fundado na palavra, faz falar o sintoma.

No campo psicanalítico, desde a fundação da psicanálise por S. Freud até os dias atuais, os sintomas histéricos e a angústia parecem estar bem estabelecidos, clínica e conceitualmente, ou seja, suas formas de expressão, seus mecanismos de formação e sua causa, bem como as condições de possibilidade de tratamento (nos termos de Lacan, transferência de um saber suposto). São doenças que têm inscrição no campo de linguagem, por isso, legíveis a partir do inconsciente.

Já as doenças psicossomáticas, embora a investigação de sua causa também tenha antigas origens, continuam sendo um campo de inúmeras incógnitas, uma vez que elas se colocam no limite das elaborações teóricas e metodológicas tanto da medicina quanto da psicanálise, impondo problemas e paradoxos em seu entendimento e tratamento, o que torna importante outorgar-lhes um estatuto conceitual apropriado na psicanálise.

No campo médico, as afecções psicossomáticas “têm uma etiopatogenia imprecisa e do ponto de vista histológico, as lesões são múltiplas” (GUIR, 1992, p. 25); respondem mal aos critérios exigidos para a constituição de uma doença: causa, sintomas, tratamento e prognóstico. Embora perfeitamente orgânicas, pois há sempre um dano histológico objetivável, suas características não correspondem às lesões de causa puramente orgânica, tais como sintomas de gradação variável, evolução imprevisível, aparecendo em surtos sucessivos,

podendo se mobilizar, se alternar, se conjugar; podendo se agravar ou simplesmente desaparecer (SAGNA, 1996). Algumas dessas afecções são descritas como manifestações alérgicas, psoríase, vitiligo, eczemas, asma, glaucoma, enxaquecas, peladas ou alopecias, doenças neoplásicas, lúpus eritematoso, esclerose sistêmica progressiva, hipertireoidismo, colite ulcerativa e outros. Raramente existe um tratamento específico (GUIR, 1992; ÁVILA, 2002).

No campo da psicanálise, existem muitas divergências a respeito dos FPSs, divergências não só conceituais, mas, sobretudo, em relação às formas de intervenção possíveis na clínica. Alguns autores como Groddeck e Alexander consideram viável uma *interpretação* do FPS, como decifração de um sentido latente; outros, como Marty, M'Uzan e David, admitem que há uma ausência de simbolização em jogo, o que exigiria que se mobilize a *construção* de um sentido para o doente; outros, como Valabrega, consideram ainda desejável encontrar uma terceira via. Sem ainda incluir Lacan nessa série, acreditamos que as diferenças entre as escolas já nos indica o quanto o campo dos FPS é, de fato, um território repleto de incógnitas.

As afecções psicossomáticas mal se inscrevem no campo da medicina, que trata o corpo como organismo, tanto quanto, mal se inscrevem no campo da psicanálise, que aborda o corpo em sua dimensão pulsional – corpo erógeno, escrita de gozo. Que lugar, então, para as afecções psicossomáticas na psicanálise?

Abordando mais estritamente as elaborações psicanalíticas de orientação lacaniana sobre o tema, verifica-se que a doença psicossomática é um enigmático fenômeno clínico que, diferentemente do sintoma e da angústia, obedece apenas à alternância entre presença e ausência de lesões no corpo, nos órgãos, o que não exclui sua relação com a linguagem, porém, não a coloca inteiramente nela.

No campo lacaniano, as doenças psicossomáticas são consideradas fenômenos, uma vez que não obedecem às leis de linguagem como o sintoma; não respondem a uma estrutura metafórica, senão a uma alternância de presença e ausência. Apesar disso, apoiados no ensino de Lacan e seus apontamentos a respeito desses fenômenos (*Seminário 11*), sabe-se que a lesão pode ser induzida por um significante ou conjunto de significantes, constituindo assim a ideia de que estaria ligada de alguma forma ao inconsciente, à cadeia de linguagem, porém não dialetizável, holofraseado, solidificado. Apresentam esses fenômenos um gozo – “gozo específico” -, diferenciado do gozo do sintoma, uma vez que correspondem a uma “reação de órgão” (LACAN, 1975; 1954-1955/1991). É uma escrita no corpo que não se sabe ler, isto é, escrita que parece ilegível, intraduzível (LACAN, 1975).



Constituem-se, por isso, em um problema conceitual e clínico também para a psicanálise que pode ser assim colocado: Qual é a função do escrito e o estatuto da leitura em psicanálise? Para que serve escrever? Se uma escrita é feita para não esquecer – é um registro mnemônico –, o FPS é uma escrita no corpo que talvez tenha justamente essa finalidade – não esquecer.

Mas por que esse registro tem que estar no real do corpo na forma de lesão, sendo assim algo que parece intraduzível? Se as fixações (libidinais) contam uma história que se registra no inconsciente como uma “fixação” – uma ficção que fixa e esquece porque já entrou nesta história –, nos FPSs ocorre uma fixação do gozo – “fixação” que não se torna ficção porque não articulada à cadeia ou série significativa e que, portanto, não pode contar sua história.

Os fenômenos psicossomáticos parecem mostrar no corpo uma escrita apenas como marcas registradas que não se inserem numa história, numa escrita de uma história libidinal capaz de ser contada, reconstruída, como nos sintomas neuróticos.

Em outros termos, nos FPSs, há um registro de gozo que causa efeitos, mas não se inscreve na dimensão significativa, por isso Lacan (1975) nessa *Conferência de Genebra* chama o gozo nesses casos de “um gozo específico em sua fixação”.

Este trabalho visa investigar o fenômeno psicossomático como algo que aponta para um limite da linguagem em suas relações com o corpo, e que justamente coloca em questão os limites e as possibilidades do método psicanalítico. Se o FPS for uma escrita que não se sabe ler, importa saber qual é o estatuto da escrita e da leitura em psicanálise.

Importa investigar também o FPS como apontando para um modo específico de gozo, independente da estrutura psíquica. No FPS ocorre que a pulsão não se liga a um representante para entrar no inconsciente? Qual a razão disso? Há algo que ocorre aí, que não interfere na estruturação, mas fixa no corpo e produz efeitos - algo da pulsão é registrado no corpo como uma escrita que não entra na dialética da palavra.

Abordando mais estritamente as contribuições de Lacan sobre o tema, pode-se observar que os FPS representam um desafio tanto teórico quanto clínico:

Um desafio teórico, na medida em que os FPS permitem abordar uma questão fundamental para a psicanálise, que diz respeito ao modo de inscrição da linguagem no corpo. O FPS sinaliza para algo no corpo que está fora, mas fora de quê? Não está totalmente no registro biológico, tampouco se inscreve no inconsciente como significativa. Desta forma, as pesquisas sobre os FPSs podem contribuir para entender como a linguagem marca o corpo. Avançar em direção ao constitutivo significa contribuir para os fundamentos da teoria do

corpo e da escrita na psicanálise.

Um desafio clínico, na medida em que, até hoje, discutem-se quais as intervenções possíveis nos casos de FPS. Evitando-se tanto a interpretação quanto a atribuição de um sentido tal como fazem as outras correntes, é preciso saber se é possível e como é possível, amarrar, engatar o FPS na articulação significativa, encaminhando o tratamento analítico.

Assim, na orientação lacaniana, uma das incógnitas que a doença psicossomática traz para o campo psicanalítico, diz respeito à função de *escrito no corpo*. Lacan (1975) reconhece nesses fenômenos, que se trata de *algo da ordem do escrito no corpo que não se sabe ler*, isto é, *como se algo estivesse escrito no corpo que nos é dado como um enigma perante o qual nada entendemos*; portanto, a princípio, ilegíveis a partir do inconsciente, do campo da linguagem.

Queremos marcar essa dimensão da escrita e do corpo do FPS e explorá-la. Que escrita e que corpo seriam esses dos FPSs? Por que não sabemos lê-lo?

Posto isso, trabalhamos com a hipótese de que se uma escrita é feita para não esquecer, o fenômeno psicossomático é uma escrita (de gozo) no corpo que talvez tenha justamente essa finalidade – não esquecer. O FPS seria memória, escrita de gozo, sem história, mas, ainda assim, sempre presente. Esperamos neste percurso, verificar a pertinência desta nossa hipótese.

No capítulo 1, abordaremos brevemente, a diferença entre os sintomas histéricos, a angústia e o FPS, bem como o panorama histórico-científico em que estão inseridas as pesquisas sobre as ditas doenças psicossomáticas, notadamente no campo psicanalítico. Apresentaremos, ainda, um panorama sumário das principais correntes teóricas sobre o FPS na orientação psicanalítica. Neste contexto, situaremos a pesquisa sobre o FPS no campo lacaniano, sobretudo as formulações de J. Lacan sobre o assunto ao longo de seu ensino.

Destas formulações de J. Lacan, visamos nesta nossa pesquisa, desdobrar e investigar os termos da afirmação de Lacan (1975, p. 14) sobre o FPS: “é algo da ordem do escrito”, “como se algo estivesse escrito no corpo”, algo que “não sabemos lê-lo”.

Nossa tese afirma que o FPS é uma memória, uma escrita de gozo fora da cadeia significativa, e, que por isso, não faz história, mas está sempre presente, retornando, talvez, como traços vivos marcados na carne. Afirma ainda que, se o FPS é uma memória de gozo no corpo que não faz história – não pode ser lida -, e, assim, não pode ser lembrada, porque nunca foi esquecida. Está sempre presente.

No capítulo 2 iremos discutir a singularidade da clínica e da pesquisa em psicanálise e apresentar duas escritas da clínica psicanalítica que demonstram o FPS como uma escrita

ilegível no corpo, bem como, seu desdobramento no curso do tratamento psicanalítico.

O terceiro capítulo partirá da proposição de que o FPS é uma escrita (de gozo) no corpo, comparável a uma escrita (propriamente dita) primeva, antiga, porém distinta da escrita antiga do sintoma (e do sonho) e questionará qual seria esta escrita. Questionamos qual a modalidade de escrita de gozo do FPS e qual sua lógica de representação temporal e espacial.

Apresentamos três hipóteses sobre a escrita do FPS: na primeira hipótese, a escrita do FPS comportaria a letra, cifra fonemática, que faria instância no inconsciente, porém, não se associa à cadeia significante (S2), constituindo-se em ausência de descontinuidade de letras. Na segunda hipótese, o FPS seria uma ‘escrita’ estritamente pictográfica, um desenho do impossível. Terceira hipótese, o FPS seria a inscrição da letra de gozo no corpo como resíduo. Escrita como ravinamento (escavação) ou sulco, no real. Puro traço de gozo, face real da pulsão, a céu aberto, o indecifrável do real da pulsão.

Acreditamos que a escrita do FPS é esta escrita-ravinamento de gozo no real do corpo (tomando a metáfora de Lacan (1971/2009), o gelo, deserto, sem limites). Deste modo, a questão psicossomática seria a letra no litoral entre o saber e o gozo, mas letra como *litter* [lixo, dejetos], como o ravinamento do significado (LACAN, 1971/2009). *Litter* a partir do que escreve James Joyce – *a letter, a litter* – uma letra, um lixo, e que é retomado por Lacan (1957/1998; 2003) nos textos sobre *A carta roubada* e *Lituraterra* (apud MANDIL, 2003).

Se a questão psicossomática é a letra em sua vertente real, não se trataria, entretanto, da estrutura do sujeito, mas da estrutura do FPS. Nesta ‘estrutura’ do FPS, em alguns sítios, no corpo, tal como a pele, haveria a escrita da letra, como ravinamento ou sulco, sem sua face voltada para o uso no simbólico, por isso, não poderia ser tomada na representação de palavra (S2). Propomos que o FPS seria uma heresia da pulsão, o que abordamos no capítulo seguinte.

No capítulo 4, partimos da hipótese de que a escrita do FPS está fora da cadeia significante (portanto, do simbólico) à diferença do sintoma e do sonho que são escritos no inconsciente – dentro da cadeia significante -, e questionamos o que seria este corpo do FPS, fora (da cadeia significante).

Faremos um percurso conceitual pontual sobre o corpo pulsional em Freud e Lacan, para retomar a hipótese de que o FPS é uma memória (escrita) de gozo que não faz história – não pode ser lida -, mas que, ainda assim, é feita para não esquecer. Esta memória, escrita de gozo, estaria em um espaço Real, nem dentro, nem fora. Designamos o corpo do FPS como *Corpo-Coisa*, estranho, inerte, inassimilável, herético. O FPS seria uma heresia da pulsão – rastro de gozo no corpo real – porque a pulsão não passaria pelo padrão de fazer borda nos buracos do corpo (corpo erógeno a partir do qual o sintoma se faz) e que buscam um

significante no campo do Outro. Um trajeto pulsional, ao não alcançar um significante, deixa seu rastro no corpo real, não erogeneizado, expondo o buraco. Deixa-o à mostra, pois não escamoteado pelo significante, não há perda de gozo, não há entropia.

No capítulo 5, abordamos brevemente a questão da leitura em psicanálise, rerepresentando os casos clínicos.

## CAPÍTULO 1

### OS FENÔMENOS PSICOSSOMÁTICOS

Entre as doenças ou manifestações patológicas que se apresentam no corpo e que por vezes demandam tratamento à clínica médica ou à clínica psicanalítica destacam-se os sintomas histéricos, a angústia e as doenças psicossomáticas.

Embora em todas elas se encontre a característica comum de manifestação corporal apresentando disfunção ou perturbação das funções dos órgãos, sabe-se que cada um desses campos do saber aborda o corpo a partir de diferentes concepções.

No domínio da ciência médica, o corpo é definido em sua dimensão biológica e a doença, como existência autônoma, é autenticada por uma lesão anatomoclínica (ABREU, 1992). É nessa perspectiva que na medicina se realizam o diagnóstico e o tratamento de doenças.

Por sua vez, no campo psicanalítico, o corpo é definido não no plano biológico, mas a partir de sua organização pulsional cujo limite ultrapassa o corpo como organismo, ou seja, o órgão tomando sentido e função em referência à linguagem (VALAS, 1990).

Em outros termos, a noção de corpo na psicanálise depende da estrutura de linguagem na medida em que esta produz no humano outra dimensão para além do biológico, orgânico ou fisiológico – a pulsão e sua representação no inconsciente. Nesse plano é que se dá a investigação das doenças do corpo no domínio da psicanálise, isto é, a partir do inconsciente e da pulsão, onde algumas doenças se manifestam a partir de impasses na sua constituição.

É neste sentido que Lacan (1975-1976/2007, p.144-145) afirma que não se sabe o que se passa no corpo a não ser o que provém do significante, ou seja, do inconsciente, sublinhando que a relação ao corpo é imperfeita em todos os seres humanos. Acentua ainda que é preciso se desprender da ideia de eternidade, porque assim se escuta a outra vida, a vida que provém da linguagem, na qual é preciso encontrar seus furos, furos esses abstratos no corpo, concernentes à enunciação do que quer que seja.

Desta forma, o recurso de diagnóstico e tratamento da psicanálise é a palavra em transferência, o simbólico, e o que se acede no corpo nesse campo, esses furos abstratos, referidos por Lacan, – em Freud, são as zonas erógenas. Como processo de tratamento fundado na palavra, fazendo falar o sintoma, não só possibilita ao sujeito perguntar-se pelos seus motivos, mas, sobretudo, agir sobre o corpo.

Se na perspectiva psicanalítica o corpo é do desejo e do gozo, os quais constituem o sujeito na sua construção histórica, os impasses advindos disso e as consequências que podem

se manifestar em doenças corporais, na perspectiva médica, essa dimensão do corpo fica excluída.

Lacan (1966) chega a considerar que esta relação da medicina com o corpo é uma falha epistemossomática, uma vez que nela o corpo é considerado como um sistema homeostático, em sua pura presença animal, e Valas (1990) a considera uma noção de corpo-máquina dela excluídos o desejo e o gozo não reconhecido senão por suas manifestações sob a forma de dor ou de sofrimento.

Desde a fundação da psicanálise por S. Freud, os sintomas histéricos e a angústia são doenças que se manifestam no corpo, mas têm inscrição no campo da linguagem, sendo, por esta razão, legível à partir do inconsciente. Estas patologias parecem estar bem estabelecidas, clínica e conceitualmente: suas formas de expressão, seus mecanismos de formação, sua causa e condições de possibilidade de tratamento (nos termos de Lacan, transferência de um saber suposto).

A investigação das doenças ditas psicossomáticas também tem antigas origens, mas permanecem um campo de incógnitas, já que estão no limite das elaborações teóricas e metodológicas tanto da medicina quanto da psicanálise, trazendo problemas e paradoxos em seu entendimento e tratamento.

Mesmo no campo psicanalítico, existem muitas divergências a respeito das afecções psicossomáticas, não só conceituais, mas, sobretudo, em relação às formas de intervenção possíveis na clínica, conforme veremos adiante.

Nas elaborações psicanalíticas de orientação lacaniana sobre as doenças psicossomáticas, constata-se que estas são fenômenos clínicos enigmáticos que, à diferença dos sintomas e da angústia, obedecem apenas uma alternância entre a presença e a ausência de lesões nos órgãos corporais, o que não exclui sua relação com a linguagem, mas também não as colocam inteiramente nela.

Antecipamos que uma das incógnitas que a doença psicossomática traz para o campo psicanalítico de orientação lacaniana é sua função de *escrito no corpo*. Lacan (1975) reconhece que nesses fenômenos se trata de algo escrito no corpo *que não se sabe ler*, isto é, *como se algo estivesse escrito no corpo que nos é dado como um enigma perante o qual nada entendemos*. Deste modo, estas doenças seriam, a princípio, ilegíveis a partir do campo da linguagem, do inconsciente.

Isto posto trabalhamos com a hipótese de o fenômeno psicossomático é uma escrita no corpo que talvez tenha justamente a finalidade de não esquecer.

## 1.1 Sintomas Históricos e Angústia

Se desde Freud sabe-se da importância das distinções diagnósticas e causais dos sintomas históricos e da angústia para possibilitar um tratamento psicanalítico, diferenciando-os entre si e, ainda, dos quadros orgânicos, é fundamental não só lembrar, como também sublinhar seu valor na investigação freudiana: a angústia vivida no corpo, juntamente com os sintomas corporais da histeria, consistiram em modalidades do fenômeno clínico que permitiram a Freud um acesso original e uma concepção inovadora do que é o corpo e do que é o psíquico na formulação do conceito de pulsão e de inconsciente (DAL-CÓL, 2002).

Em sua investigação, Freud não atribui o lugar da causa dessas doenças nem ao corpo biológico, nem à mente consciente. O mental, no discurso freudiano, não é a consciência nem o cerebral, mas o inconsciente constituído por uma trama ideativa que conta a história dos investimentos pulsionais. Inconsciente esse que, conforme Lacan, é congruente à estrutura da linguagem. Do mesmo modo, o corpo, para além do somático ou orgânico que o constitui, é considerado na sua dimensão pulsional. Nesse sentido, a pulsão tornou-se o conceito-chave que expõe como o soma se implica ou é implicado na psique. Nos termos de Freud (1915/1987b, p. 142):

[...] conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.

Se nesses casos de sintomas e angústia, a cada tratamento, renova-se a possibilidade de acesso ao inconsciente do sujeito em questão em suas relações ao desejo e à pulsão, isto é, sua forma de satisfação ou gozo, uma vez que são legíveis, não se pode dizer o mesmo com relação à doença psicossomática, o que veremos no decorrer deste trabalho.

Retomando as distinções entre sintomas históricos e angústia no campo psicanalítico, na perspectiva clínica-descritiva, verifica-se que a angústia manifesta-se por distúrbios de determinadas funções corporais, tais como distúrbios da atividade cardíaca (palpitações, arritmia ou taquicardia) e respiratória (várias formas de dispneia nervosa, acessos semelhantes a asma e similares), acessos de suor, fome devoradora, tremores, calafrios, diarreias, distúrbios esses que nem sempre vêm acompanhados de angústia reconhecível. Outros distúrbios corporais de angústia, como acessos de vertigem locomotora e acessos de parestesias (sensações anormais; alucinações sensoriais) raramente ocorrem sem angústia ou sensação semelhante de mal-estar (FREUD, 1895/1987).

Nos sintomas histéricos, observa-se sua expressão sintomática corporal sob a forma de dores, paralisias ou alterações de sensibilidade, inexplicáveis pelo modelo neuroanatômico. Na histeria, se uma função corporal é atingida o organismo fica intacto, assim como na angústia, que, entretanto, pode produzir danos lesionais secundários pelo mau funcionamento do órgão.

Na perspectiva clínica-conceitual freudiana, o sintoma histórico é um símbolo que tem sua representação no inconsciente; obedece às leis de linguagem sendo estruturada por elas, juntamente com um modo de satisfação pulsional. Tem, pois, inscrição (escrita) no corpo, sendo legível a partir do inconsciente.

Já a angústia não é um símbolo, não é feita de representações, embora indique representações, é um afeto especial (*quantum* libidinal) derivado da pulsão, seja pelo recalque primário, angústia real (*Real Angst*) e automática, ou pelo recalque secundário, angústia sinal. A angústia sinaliza a emergência do desejo inconsciente, assim como o “movimento pulsional” em busca de satisfação, ambos tomados pelo eu como um perigo (de dano narcísico) (DAL-CÓL, 2005).

Se Freud deixa um legado acerca dos sintomas histéricos e da angústia, não produz nenhuma pesquisa direta, ao menos nesses termos, sobre as doenças psicossomáticas.

Entretanto, assim como pensamos (DAL-CÓL, 2002), alguns pesquisadores como Fonseca (2007) e Nicolau (2008) consideram que dos estudos de Freud (1895/1987) sobre as neuroses atuais – neurose de angústia e neurastenia – resultaram formulações que mais se aproximam do que atualmente se denomina psicossomática. O fenômeno psicossomático (FPS) estaria próximo das neuroses atuais estudadas por Freud porque não estaria em jogo uma satisfação substitutiva de uma fantasia de conteúdo sexual como na histeria, mas a difícil elaboração psíquica da excitação somática, uma vez que essa não encontra um fiador psíquico para a excitação derivada do corpo.

Outros pesquisadores como J. Guir e P. Valas (1989) concordam com essa observação, incluindo aí os estudos de Freud sobre as neuroses traumáticas, embora não exponham seus motivos. Uma pista para pensar essa questão é dada por Soler (2009), quando diz que as neuroses traumáticas – de guerra, dos acidentes – são caracterizadas pelo esquecimento impossível das cenas traumáticas, que voltam como imagens vivas (alucinatórias), por não serem inscritas no discurso da memória inconsciente.

Apesar das aproximações referidas das afecções psicossomáticas com as neuroses de angústia e as neuroses traumáticas, elas se diferem em alguns aspectos. Com relação à primeira, entendemos que a presença de lesão histologicamente verificada é uma



característica da afecção dita psicossomática que não é encontrada na maioria dos estados de angústia, a não ser como dano secundário. Em relação às neuroses traumáticas, é nossa hipótese que as afecções psicossomáticas podem também caracterizar um “esquecimento impossível” e, talvez, retornar como marcas, traços vivos, porém, marcados na carne.

Na sequência, veremos brevemente em que panorama histórico-científico estão inseridas as pesquisas acerca das doenças psicossomáticas, notadamente no campo psicanalítico. Observamos, ainda, que ordem de doenças podem ser caracterizadas como psicossomáticas, de que modo se apresentam suas manifestações e com quais elementos conceituais podemos contar atualmente na psicanálise para a sua compreensão.

## **1.2 As Afecções Psicossomáticas**

Assim como os sintomas histéricos e a angústia, também o fenômeno clínico nomeado psicossomático apresenta-se sob a forma de expressão corporal, porém, diferentemente dos dois primeiros, é caracterizado por uma lesão no órgão.

Algumas pesquisas em psicanálise pós-freudiana de orientação lacaniana, realizadas por Jean Guir (1992), descrevem diversas lesões psicossomáticas, tais como: manifestações alérgicas; glaucoma; fenômenos psicossomáticos cutâneos (psoríase e vitiligo); eczemas; asma, enxaquecas; gota; acesso de angústia; enurese; urticária; nevralgias; astenia; constipação; herpes; retocolite úlcero-hemorrágica; patologias cutâneas na face: vitiligo, psoríase, acne, eczema constitucional (dermatose pruriginosa crônica recidivante), cloasma (máscara da gravidez), peladas ou alopecias, edema de Quincke, exoftalmia da doença de Basedow; doenças cancerosas em alguns estudos do câncer do seio e das leucemias infantis.

Pesquisas em outros campos teóricos metodológicos, por exemplo, em psiconeuroimunologia, consideram também afecções psicossomáticas o lúpus eritematoso, a esclerose sistêmica progressiva, o hipertireodismo, a miastenia grave, a esclerose múltipla, as síndromes de Reiter e de Sjögren e a colite ulcerativa (ÁVILA, 2002).

De acordo com Abreu (1992), a ideia da psicossomática confunde-se com as próprias origens e história da medicina e da filosofia, com a distinção feita por Anaxágoras (século V a.C.) entre Soma e Psique. Para a autora, essa dualidade se mantém através dos séculos tanto na medicina como na filosofia, variando, contudo, as concepções sobre os modos de interação ou não interação entre os dois princípios desse dualismo – corpo/mente.

O termo “psicossomática” foi criado em 1818 pelo médico clínico e psiquiatra Heinroth para expressar “a influência das paixões sexuais sobre a tuberculose, a epilepsia e o

câncer”, ideia que não se desenvolveu na medicina, e, sendo esse o século das descobertas físico-químicas e bacteriológicas, encaminhou os médicos a dedicarem-se à doença como existência autônoma, autenticada por uma lesão anatomoclínica, tratando-se de pesquisar uma etiologia específica e um agente patogênico (ABREU, 1992, p. 10).

Desde então, as doenças psicossomáticas vêm sendo pesquisadas pela medicina a partir dessa referência anatomoclínica, porém, dentro do campo médico, causam problemas, uma vez que, conforme Guir (1992), sua etiopatogenia é imprecisa e raramente existe um tratamento específico; do ponto de vista histológico, as lesões são múltiplas, sendo algumas dessas afecções relacionadas com uma resposta imunológica.

Assim como Guir, Sagna (1996) evoca o caráter orgânico da doença psicossomática pela presença invariável de lesão ou dano histológico, que, entretanto, não tem as mesmas características das lesões de causa puramente orgânica, tal como responder aos critérios exigidos para a constituição de uma doença – causa, sintoma, tratamento, prognóstico. São, assim, situadas à margem do saber médico.

Dentre as características das lesões psicossomáticas encontram-se sintomas de gradação variável, evolução imprevisível, podendo se agravar com complicações que colocam em perigo a vida do sujeito, ou simplesmente desaparecer. O decorrer da doença se caracteriza pela presença de surtos evolutivos, fazendo da vida do paciente uma alternância entre o aparecimento e o desaparecimento da lesão (SAGNA, 1996). Além dos surtos sucessivos – repetição em impulsões sucessivas -, suas manifestações podem também se mobilizar, conjugar-se, intercambiar-se, alternar-se (LACAN, 1955-56/1988).

Do ponto de vista da psicanálise, outros elementos serão adotados na identificação da causa da afecção psicossomática, porém não deixam de ser um problema também para a psicanálise. Abordaremos esses aspectos adiante.

As doenças psicossomáticas também foram abordadas por outros domínios científicos que não a medicina, tais como a psicologia experimental (teoria do stress de Cannon, Seyle e a teoria corticovisceral de Pavlov), a epidemiologia (analisando os efeitos para o corpo das profissões de alto risco) e os enfoques sociológicos (comparações transculturais) (ABREU, 1992).

Abreu (1992) considera que outra forma de abordagem dessas doenças, a medicina psicossomática, irá se apropriar da concepção da psicanálise das determinações inconscientes, entendendo que conflitos rejeitados pelo campo da consciência explicam o modo de intervenção da psique no soma. Acrescentamos que com isso, a medicina psicossomática apoia-se na ideia da dualidade corpo/mente, demonstrando que compreende a mente como um

duplo do corpo. Leitura equivocada do conceito de inconsciente – inconsciente freudiano.

Já Ávila (2002) pensa que a abordagem da medicina psicossomática adota conceitos da psicanálise para atuar medicamente, complementando o estudo etiológico médico, conferindo-lhe novas categorias e uma abordagem psicológica complementar de tratamento. O autor compreende que as descobertas freudianas produziram seu impacto na medicina e aos poucos penetraram nas práticas médicas e nos sistemas de conceituação psiquiátricos, levando também os psicanalistas a se interessarem por questões que permaneciam sem resposta no campo médico, vindo a tomar forma definitiva como medicina psicossomática a partir da década de 1930.

Se Heinroth foi o criador do termo psicossomática, coube a George Groddeck, médico contemporâneo de Freud, inaugurar a pesquisa psicossomática moderna e a possibilidade da aplicação da psicanálise à compreensão do processo do adoecer e de suas significações (ÁVILA, 2002). Em uma primeira carta a Freud, Groddeck apresenta um resumo do seu pensamento, indicando que ao aplicar a psicanálise aos “males orgânicos” os compreendia como expressão de um conflito simbólico, estendendo a todas as doenças a interpretação conferida aos sintomas neuróticos. Conforme Groddeck (apud ÁVILA, 2002, p. 11):

A Psicanálise, se eu bem a compreendo, trabalha no momento com a noção de neurose. Presumo, todavia, que, para você também, atrás dessa palavra se encontre a vida humana inteira. Em todo caso, assim o é para mim. O id, que se mantém em misteriosa conexão com a sexualidade, o Eros, ou qualquer outro nome que se lhe queira dar, forma tanto o nariz como a mão do ser humano, assim como seus pensamentos e seus sentimentos. Manifesta-se tanto na pneumonia ou no câncer como na neurose obsessiva ou na histeria. E do mesmo modo que a atividade do id, aparecendo como histeria ou neurose, é objeto de tratamento psicanalítico, assim também o será a doença cardíaca ou o câncer. Em essência não existem diferenças que possam nos levar a aplicar aqui, e não lá, a psicanálise.

Circunscrevendo nesse ponto as pesquisas sobre a doença psicossomática ao campo psicanalítico, veremos, a seguir, que mesmo nesse campo posições diversas serão adotadas em relação a ela, tanto conceituais quanto na forma de tratamento, constituindo tanto um problema, quanto uma incógnita.

### **1.3 Breve Panorama das Teorias sobre a Doença Psicossomática na Orientação Psicanalítica – Principais Correntes**

O eixo condutor dessas elaborações será a distinção feita por Valas (1990) entre três grandes correntes dentro da pesquisa das doenças psicossomáticas na psicanálise.

1) A corrente que concebe a afecção psicossomática como detentora de um sentido, tal como o sintoma neurótico, o que significa atribuí-lo a uma causalidade psíquica (inconsciente), cujo representante inicial foi George Groddeck.

Para Groddeck, todas as doenças orgânicas se originariam de uma fonte psíquica, mais especificamente de um desejo inconsciente, por exemplo, um câncer do colo do útero seria a expressão de um desejo de um filho. Já Franz Alexander introduz a noção de neurose vegetativa, segundo a qual haveria um efeito direto dos afetos sobre o corpo, sendo a doença uma consequência de impulsões não satisfeitas, desviadas e reprimidas (VALAS, 1990). Entende-se aqui que o “desejo fundamental reprimido” durante muito tempo pode agir sobre o sistema endócrino e vegetativo e acarretar lesões corporais. Alexander fala, por exemplo, que uma pessoa que sofre de úlcera do estômago poderia padecer de uma “sede de amor”, a qual remontaria à primeira infância. Outros autores afirmam ainda que existe um laço entre uma doença psicossomática e uma característica de personalidade, por exemplo, a asma atacaria pessoas com dificuldades na decisão de se casar.

Essa primeira corrente partiria do princípio de que os afetos podem ser recalçados. A energia liberada pelo recalque desses afetos acarretaria lesões no corpo. Entretanto, como sublinha Valas (1990) essa tese de que o afeto pode ser recalçado é contrária à letra do texto freudiano. Ele nota ainda que tais autores designam esse processo ocorrido na produção das doenças psicossomáticas pelo termo “conversão simbólica”, tomando-o como uma novidade, o que na realidade, é a própria definição de conversão histérica. O autor entende que se essa corrente concebe o fenômeno psicossomático como detentor de um sentido tal como o sintoma neurótico, ela demonstra com isso uma confusão entre fenômeno e estrutura (sintoma).

2) A segunda corrente teórica proposta por Valas é aquela para a qual os fenômenos psicossomáticos não tem sentido. Esta é a posição da Escola de Psicossomática da Sociedade Psicanalítica de Paris, cujos representantes principais são R. Held, Marty, Fain, M'Uzan e David. Para eles, os fenômenos psicossomáticos se ligam a uma carência das atividades de representação, sendo esses situados fora-de-sentido; não obstante, traduziriam um sentido, o que seria, segundo Valas, um paradoxo no seu raciocínio. Haveria lesão corporal porque a ausência de representação faz a libido e a agressividade se confundirem, transformando-se em energia pulsional indiferenciada, submetendo o corpo ao impacto direto das forças pulsionais liberadas. Essas, privadas do veículo das representações, passam diretamente ao órgão, lesionando-o, pois o “instinto” (sic) de morte destacado do “instinto” de vida continuaria um trabalho de sapa (abertura de fossos subterrâneos; buraco escavado ao pé do muro para

derrubá-lo) em profundidade sobre o corpo. Assim, conforme a Escola de Paris, o tratamento não consiste em encontrar um sentido para esses sintomas, mas atribuir-lhe um, construindo para esses pacientes um fantasma, empregando-se, para isso, a sugestão, a explicação e até a reeducação (VALAS, 1990).

3) A terceira corrente apresentada considera que os fenômenos psicossomáticos têm sentido próximo ao da conversão histérica, mas não “totalmente”. Seu expositor seria J.P. Valabrega. Segundo Valas (1990), Valabrega entende que o fantasma do doente é tomado no sintoma, sendo diferente do fantasma do neurótico, estando no corpo do sujeito, que pode chegar a não reconhecê-lo, como se essa manifestação psicossomática fosse estranha à sua vida. Para ilustrar, Valas (1990) utiliza o exemplo dado por Jacques Caïen: enquanto no neurótico o fantasma seria “ser sodomizado pelo pai”, o fantasma de efração (arrombamento, ruptura) corporal no psicossomático seria “ser penetrado”. A ação está presente, mas não o agente. Esses fantasmas se formariam num momento em que a relação simbólica com o meio não foi elaborada.

Para Valas (1990), Valabrega procurou evitar o impasse das posições precedentes, encontrando uma saída média entre a posição que faz da manifestação orgânica a expressão simbólica de um conflito e a que a situaria fora de toda simbolização. Conforme aponta, a saída de Valabrega é estender a noção de conversão, entendendo que há uma conversão psicossomática, sem, no entanto, discerni-la. O tratamento proposto por Valabrega visa dar segurança ao doente tentando restituir o sentido de suas relações com o mundo.

Em sua análise crítica, Valas (1990) considera que a descrição clínica desses fenômenos psicossomáticos feita por essas correntes é, em conjunto, homogênea, e sua teoria a partir dos conceitos freudianos é confusa - todas elas admitindo a seu modo a noção de um sujeito psicossomático específico, entendido aqui como uma categoria nosográfica particular. Quanto ao tratamento, parece que as três correntes concordam: esses doentes precisariam de uma terapêutica, visando reduzir a afecção pela interpretação, que vai da simples explicação à sugestão, sendo esses fenômenos qualificados de sintomas por todos, mesmo por aqueles que os situam fora de sentido.

Conforme se viu, a determinação da psicanálise como campo de investigação – o que implica um modelo, um paradigma que define uma abordagem teórica e metodológica - não é suficiente para estabelecer um estatuto consistente da doença psicossomática, uma vez que mesmo nesse campo psicanalítico reina uma espécie de confusão e de desacordo que, no nosso entendimento, centraliza-se nos conceitos fundamentais da psicanálise desde Freud: a conceituação de sintoma em psicanálise, e, em consequência, o estatuto do corpo.

Chegamos a pensar que essas teorias apresentam de forma latente uma ideia equivocada, “grandiosa”, do alcance da psicanálise para o tratamento das doenças, incluindo as psicossomáticas, e talvez ambicionando com isso, como sublinha Wartel (1990), alcançar uma redução última do real. Também Guy Clastres (2012), psicanalista do campo lacaniano, considera que “o imaginário do pensamento” de algumas pessoas, até mesmo psicanalistas, pode fazer crer que a cura psicanalítica nos protegeria da doença, como se tratasse de um seguro de vida – de certa maneira, um fantasma (delirante) da cura psicanalítica que o real vem desmentir.

Qual seria então o alcance da psicanálise para as afecções psicossomáticas, que, com alguns indícios em Freud e de forma mais evidente a partir de Lacan, leva a crer que se trata de doenças “limites”, que parecem evocar o poder do real, da pulsão, tanto mais do que nas neuroses? Por que os FPSs evocam o poder do real mais do que nas neuroses? Talvez porque, nas neuroses o real se amarre com o simbólico na estrutura do sintoma e no FPS não possamos falar de sintoma. É um fenômeno, um real desgarrado do simbólico.

Paralelamente às citadas correntes de pesquisa no campo psicanalítico, Jacques Lacan, no interior de seu ensino que tem Freud como referencial de leitura, abre algumas perspectivas de abordagem de compreensão da afecção psicossomática. É essa perspectiva que nos orientará na questão do modelo conceitual próprio às doenças psicossomáticas na psicanálise, especialmente a diferença entre o sintoma e o fenômeno psicossomático, no que diz respeito à exigência de satisfação pulsional e seus caminhos de derivação, em que parece se circunscrever a questão da escrita.

Nesse percurso será necessário relançar a questão da escrita, do sintoma e do corpo na psicanálise, reexaminando seu estatuto nesse campo e, por essa via, verificar sua implicação nos fenômenos psicossomáticos, e, com isso, interrogar sua possibilidade de tratamento em psicanálise.

Conforme afirmamos anteriormente, é nossa hipótese que, a exemplo das neuroses traumáticas, as afecções psicossomáticas podem se caracterizar por um “esquecimento impossível” das cenas traumáticas que voltam por não serem inscritas no discurso da memória inconsciente. Porém, diferentemente das primeiras que retornam como imagens vivas (alucinatórias), as afecções psicossomáticas podem talvez retornar como traços vivos marcados na carne.

Optamos por abordar inicialmente o trabalho de alguns autores do campo psicanalítico de orientação lacaniana e apresentar, na sequência, uma leitura detida das referências de Lacan sobre as doenças psicossomáticas a partir de seu próprio texto.

Pretendemos, com isso, além de situar o contexto atual e a inserção histórica e conceitual das pesquisas nessa orientação, apresentar a posição de alguns autores sobre os elementos conceituais que podem ser usados para circunscrever o fenômeno psicossomático na obra e a partir da obra de Lacan.

Entre esses elementos, a escrita (no corpo) demonstrará, para nós, ser um campo promissor de pesquisa.

#### **1.4 A Doença Psicossomática na Orientação Lacaniana**

A pesquisa sobre a doença psicossomática no campo lacaniano se origina por iniciativa de um de seus alunos – Jean Guir –, que faz um depoimento a esse respeito, juntamente com Patrick Valas, em uma entrevista à Revista de Psicanálise do Campo Freudiano no Brasil, Correio do Simpósio (GUIR; VALAS, 1989).

J. Guir tem formação médica e durante sua análise com Lacan, antes de se tornar analista, estabeleceu uma clínica de acupuntura “para ganhar a vida”, após se retirar de um trabalho de pesquisa e formação eminentemente médica no Instituto Pasteur. Nesta clínica, recebeu diversos casos, desde “neuróticos clássicos” até pessoas com doenças supostamente psicossomáticas variadas enviadas por colegas que trabalhavam em hospitais e que sabiam de sua formação analítica. Posteriormente, estabeleceu sua clínica psicanalítica e considera que um significante se acoplou ao seu nome fazendo com que muitas pessoas fossem procurá-lo em razão dos fenômenos psicossomáticos (FPSs).

Guir testemunha que verificou melhoras extraordinárias em seus pacientes, porém, ainda não compreendia seu mecanismo, o que o incitou a realizar, concomitantemente às suas consultas, uma pesquisa conceitual. Juntamente com outros psicanalistas do campo lacaniano, especialmente P. Valas, J. Guir introduziu o estudo da psicossomática no campo freudiano a partir dos recursos doutrinários encontrados no ensino de J. Lacan, fundando o Grupo de Pesquisas Psicossomáticas do Departamento de Psicanálise (GREPS) no interior dos trabalhos realizados no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (GUIR; VALAS, 1989).

Entre os autores que tratam do tema da doença psicossomática no campo lacaniano, optamos por destacar Jean Guir, pioneiro nessas pesquisas, Patrick Valas, Jacques-Alain Miller e Carole Devambrechies-La Sagna, seja porque em seus trabalhos (artigos ou livros) expõem e elaboram teórica e clinicamente os elementos principais da abordagem lacaniana da doença psicossomática, circunscrevendo seu campo com relação à linguagem na sua vertente significante e pulsional, ou porque nos servem para sublinhar, conforme já dito, a distinção

entre o conceito de sintoma analítico e fenômeno psicossomático, diferença essa fundamental para a compreensão da doença e para o seu tratamento.

Com isso, pretendemos, então, não só apresentar o panorama da doença psicossomática na psicanálise de orientação lacaniana, mas, sobretudo, destacar a escrita como o instrumento conceitual que norteará esta pesquisa, apresentando a concepção de que as afecções psicossomáticas revelam, nas suas manifestações, uma problemática específica com relação à dimensão real, pulsional do corpo onde se insere a questão da escrita.

Decidimos, assim, verificar qual seria a importância deste estudo ao relançar a indicação de Lacan (1975) a respeito dessa relação, conforme veremos adiante, procurando desenvolver a função da escrita e do corpo nos seus desdobramentos ou consequências nos FPSs.

Essa nossa proposta vai ainda, ao encontro do crescente interesse atual das pesquisas a respeito da escrita em psicanálise no campo lacaniano, pesquisas essas, que procuram extrair as consequências desse estudo para os fundamentos da psicanálise e da prática analítica.

Vejamos os trabalhos dos autores nomeados anteriormente em seus principais apontamentos e questões.

Jean Guir trabalhou sobre os FPSs em duas versões, como ele o diz. A primeira, apoiada nas elaborações de Lacan (1964/1985) no *seminário II* (1964), é a versão holófrásica do FPS. A holófrase<sup>1</sup> reduz o par significante ao S1 (ao Um), isto é, produz-se uma gelificação, uma colagem do significante, que com isso, perde seu estatuto significante e torna-se um sinal (palavras impostas, gozo imposto). Neste caso, para Guir, o significante holófraseado reencontra o corpo e produz o FPS. Guir indica que faz esse salto qualitativo da holófrase ao FPS, isto é, a holófrase produz o FPS -, como pôde observar em sua clínica: holófrases particulares que encontra no nível dos “umbigos do sonho”, do recalçamento originário (GUIR; VALAS, 1989). Na clínica, a metáfora da gelificação do significante se concretiza numa holófrase, encontrada num contexto particular no discurso analítico, como nas entrevistas preliminares ou na expressão de um sonho (GUIR, 1990).

Como exemplo, em vários casos o sujeito começa a falar a propósito de suas lesões, em estilo proverbial – certos enunciados particulares -, isto é, sentenças que o guiam na vida como se nesses pontos ele não mais estivesse em uma relação dialética ao Outro. São enunciados tais como - “aquele que não trabalha, não suja jamais as mãos” -, enquanto apresenta uma eczema nas mãos (GUIR; VALAS, 1989, p. 39). No caso clínico abordado por

---

<sup>1</sup> Termo que denota “enunciado formado por apenas uma palavra, equivalendo esta a uma frase” (INFOPÉDIA, 2013, *on line*).



Sagna (1996, p. 61), o paciente dizia (como traço comum encontrado nesses pacientes) “a gente é besta”, concepção da existência, neste caso, homogênea a seu modo de vida – ele é açougueiro que retalha e escalpa coelhos, enquanto apresenta uma séria e importante psoríase, placas que advêm em surtos.

Assim, nessa vertente da relação do FPS com a estrutura de linguagem, segundo Guir e Valas (1989), haveria uma conjuntura particular, um conjunto estrutural particular que comporia a história da lesão psicossomática. Pode-se então supor um determinismo de linguagem do FPS na história do sujeito, como a convergência de alguns significantes que emergem, por exemplo, datas particulares como significantes.

Neste mesmo sentido, em outro momento, Guir (1992) considera que, durante a vida de um sujeito, esses significantes precisos colocam em jogo o funcionamento de um gene ou uma bateria de genes que serão responsáveis pelas manifestações lesionais produzidas no decorrer dos FPSs. Do genótipo, apareceriam um ou vários genes nos fenótipos no decorrer da vida do sujeito.

A segunda versão do trabalho de J. Guir sobre o FPS se apoia na asserção de Lacan, na *Conferência de Genebra*, sobre a necessidade de abordar o FPS a partir de seu gozo específico. Essa versão trata então, de articular ao sujeito (à estrutura) o gozo implicado no FPS. Guir liga o gozo no FPS ao segundo tempo do fantasma “uma criança é batida”, em que haveria esse gozo particular de ser batido pelo pai; um gozo de ordem masoquista, ligado ao sadismo original. Esse gozo masoquista, autoerótico (do corpo próprio), é ao mesmo tempo imposto pelo pai, pois tem relação com a culpabilidade do gozo autoerótico (GUIR; VALAS, 1989).

Patrick Valas (1990), em especial, aborda duas questões derivadas do ensino do *seminário 11* de Lacan (1964/1985): se o significante induz a constituição do fenômeno psicossomático, esse fenômeno poderia ser qualificado de sintoma analítico? Seria possível conceber a doença psicossomática como uma manifestação de uma estrutura clínica específica, diferenciada da neurose, da psicose e da perversão, havendo, assim, um “sujeito psicossomático específico”?

Para Valas (1990), os fenômenos psicossomáticos dão testemunho do fracasso da estruturação subjetiva, uma vez que, mesmo sendo ligados a efeitos de linguagem, conforme o observa Lacan (1964/1985, p. 215), estão fora da dialética do significante ou das leis de linguagem. Isso porque Lacan considera que “a psicossomática é algo que não é um significante, mas que, mesmo assim, só é concebível na medida em que a indução significante, no nível do sujeito, se passou de maneira que não põe em jogo a *afânise* do

sujeito”.

A estruturação subjetiva consiste na alienação/separação, ou seja, duas operações lógicas da realização do sujeito no lugar do Outro em sua dependência significativa. Lacan (1964/1985) as desenvolve no contexto de seu ensino, no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

Conforme Valas, se nos fenômenos psicossomáticos, a *afânise* do sujeito não é acionada (conforme afirma Lacan), a alienação do sujeito não se realiza, tampouco a separação acontece. Isto se dá em razão de que a gelificação da cadeia significativa não deixa intervalo entre os significantes – o Outro não é barrado. Assim, o autor considera que não somente o sujeito não é representado por um significante para outro significante, mas, desde que não haja abertura dialética do desejo do Outro, a operação de separação também não pode se produzir. Valas conclui que se a causação do sujeito não chega a se concluir, não existe sujeito psicossomático que se possa particularizar (VALAS, 1990).

A ‘gelificação’ da cadeia significativa produz uma série de casos – fenômenos psicossomáticos, debilidade mental, psicose – em que a posição do sujeito é diferente. De acordo com Valas (1990), ao situar a doença psicossomática no limite de suas elaborações teóricas, Lacan não se decide em favor de um sujeito psicossomático, entendido aqui como uma categoria nosográfica (ou estrutura clínica) distinta das outras. É possível então que um sujeito neurótico, psicótico ou perverso apresente manifestações psicossomáticas.

Valas (1990) observa ainda que no *Seminário 11*, Lacan (1964/1985) recorre à experiência de Pavlov para demonstrar esse determinismo linguageiro sobre o corpo. Nessa experiência, o ruído do sinete é tomado como um significante, cuja sonoridade induz efeitos sobre o corpo do animal. Apresenta-se ao animal preso um estímulo que embora seja incapaz de saciar a sua necessidade biológica, porém no interesse dessa necessidade, pode transmutá-la num impulso de outra ordem, articulado ao desejo do Outro. A experiência evidencia o fato de que se introduz na organização orgânica dessa necessidade o corte do desejo do Outro, mesmo que o animal não compreenda o que lhe pede o experimentador. O Outro está presente na experiência e a lesão se produz na medida em que uma necessidade biológica for interessada na função do desejo.

Para Valas (1990) tudo se passaria como se o sujeito sentisse a imposição sobre si das significações confusas do discurso do Outro que, à força de se repetir, causaria trauma, e no lugar do compromisso sintomático S(A barrado), inscrever-se-iam as lesões corporais dos fenômenos psicossomáticos, fazendo curto-circuito no Outro.

Na asma, por exemplo, a necessidade vital de respirar seria perturbada pelo gozo

enigmático do Outro, que retornaria sobre o corpo sob a forma de angústia. Os asmáticos comprovam frequentemente essa angústia específica, equivalente à do pesadelo, e não somente ligada à dificuldade respiratória, pois ela a precede anunciando a crise (GUIR apud VALAS, 1990). A asma em crianças poderia ser engendrada pela perturbação de uma necessidade fundamental, tal como a necessidade alimentar, pelo desejo muito exigente da mãe.

Isso corresponde à indicação de Lacan (1954-1955/1991) no seminário 2, conforme veremos adiante, de que nos FPSs o investimento da libido se faz sobre o órgão próprio - investimentos intraorgânicos, autoeróticos -, nos quais não se pode distinguir a fonte do objeto, e que para Valas ficará como referência central de uma espécie de curto-circuito na montagem pulsional, sendo que os fenômenos psicossomáticos se produziram na vizinhança da pulsão.

Assim, Valas (1990) considera que na doença psicossomática há inscrição sobre o material apresentado pelo sujeito enquanto “ser corporal”. Esse material, não deve ser reduzido à lesão corporal apresentada pelo sujeito, mas à manifestação de um gozo confuso no discurso. Essa manifestação de um gozo perturba com uma insistência que permite afirmar que esse traço distingue uma lesão psicossomática de uma lesão puramente orgânica, a qual não exerce este efeito durável e insistente sobre o discurso do sujeito.

Assim como Valas, Miller (1990), apoiado nas elaborações de Lacan no *seminário 11*, destaca que o FPS, diferentemente do sintoma analítico, não estaria inteiramente no campo da linguagem, mas sim em seu limite; aderindo-se, entretanto, a esse campo por alguns traços.

Miller entende que, para situar esse limite, pode-se dizer que o FPS, de certo modo, contorna a estrutura de linguagem. O FPS seria um fenômeno do traumatismo, mal distinguido como evento histórico, biográfico, justamente porque não estaria transposto pela estrutura de linguagem, mas pelo contrário, diretamente inscrito. Tal fenômeno não põe em questão o desejo do Outro, mas, sim, opera um contorno do Outro.

O autor distingue então o FPS do sintoma, especialmente o histérico, em que essa relação ao Outro lhe é constitutiva, uma vez que sintoma, no sentido analítico, na definição que lhe atribuímos a partir do ensino de Lacan é

[...] uma formação do inconsciente que tem estrutura de linguagem, que supõe substituição, a qual chamamos de metáfora, em linguagem de retórica, e que, por aí, fica aberta ao deslocamento retroativo por reformulação, e a uma modificação pelo fato da emergência de efeitos de verdade. Tem, portanto, do sintoma, uma definição precisa e restrita (MILLER, 1990, p. 87).

Portanto, no campo psicanalítico lacaniano, o que é psicossomático, é chamado fenômeno para distingui-lo de sintoma.

O autor relembra, tal como Lacan (1964/1985) o afirma, que o FPS estaria inscrito numa série em que se incluem a debilidade infantil e a psicose (paranoia), pois tais casos

[...] se situam num nível em que o sujeito cessa de ser representado, e em que, de certo modo, falta a descontinuidade. São casos onde não estamos em presença de uma articulação significante, porém onde está em função a presença ou ausência de um significante unário, de um significante privilegiado - um S1, portanto, de certa forma, absoluto (MILLER, 1990, p.89-90).

Miller (1990, p. 90) observa a necessidade de qualificar esse S1 que está em questão nos FPSs, uma vez que esse conceito seria o pivô em torno do qual giramos para a compreensão de tais fenômenos.

Assim como Miller, também Sagna (1996) sublinha a diferença entre sintoma analítico e fenômeno psicossomático: o FPS não é como o sintoma, mensagem cifrada, retorno do recaiado que pode ser objeto de uma queixa no discurso do paciente. O sintoma analítico, estruturado pelas leis de linguagem denominadas condensação e deslocamento por Freud e metáfora e metonímia por Lacan, tem a substituição como seu modo de formação necessário. Sua natureza é mudar de sentido, para o sujeito, pela colocação em palavras, assim como pela interpretação, existindo, porém, no próprio sintoma uma satisfação que coloca obstáculo à sua mobilização.

Já a lesão psicossomática não obedece às leis da linguagem, não responde a uma estrutura metafórica, senão a uma alternância de presença e ausência (SAGNA, 1996). Para Sagna (1996) o FPS se desenvolve ao lado da estrutura do sujeito, da qual ele não é o produto, mas também não é absolutamente sem ligação com ela. A autora acentua que há na doença psicossomática a dimensão de algo que se mostra – *phainomenein*, do grego *phanómenon*: aquilo que aparece.

### **1.5 As Referências de Jacques Lacan**

Lacan aborda a questão dos fenômenos psicossomáticos no decorrer de seu ensino no Seminário 2, *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (LACAN, 1954-1955/1991); no Seminário 3, *As psicoses* (LACAN, 1955-1956/2008), no Seminário 11, *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, 1964/1985) e na *Conferência de Genebra sobre o sintoma* (LACAN, 1975). Nessas ocasiões faz alguns apontamentos

relacionados com sua diferença dos sintomas, bem como uma interrogação sobre sua pertinência estrutural. Deixa preciosas observações clínicas e apontamentos conceituais das quais se valem, além da autora dessa tese, diversos autores, conforme vimos, para produzir suas pesquisas.

Entretanto, visamos, sobretudo, nesta nossa pesquisa, desdobrar e investigar as afirmações de Lacan (1975) sobre os FPSs na *Conferência de Genebra* – é “algo da ordem do escrito”; “como se algo estivesse escrito no corpo”; “não sabemos lê-lo” -, afirmações estas que ele não explora. Apresentaremos assim, o panorama de suas elaborações desde o *Seminário 2* até a *Conferência de Genebra sobre o sintoma*, onde Lacan situa o FPS no registro da escrita.

No *Seminário, livro 2*, Lacan (1954-1955/1991) situa os fenômenos psicossomáticos como reações - “reações psicossomáticas dos órgãos”. Estas reações estão fora do âmbito das construções neuróticas, uma vez que nelas não se trata de uma relação ao objeto, mas de algo que está no limite das elaborações conceituais da psicanálise, algo “[...] em que se pensa sempre, de que se fala por vezes, e que propriamente falando não podemos apreender e que, no entanto está aí [...]” (LACAN, 1954-1955/1991, p. 127), tratando-se do simbólico, do imaginário, mas especialmente do real. Lacan considera que as relações psicossomáticas estão no nível do real.

Conforme Lacan (1954-1955/1991), uma distinção que dê conta dos órgãos envolvidos no processo propriamente psicossomático e que distingue também a neurose e o fenômeno psicossomático está marcada pela linha divisória constituída pelo narcisismo. Determinados órgãos estão envolvidos na relação narcísica, visto que ela estrutura ao mesmo tempo a relação do eu ao outro e a constituição do mundo dos objetos, e por detrás do narcisismo há o autoerotismo que é “uma massa investida de libido no interior do organismo”, cujas relações internas nos escapam.

Essas relações internas (o autoerotismo), que nos escapam na economia libidinal, seriam análogas à entropia, lei da termodinâmica. De acordo com Lacan (1954-1955/1991), embora se possa respeitar a lei que diz que há degradação de energia, não se pode quantificá-la, isto é, não conhecemos as equivalências energéticas que podemos apreender no interior de um organismo vivo, a não ser o metabolismo, o que entra e o que sai, isto é, “as quantidades de energia que o organismo assimila, por todas as vias, e aquilo que, levando tudo em conta – gastos musculares, esforços, dejeções – sai do organismo” (LACAN, 1954-1955/1991, p. 126).

Para Lacan (1954-1955/1991), os investimentos intraorgânicos, denominados

autoeróticos na psicanálise, desempenham um papel muito importante nos fenômenos psicossomáticos. Ele considera que se referir à erotização de algum órgão é uma metáfora produzida para expor a impressão que nos dá a ordem de fenômeno que está em jogo nas doenças psicossomáticas.

A relação narcísica (e as defesas do eu) se acha estritamente estruturada na relação ao outro, “na identificação possível com o outro, na reciprocidade do eu e do outro, em que o eu é o outro e o outro é o eu” (LACAN, 1954-1955/1991, p. 127). Lacan evoca que “a neurose está sempre enquadrada pela estrutura narcísica, mas como tal, ela está além, num outro plano [da representação]” (LACAN, 1954-1955/1991, p. 127).

No fenômeno psicossomático a referência ao narcisismo é fundamental, mas só o é na medida em que se considera o objeto como o próprio corpo. Nos investimentos denominados autoeróticos não se pode distinguir qual é a fonte e qual é o objeto, pois disso nada se sabe, mas se pode conceber que se trata de um investimento sobre o próprio órgão. Ao contrário, por exemplo, no voyeurismo-exibicionismo, no qual se trata de uma pulsão que tem sua fonte num órgão, o olho, mas o olho não é seu objeto. Do mesmo modo, no registro do sadomasoquismo sua fonte é um registro orgânico – a musculatura –, mas seu objeto não é a estrutura muscular, mesmo que tenha alguma relação com ela (LACAN, 1954-1955/1991).

No ponto de elaboração que Lacan está nesta época, o real, ao qual se referiu como mais propriamente ligado com o fenômeno psicossomático, é definido como “o que é sem fissura”, pois o nível do real, diz, a distinção entre exterioridade e interioridade não tem nenhum sentido. Sublinha que o que ensina desde as formulações de Freud acerca das pulsões é que “este real, para apreendê-lo, não temos outros meios – em todos os planos, e não somente do conhecimento – a não ser por intermédio do simbólico” (LACAN, 1954-1955/1991, p. 128).

Lacan (1954-1955/1991, p. 29) diferencia essa premissa da concepção da biologia cuja “petição de princípio” no início de sua investigação consiste em considerar um “*Umwelt* [fora] e um *Innenwelt* [dentro]”, o que implica na hipótese da adaptação preestabelecida, na noção de relações do ser vivo que se refletem com seu meio.

Para ele, na psicanálise, a distinção entre os aparelhos de relação com o real e os aparelhos não relacionais se efetua entre o que está incluído na relação narcísica e o que não está, na juntura do imaginário e do real (LACAN, 1954-1955/1991).

Depreende-se que é nessa juntura que se situa o fenômeno psicossomático. Conforme enunciado, situa-se no nível do autoerotismo, “estado hipotético de auto-encerramento que na teoria freudiana supõe-se ser o estado do sujeito logo no início” (LACAN, 1954-1955/1991,

p. 129), no nível do próprio corpo.

No Seminário, livro 3 (LACAN, 1955-1956/2008), a propósito dos sintomas (sic) hipocondríacos no caso de psicose que discutia, Lacan salienta que no fundo da relação psicótica pode-se ver alguma coisa de especial como fenômeno psicossomático, sendo esses, estruturados de forma diferente das neuroses, em que há “uma impressão ou inscrição direta de uma característica, e mesmo, em certos casos, de um conflito, no que se pode chamar o quadro que apresenta o sujeito enquanto ser corpóreo” (LACAN, 1955-1956/2008, p. 361).

Como exemplo, temos o caso em que uma erupção dermatológica, diferentemente tanto de uma lesão puramente orgânica quanto de uma construção neurótica (sintoma), pode se mobilizar em função de tal aniversário, de modo direto, sem intermediário, e, sem que uma interpretação possa marcar a correspondência com alguma coisa do passado do sujeito (LACAN, 1955-1956/2008).

Apesar de P. Valas (1990) apresentar um quadro importante da elaboração de Lacan sobre os FPSs no *seminário 11* e de suas próprias elaborações das quais nos servimos para expor o campo conceitual da orientação lacaniana a respeito desses fenômenos, pensamos ser necessário seguir o texto lacaniano à letra, com duas finalidades. Primeiro, detalhar e articular sua elaboração das operações da constituição do sujeito no campo do Outro – a linguagem. Em segundo lugar, como consequência, seguir rente os passos que o levaram a abordar os FPSs neste contexto, isto é, qual a relação da constituição do sujeito com a psicossomática. Correndo o risco de nos repetir em alguns pontos, esperamos esclarecer (e demonstrar) as articulações de Lacan acerca dos FPSs na sua relação à linguagem e ao desejo.

Como preâmbulo desta visada apresentamos o seguinte recorte:

O sujeito como tal está na incerteza em razão de ser dividido pelo efeito da linguagem, é o que lhes ensino, eu enquanto Lacan, seguindo os traços da escavação freudiana. Pelo efeito de fala, o sujeito sempre se realiza no Outro, mas ele aí já não persegue mais que uma metade de si mesmo. Ele só achará seu desejo sempre dividido, pulverizado, na destacável metonímia da fala. O efeito de linguagem está o tempo todo misturado com o fato, que é o fundo da experiência analítica, de que o sujeito só é sujeito por ser assujeitamento no campo do Outro [...]. É por isso que ele precisa sair disso, tirar-se disso, e no tirar-se disso, no fim, ele saberá que o Outro real tem, tanto quanto ele, que tirar-se disso, que se safar disso. É mesmo aí que se impõe a necessidade da boa fê, fundada na certeza de que a mesma implicação da dificuldade em relação às vias do desejo existe também no Outro (LACAN, 1964/1985, p.178).

No seminário, *livro 11*, no contexto das elaborações acerca dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan (1964/1985) articula como a linguagem aparelha o corpo. Elabora a constituição da estrutura pulsional, assim como a estruturação subjetiva no campo

do Outro. Em outros termos, o nascimento do sujeito no campo do Outro – a linguagem. Nesse contexto, aborda o que chama de efeito psicossomático, diferenciando-o de uma produção subjetiva, isto é, não envolve uma representação.

Lacan (1964/1985, p. 193) irá procurar deduzir uma topologia para apresentar a constituição do sujeito, na qual opõe dois campos – do sujeito e do Outro. “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder se presentificar do sujeito” – campo do vivo, onde o sujeito tem que aparecer e no qual se manifesta a pulsão. A pulsão, parcial, não representa a função de reprodução no psiquismo, só situa equivalentes atividade-passividade, não representando ser de macho ou ser de fêmea. Essa divisão torna necessário que as vias do que se pode fazer como homem ou mulher se coloque no campo do Outro, pelo roteiro do Édipo. Dessa forma, a sexualidade se deduz de outra coisa que não da sexualidade mesma - a sexualidade se instaura no psiquismo pela via da falta.

Duas faltas se recobrem: a falta que advém do “defeito central” na qual gira a dialética do sujeito, isto é, a relação de dependência do sujeito do significante do Outro; a falta real “que é o que o vivo perde, de sua parte de vivo ao se reproduzir pela via sexuada”, falta essa que é retomada pela falta significante. No amor, o sujeito procura não o complemento sexual, mas a “parte para sempre perdida dele mesmo, que é constituída pelo fato de ele ser apenas um vivo sexuado, e não mais ser imortal” (LACAN, 1964/1985, p. 195). Os objetos *a* são os equivalente do que foi subtraído do ser (LACAN, 1964-1985/1985, p. 186).

Nesse sentido, é por um logro que o vivo sexuado é induzido à realização sexual, uma vez que a pulsão, parcial, “é fundamentalmente pulsão de morte, e representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado” (LACAN, 1964/1985, p. 195). A libido é um órgão feito para encarnar a parte faltosa, órgão irreal (não imaginário) por se articular ao real de uma forma que nos escapa, por isso exige que sua representação seja mítica. Porém, esse órgão-libido se encarna, por exemplo, na tatuagem, escarificação. Entalhe que tem a função de ser para o Outro, situar o sujeito, marcando seu lugar no campo das relações de grupo e ao mesmo tempo apresentando uma função erótica.

Se Lacan (1964/1985, p. 195-196) marca que na relação fundamental da pulsão, o movimento é essencial, uma vez que a flecha que parte para o alvo só preenche sua função ao retornar ao sujeito, sublinha ainda que a dialética da pulsão se distingue da ordem do amor, assim como do bem do sujeito.

Para acentuar isso, elabora as “operações de classificação do sujeito em sua dependência significante ao lugar do Outro” (LACAN, 1964/1985, p. 196).

Da estrutura do significante, de onde tudo surge, se funda a função do corte, função



topológica de borda. Em outros termos, a relação do sujeito ao Outro se engendra num processo de hiância. O sujeito chamado ao Outro, vê a si mesmo aparecer no campo do Outro e que de lá retorna num processo circular dissimétrico, uma vez que retorna o significante (e não o objeto de satisfação esperado), “reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito”, ponto de partida do inconsciente – o fechamento (LACAN, 1964/1985, p. 197).

Lacan (1964/1985, p. 197) chama esse movimento, *fading* do sujeito ou *afânise*, movimento radical e letal de desaparecimento. É nesse sentido que na constituição do sujeito no campo do Outro, em seu nascimento, “a característica do sujeito do inconsciente é de estar, sob o significante que desenvolve suas redes, suas cadeias e sua história, num lugar indeterminado” (LACAN, 1964/1985, p. 198). Uma vez que o sujeito pode ocupar diversos lugares na rede significante, a interpretação não está aberta a todos os sentidos e só designa uma única série de significantes, conforme o sujeito estiver sob um ou outro desses significantes.

A primeira operação de constituição do sujeito, nomeada alienação, na qual pelo processo de borda, circular, se constitui o nó radical onde se conjuga a demanda e a pulsão (S barrado punção de D) - o grito -, assim como a fantasia (S barrado punção de *a*). A alienação, primeira operação que funda o sujeito, constitui o *Vel* que se suporta pela lógica da reunião matemática, onde reunião diz respeito aos elementos em comum a dois conjuntos. Essa lógica que implica “ou” - se define por uma escolha cuja propriedade é ter um elemento que comporta que qualquer escolha que se opere tenha por consequência “nem um nem outro”, isto é, se guarda uma das partes, a outra desaparece (LACAN, 1964/1985, p. 200).

No que diz respeito ao ser do sujeito que está sob o sentido, se escolhermos o ser, “o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso”; se escolhermos o sentido ficamos deceparados dessa parte de não senso que é o que constitui o inconsciente. Ou seja, o sentido que emerge no campo do Outro é eclipsado pelo desaparecimento do ser induzido pelo significante (LACAN, 1964/1985, p. 200). É nesse sentido que a interpretação analítica “não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes ao seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda conduta do sujeito” (LACAN, 1964/1985, p. 201).

O “ou” alienante está na linguagem, primeira alienação, “aquela pela qual o homem entra na via da escravidão” (LACAN, 1964/1985, p. 201). O exemplo esclarece: “*A bolsa ou a vida!* Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem bolsa, isto é, uma vida decepada” (LACAN, 1964/1985, p. 201) – fator letal.

A segunda operação de constituição do sujeito, a separação, “termina a circularidade da relação do sujeito ao Outro”, demonstrando uma torção. Está fundada na interseção ou produto e vai se situar na mesma lúnula onde se reencontra a hiância, a borda. A separação é constituída pelos elementos que pertencem aos dois conjuntos. *Separare* quer dizer engendrar-se, por no mundo.

A noção de intersecção surge do recobrimento das duas faltas mencionadas, onde a falta significativa encontrada pelo sujeito no Outro pela intimação de seu discurso, produz, nos seus intervalos, uma questão sobre seu desejo: na experiência da criança seria “*ele me diz isso, mas o que ele quer?*”, enigma do desejo do adulto. O intervalo que corta os significantes faz parte da estrutura do significante, é a morada da metonímia e o furão do desejo (LACAN, 1964/1985, p. 202-203).

O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, e todos os por-quês? (sic) da criança testemunham menos de uma avidez da razão das coisas do que constituem uma colocação em prova do adulto, um por que será que você me diz isso? Sempre re-suscitado de seu fundo, que é o enigma do desejo do adulto (LACAN, 1964/1985, p.203).

Na medida em que na dialética dos objetos do desejo do sujeito com o desejo do Outro, o desejo não é respondido diretamente, engendra a falta precedente. “É uma falta engendrada pelo tempo precedente que serve para responder à falta suscitada pelo tempo seguinte” – operação lógica nova e fundamental da não reciprocidade e da torção no retorno (LACAN, 1964/1985, p. 203).

Retomando sumariamente as duas operações de constituição do sujeito no campo do Outro:

A alienação articula-se num *Vel* no qual se inscreve a dupla significante mínima - “não há algo...sem outra coisa” (não há *Fort*, sem *Da*, em referência ao jogo observado por Freud (1920/1987) em *Além do princípio do prazer*). De acordo com Lacan (1964/1985, p. 206), se Freud observa que o recalçamento cai sobre algo que é da ordem da representação denominado por ele *Vorstellungsrepräsentanz*, ele, Lacan, a identifica em seu ensino como o acasalamento dessa primeira dupla significante, nos mecanismos originais da alienação. Isso lhe permite “conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante”, outro significante que tem por efeito a *afânise* do sujeito (LACAN, 1964/1985, p. 205-207).

Resulta na divisão do sujeito que, quando “aparece em algum lugar como sentido, em

outro lugar ele se manifesta como *fading*, como desaparecimento”. Há então, “[...] questão de vida e de morte entre o significante unário e o sujeito enquanto significante binário, causa de seu desaparecimento. O *Vorstellungsrepräsentanz* é o significante binário” (LACAN, 1964/1985, p. 207). Esse significante se constitui como o ponto central do recalque, o ponto de atração de todos os outros recalques.

Pela separação, o sujeito encontra o ponto de retorno do *Vel* da alienação (“o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante”) no intervalo entre esses dois significantes onde mora o desejo que se oferece como balizamento ao sujeito no discurso do Outro – no caso, o primeiro Outro, a mãe. Isto porque, seu desejo está para alguém ou além no que ela diz e faz surgir como sentido, e, na medida em que seu desejo é desconhecido, nesse ponto de falta é que se constitui o desejo do sujeito (LACAN, 1964/1985, p. 297).

Assim, por esse processo de engano, de torção, o sujeito reencontra o ponto inicial que é sua falta, sua *afânise* (LACAN, 1964/1985, p. 207). Em uma análise, o sujeito tem que se libertar do efeito *afanísico* do significante binário, função da liberdade (LACAN, 1964/1985, p. 208). Em suma, sublinha Lacan (LACAN, 1964/1985, p. 209): “Não há sujeito sem, em alguma parte, *afânise* do sujeito, e é nessa alienação, nessa divisão fundamental, que se institui a dialética do sujeito”.

No contexto desses aportes sobre as operações de constituição do sujeito, Lacan desenvolve algumas importantes ideias acerca dos efeitos psicossomáticos.

Na psicossomática, ou melhor, nos efeitos psicossomáticos, reside uma questão sobre a função do Outro, esse lugar do *Vorstellungsrepräsentanz* ou significante binário. Isto porque, nesses efeitos nomeados psicossomáticos, “a indução significante, no nível do sujeito, se passou de maneira que não põe em jogo a *afânise* do sujeito” (LACAN, 1964/1985, p. 215). Isto é, não produziu sua falta – significante.

Lacan considera que o fenômeno psicossomático não é um significante, mas mesmo assim, pensa que ele só é concebível considerando a indução significante. Seria isso que o faz dizer que a psicossomática é ‘em aparência’, muito afastada do domínio da psicanálise (LACAN, 1964/1985, p. 215). De alguma forma o significante participa dos efeitos psicossomáticos.

A psicossomática não pode ser concebida como advinda de um duplo psíquico para tudo que se passa no somático, sublinha Lacan, uma vez que uma necessidade pode estar interessada na função do desejo: “se falamos de psicossomática é na medida em que deve aí intervir o desejo”, o elo do desejo fica conservado mesmo que não seja possível identificar a *afânise* do sujeito (LACAN, 1964/1985, p. 215).

Na experiência do reflexo condicionado de Pavlov realizada em um cão, Lacan extrai certas consequências para pensar sobre os efeitos psicossomáticos na vertente do significante e do desejo. Ele observa que o reflexo condicionado só é possível porque o exercício de uma função biológica não é unificante, mas desmontável, isto é, mais de um órgão interfere nessa função.

Portanto, quando o experimentador faz secretar seu cão à vista de um pedaço de carne, recorta, a partir daí, a região da secreção salivar e mostra que esta é articulável a algo – no caso, o sinete - que funciona como significante uma vez que é feito pelo experimentador. E, sendo assim, está aí o Outro. Mas no nível do animal, que consegue perceber uma diferença a título de frequência pura (a 100 incitações visuais reage com 100 incitações auditivas), não se trata de uma representação, mas de percepção. No animal, os significantes (que são os nossos porque os escalonamos em percepção), traduzem uma espécie de equivalência (LACAN, 1964/1985, p. 214-216).

Se a alienação se produz - o significante é o que representa o sujeito para outro significante -, resulta que no nível do outro significante o sujeito se desvanece, por isso o *Vorstellungsrepräsentanz* é o  $S_2$  da dupla. É a essência da linguagem, a qual “não reduz a função do significante à nomeação, isto é, uma etiqueta colocada sobre uma coisa”. Por isso, é possível situar que na experiência do reflexo condicionado não é a associação de um signo a uma coisa. Associa-se um significante que faz o corte – corte do desejo - na organização orgânica da necessidade, e com isso, são produzidos ciclos de necessidades interrompidas. Mas, se a experiência pode provocar desordens, problemas no cão, não sendo ele um ser falante, “ele não é chamado a por em questão o desejo do experimentador” (LACAN, 1964/1985, p. 223-224).

Enfim, para Lacan (LACAN, 1964/1985, p. 224-225), o interesse essencial da experiência de Pavlov é permitir situar que se deve conceber o efeito psicossomático como a ausência de intervalo entre  $S_1$  e  $S_2$ , quando a primeira dupla se solidifica, se holofraseia.

Observa essa condição em uma série de casos: na criança débil que a mãe reduz a ser suporte de seu desejo num termo obscuro; na psicose, na qual a solidez, o apanhar a cadeia primitiva em massa proíbe a abertura dialética, isso se manifestando no fenômeno da crença – na paranoia, ausência de um termo da crença em que se designa a divisão do sujeito. Entretanto, nessa série, não se trata do sujeito ocupar o mesmo lugar (LACAN, 1964/1985, p. 225).

Para Lacan, portanto, a psicossomática é um efeito, fenômeno que não tem relação com as estruturas clínicas neurose, psicose, perversão, sendo possível produzirem-se esses

fenômenos psicossomáticos em qualquer dessas estruturas.

Em vista destas elaborações de Lacan, conclui-se que, se nos efeitos psicossomáticos não podemos dar conta da falta, da *afânise* do sujeito, temos neles uma das espécies de acidente no interior da *bejahung* como evoca Lacan (1955-1956/2008) no seminário, livro 3, *As psicoses*.

E, deste modo, se o ser falante, diferentemente do animal, é chamado pela palavra a por em questão o desejo do Outro, desejo e Outro que fundam o inconsciente no sujeito, as desordens na organização orgânica da necessidade, fundamento primeiro onde se inscreverá a demanda (pulsional), esta ‘espécie de acidente’ representará para o *fallasser* consequências no caminho do próprio desejo e da pulsão.

Trata-se nesse Seminário 11, de uma abordagem do FPS pela vertente do significante e do desejo, na qual Lacan procura dar conta da simbolização primordial. O que fica fora dela, que Lacan (1972-1973/1985) posteriormente nomeia gozo Outro, estaria implicado na linguagem, mas seria uma ordem de escrita que não passa pela dialética significante.

Parece que no FPS, algo da pulsão não se representou no inconsciente para entrar na cadeia significante. Ficou livre, pulsão não ligada, porém, fez uma marca ‘Thanática’ no corpo.

Mesmo dependendo da estruturação subjetiva – do significante – os FPSs parecem ser fenômenos ‘à parte’ ou ao lado da estrutura, e é essa dimensão “à parte” que queremos explorar.

Foi somente em 1975, na *Conferência de Genebra sobre o Sintoma*, no contexto das discussões com o público, que Lacan observou que os FPSs são “da ordem da escrita” - como se algo estivesse escrito no corpo como um enigma perante o qual nada entendemos, isto é, enigma que não sabemos ler, diferentemente do sintoma que é passível de leitura:

Certamente que se trata de um domínio mais que inexplorado. Finalmente, é de todo modo, algo da ordem do escrito. Em muitos casos, não sabemos lê-lo. Teria de dizer aqui alguma coisa que introduzisse a noção de escrito. Tudo se passa como se algo estivesse escrito no corpo, alguma coisa que nos é dado como um enigma. Não é de modo algum surpreendente que tenhamos como analistas essa sensação [de não haver alcançado o registro do simbólico] (LACAN, 1975, p. 14).

Se nas *Conferências de Genebra* (LACAN, 1975) Lacan afirma que o FPS é uma escrita ilegível no corpo, ele não explora este tema: “[...] teria de dizer aqui alguma coisa que introduzisse a noção de escrito”. Que escrita e que corpo seriam esses dos FPSs? Porque não sabemos lê-lo?

Queremos assim, marcar essa dimensão da escrita e do corpo do FPS e explorá-la,

desdobrando essas afirmações de Lacan no percurso do nosso trabalho.

Nossa hipótese, a partir dessa indicação de Lacan, será pontuada a seguir.

### **1.6 Avançando um Ponto a Mais: a Tese**

Esperamos ter estabelecido até aqui um panorama adequado em seus fundamentos principais das pesquisas sobre os FPSs na orientação lacaniana.

Resumindo, dissemos que a pesquisa em psicanálise acerca do corpo desde sua fundação por Freud se insere no contexto do tratamento de doenças, tais como a histeria (sintomas) e a angústia (afeto), uma vez que essas se manifestavam em expressões corporais, padecimentos corporais.

As doenças ditas psicossomáticas também se apresentam clinicamente no corpo, mas têm um lugar de exceção no estatuto psicanalítico freudiano e lacaniano de sintoma, assim como da angústia. Seu principal diferencial clínico é a presença de lesões que também tem lugar de exceção no campo médico, pois, embora perfeitamente orgânicas, uma vez que há sempre um dano histológico, suas características não correspondem às das lesões de causa puramente orgânica, tais como sintomas de gradação variável, evolução imprevisível, podendo se agravar ou simplesmente desaparecer, aparecendo em surtos sucessivos cujas manifestações podem se alternar, intercambiar-se, conjugar-se. É, assim, um problema para a medicina.

Conforme vimos, no campo lacaniano, as doenças psicossomáticas são consideradas fenômenos, uma vez que não obedecem às leis de linguagem como o sintoma; não respondem a uma estrutura metafórica, senão a uma alternância de presença e ausência.

Apesar disso, sabe-se, apoiados no ensino de Lacan e seus apontamentos a respeito desses fenômenos (*Seminário 11*), que a lesão pode ser induzida por um significante ou conjunto de significantes, constituindo assim a ideia de que estaria ligada de alguma forma ao inconsciente, à cadeia de linguagem, porém não dialetizável, holofraseado, solidificado. Apresentam esses fenômenos um gozo – “gozo específico” -, diferenciado do gozo do sintoma, uma vez que correspondem a uma “reação de órgão”. É uma escrita no corpo “que não se sabe ler”, isto é, escrita que parece ilegível, intraduzível.

Constituem-se, por isso, em um problema conceitual e clínico também para a psicanálise que pode ser assim colocado: Qual é a função do escrito e o estatuto da leitura? O que é ler em psicanálise? Em outras palavras, para que serve escrever? Se uma escrita é feita para não esquecer – é um registro mnemônico -, o FPS é uma escrita no corpo que talvez

tenha justamente essa finalidade – não esquecer. Não pode esquecer porque não foi recalçada, uma vez que está fora do inconsciente.

Mas por que esse registro tem que estar no real do corpo na forma de lesão, sendo assim algo que parece intraduzível? Se as fixações (libidinais) contam uma história que se registra no inconsciente como uma “fixação” – uma ficção que fixa e esquece porque já entrou nesta história –, nos FPSs ocorre uma fixação do gozo – “fixação” que não se torna ficção porque não articulada à cadeia ou série significativa e que, portanto, não pode contar sua história.

Os fenômenos psicossomáticos parecem mostrar no corpo uma escrita apenas como marcas registradas que não se inserem numa história, numa escrita de uma história libidinal capaz de ser contada, reconstruída, como nos sintomas neuróticos.

Em outros termos, nos FPSs, há um registro de gozo que causa efeitos, mas não se inscreve na dimensão significativa, por isso Lacan (1975) nessa *Conferência de Genebra* chama o gozo nesses casos de “um modo específico de gozo”.

Este trabalho visa investigar o fenômeno psicossomático como algo que aponta para um limite da linguagem em suas relações com o corpo, e que justamente coloca em questão os limites de possibilidade do método psicanalítico. Se o FPS for uma escrita que não se sabe ler, importa saber qual é o estatuto da escrita e da leitura em psicanálise.

Importa investigar também o FPS como apontando para um modo específico de gozo, independente da estrutura psíquica. No FPS ocorre que a pulsão não se liga a um representante para entrar no inconsciente? Qual a razão disso? Há algo que ocorre aí, que não interfere na estruturação, mas fixa no corpo e produz efeitos - algo da pulsão é registrado no corpo como uma escrita que não entra na dialética da palavra.

Conforme mostramos em nosso breve panorama sobre os FPS, existem muitas divergências dentro do campo psicanalítico, não só conceituais, mas, sobretudo, em relação às formas de intervenção possíveis na clínica. Alguns autores como Groddeck e Alexander consideram viável uma *interpretação* dos FPS, como decifração de um sentido latente; outros, como Marty, M'Uzan e David, admitem que há uma ausência de simbolização em jogo, o que exigiria que se mobilize a *construção* de um sentido para o doente; outros, como Valabrega, consideram ainda desejável encontrar uma terceira via. Sem ainda incluir Lacan nessa série, acreditamos que esse mapeamento sumário das diferenças entre as escolas já nos indica o quanto o campo dos FPS é, de fato, um território repleto de incógnitas.

Abordando mais estritamente as contribuições de Lacan sobre o tema, pode-se observar que os FPS representam um desafio tanto teórico quanto clínico:

Um desafio teórico, na medida em que os FPS permitem abordar uma questão fundamental para a psicanálise, que diz respeito ao modo de inscrição da linguagem no corpo. O FPS sinaliza para algo no corpo que está fora, mas fora de quê? Não está totalmente no registro biológico, porém tampouco se inscreve no inconsciente como significante. Desta forma, as pesquisas sobre os FPSs podem contribuir para entender como a linguagem marca o corpo. Avançar em direção ao constitutivo significa contribuir para os fundamentos da teoria do corpo e da escrita na psicanálise.

Um desafio clínico, na medida em que, até hoje, discutem-se quais as intervenções possíveis nos casos de FPS. Evitando-se tanto a interpretação quanto a atribuição de um sentido tal como fazem as outras correntes, é preciso saber se é possível e como é possível, amarrar, engatar o FPS na articulação significante, encaminhando o tratamento analítico.

Apresentaremos a seguir, duas escritas da clínica psicanalítica que demonstram o FPS como uma escrita ilegível no corpo e seu desdobramento no curso do tratamento psicanalítico.



## CAPÍTULO 2

### A CLÍNICA E A PESQUISA EM PSICANÁLISE: SEMPRE DO SINGULAR

*A pesquisa explora como um sujeito traz sua contribuição ao que torna a humanidade mais humana [...]. Pois o que o sujeito trata não são apenas os limites da arte ou da ciência, mas o que ele próprio é como objeção ao saber: [...] como o sujeito inscreveria no social, o mais particular de seu ser de gozo, sem dissolver essa particularidade no mesmo social (sob a forma de um saber científico universal, por exemplo, ou “cedendo de seu desejo”, etc.), e sem que o laço social se esmigalhe em tantos sujeitos? (SAURET, 2003, p. 98).*

Se o método científico solicita a produção de um saber universal, o método psicanalítico produz um saber singular, particular – a escrita da história de um sujeito e os significantes que a fizeram (portanto, inconsciente), o gozo (Um saber do gozo Um) onde se enraizaram e a extração do desejo que o habita. Uma análise produz, portanto, um saber que não é transferível para todos (PÉREZ, 2010).

Como demonstrar e debater no coletivo o saber produzido pela investigação psicanalítica, o mais próprio de um sujeito? Aquilo que não se universaliza e, no entanto, é comum ao humano? O com-um de todos?

Essas questões sobre a pesquisa psicanalítica e a transmissão em psicanálise que constituem a base das instituições analíticas, também se apresentam na universidade. A pesquisa psicanalítica na universidade reproduz este paradoxo, indicado na epígrafe, sublinhado por Marie-Jean Sauret.

E o que a pesquisa psicanalítica explora senão este laço entre o um e o coletivo? Já não disse Lacan (1945/1988) que, se a verdade é de cada um, só se a toca no coletivo? Não será este o valor da pesquisa, tanto na clínica quanto na universidade?

A pesquisa psicanalítica explora a contribuição que um sujeito traz na construção de um saber que possa ser transmissível já que não há saber portátil, que possa ser portado por um só (LACAN, 1967/2003a, p. 358, grifo nosso). “*Daí a sua associação com aqueles que só partilham com ele esse saber por não poder trocá-lo*”.

Só partilham, não podem trocá-lo, uma vez que, como ressalta Lacan (1972-1973/1985), o saber, quanto ele custa, para tê-lo é preciso empenhar a própria pele. Saber que tem valor de uso, mas não tem valor de troca – não se faz comércio. É um saber que já há no Outro, que é a prender, a ser tomado, por isso, feito de aprender que na “[...] fundação de um saber é que o gozo de seu exercício é o mesmo de sua aquisição” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 130). Portanto, “[...] não se importa nem se exporta isso. Não há informação que fique,

senão da medida de alguém formado no uso” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 131).

O que a psicanálise ensina e pode transmitir será tributário daquilo que uma análise ensinou a um sujeito. Lacan bem o disse - o *Isso* não se importa nem se exporta. Mas o saber d’Isso, do gozo em si, do gozo do si, este saber não é ético ser portado por um só. Porque Isso fala. É então transmissível. A justa medida de sua transmissão “[...] atinge o seu objetivo quando de seu umbigo de intransmissível saem letrinhas provenientes da história significante do analisante” (PORGE, 2009, p. 258).

Assim, quem transmite é o analisante. O analista uma vez havendo realizado em si um saber, conduz uma análise e uma pesquisa com valor de semi-dizer de verdade. Isto porque entre o que o analista escreve de uma análise que ele conduziu e aquilo que o psicanalista pode ler de sua análise, há um hiato. Neste hiato, está o permanente de uma pesquisa, o não-todo do saber e da verdade; “uma lógica do não-todo (fálico), do incomensurável da relação do Um ao outro, ligada à repetição [...]” (PORGE, 2009, p. 257).

É neste sentido que Porge (2009, p.257) afirma que “[...] a oposição teoria-prática se dissolve na prática do estilo e dá lugar à relação incomensurável entre a verdade (do analisante e do analista) e o saber (textual e referencial oriundo da prática da verdade), em ligação [...] com o sintoma, lugar de exílio da relação sexual”.

Se nos falta nesse hiato, uma representação toda de verdade, é uma questão que “aponta um vazio de representação, admite a multiplicidade, o que pode contribuir para o progresso da psicanálise” (PÉREZ, 2014, p.329).

O que o analista escreve sobre uma análise, a pesquisa que faz formalizando o vivido, tem, portanto, a pertinência de fazer avançar, talvez, a doutrina.

Neste hiato se insere o tema desta tese: a partir da clínica de dois casos de FPS – um escrito pelo próprio analisante e outro fruto da elaboração do analista -, contribuir para o avanço da pesquisa sobre estes fenômenos. Não visando tamponar o furo no saber, mas a partir dele, a partir da falta, fundar algo de um saber transmissível. E mesmo este saber que possa ser fundado, manterá um furo, uma inconsistência que causará, talvez, novos saberes, na medida em que a inconsistência de um sistema demonstrado, não o invalida, como demonstra o teorema do matemático Gödel, mas causa a abertura de outro.

Portanto, a universidade, guardiã do saber universal, também abriga o saber oriundo da psicanálise. Porém, em psicanálise não há como desatrelar da pesquisa clínica, essa, sempre do particular. Afinal o único que justifica sua intervenção é que as pessoas sofrem (LACAN, 1964/1985). Fazer circular este saber do singular, formalizá-lo como práxis da doutrina é por à prova a doutrina como tal e quiçá, contribuir para seu progresso. Circulação

de saber cujos efeitos poderão ter na tese a pertinência de cernir questões no seu afazer clínico. No coletivo, que proporcione a discussão entre seus pares.

Na universidade, assim como nas instituições analíticas, tratar-se-ia de uma “comunidade de experiência” (LACAN, 1967/2003b) na qual se compartilha o saber sobre a experiência, mas não a própria experiência, uma vez que essa não tem como ser compartilhada. A tese decorrente do trabalho de pesquisa seria uma das modalidades de transmissão desse saber que não pode ser portado por um só.

Para Maria Cristina Poli (2012, p. 77),

[...] no trabalho de pesquisa que Freud conduz esses muros entre o singular e coletivo, entre clínica e cultura, dobram-se de um jeito que produzem tensões, mas sem perder a permeabilidade. A condição do trabalho de escrita e produção em psicanálise na dobra do espaço entre instituição analítica e universidade indica algo dessa mesma ordem.

No que diz respeito ao lugar e função do caso clínico nas produções analíticas, “[...] o trabalho de pesquisa opera [na] tensão, [na] interface de recobrimento impossível ente o simbólico dos significantes disponibilizados pela teoria psicanalítica e o real da clínica” (POLI, 2012, p. 87).

Desde a fundação da psicanálise, Freud (1927/1987, p. 291) afirma “o laço inseparável entre cura e pesquisa”, na qual, ao tratar um paciente, seria impossível não “aprender algo de novo” – conjunção assegurada unicamente pelo método analítico.

Na psicanálise, “[...] não se pesquisa para comprovar o que já sabe”, mas para “dar um testemunho de um encontro com o real, com esse ponto da experiência que resiste ao saber [...]” (POLI, 2012, p. 88), “[...] resiste a ser posto no discurso, a ser incluído no trabalho do conceito” (POLI, 2012, p. 87).

Desse modo, fazemos o voto de que não só o casos clínicos que apresentaremos, mas também o percurso construído para responder às questões que nos trazem, resulte em uma escrita “que vem de outro lugar que não do significante, [...] que provém do discurso analítico que encontra seu *habitat* em uma topologia do gozo” (PORGE, 2009, p. 258) – tarefa nada fácil, mas “condizente com o propósito da posição analítica [...] de construir uma pequena borda que permita a nomeação de um ponto do real que nos é dado testemunhar em nossa experiência” (POLI, 2012, p. 92).

De qualquer modo, realizar “uma invenção não tanto de objetos novos, mas de novas maneiras de dizer” (PORGE, 2009, p. 257).

## 2.1 O Caso como Questão

Abordaremos nesta tese, como já mencionado, dois casos clínicos. Ambos trazem como questão clínica, a natureza e a abordagem pela psicanálise da patologia apresentada.

Trata-se, a primeira, de um diagnóstico médico de lúpus, inflamação crônica da pele, caracterizada por ulcerações ou manchas; a segunda, do que é nomeada dermatite atópica pelo saber médico e definida como uma doença crônica de pele que apresenta erupções que coçam e apresentam crostas.

No primeiro caso, o aparecimento do fenômeno após a morte do pai - manchas - conforme relato a ser apresentado (recorte da escrita de uma análise feita no procedimento do passe), colocou a vida da paciente em risco e mobilizou-a em busca de uma análise.

O segundo caso apresenta o tratamento feito por um analista por muitos anos (discutido também por muitos anos, em um grupo de estudos informal do qual a autora desta tese faz parte, destinado a discutir os FPSs) e, portanto, nele nos alongaremos mais. Neste caso o sujeito apresentava uma extensa lesão na pele que, como um fenômeno, aparecia e desaparecia cada vez mais intenso e abrangente, restringindo a vida da paciente (criança de nove anos) e causando dor e sofrimento físico e moral.

Ambos os fenômenos tinham características da ordem dos fenômenos psicossomáticos, e, como tais, considerados a princípio, inscrições ilegíveis, inacessíveis à palavra. Poderiam tornar-se legíveis? Poderiam mover-se (constituir-se como um sintoma analítico) pela análise?

Para Colette Soler (1996, p. 68), é sempre incidental a mobilização do FPS pela análise. Veremos que no primeiro caso, o relato de uma análise feita no procedimento do passe, o FPS (lúpus) é considerado como uma inscrição ilegível até que algo passou ao inconsciente e pôde ser lido a partir de um ato analítico. No segundo caso, a paciente fez um primeiro tratamento analítico que não moveu o fenômeno, havendo mobilização no segundo tratamento o qual apresentaremos adiante.

Essa tese se desenvolverá a partir dessas indagações sobre a escrita, a leitura, a letra – marca de gozo – e a incidência do Outro.

Deste modo, a questão para além destes casos, onde se enlaça o particular com o universal é a formalização, não só do discurso analítico em um caso, mas de um aspecto da doutrina psicanalítica: o que seria a escrita e o corpo do FPS? O FPS se localizaria como “nova demanda” o que exigiria nova clínica psicanalítica?

Segue a apresentação dos casos mencionados.

## 2.2 O Depoimento: o Resíduo de uma Análise

O que temos é uma referência a um relato de passe onde um fenômeno psicossomático é mencionado (CALDAS, 2014) e o próprio relato (FUENTES, 2012).

Caldas (2014), em seu artigo *Da cifra à letra: uma leitura do ilegível no corpo* refere-se ao relato de passe feito por Araceli Fuentes, onde destaca a “presença enigmática”, “[...] a escrita bizarra do fenômeno psicossomático enquanto cicatriz congelada do confronto com o real do gozo” (CALDAS, 2014, p. 106). Neste relato, Araceli Fuentes conta da emergência de uma doença do sistema imunológico, lúpus.

Recortamos do relato de Araceli Fuentes (2012), o que toca ao fenômeno psicossomático: após a morte de sua mãe, quando contava com oito meses de vida, ouvia, mais tarde, das vizinhas uma frase – na época escutada como uma sonoridade só: “*Ai! Sesuamãeavisse*”, que provocava em seu corpo “*um grande mal estar*”. Esta frase, esquecida passados os anos, transmutou-se em um “*pressentimento de um perigo*” que a atormentou quando seu pai adoeceu. Após a morte do pai, relata nada sentir, “*em um estranho estado de congelamento*”. Pouco tempo depois, uma doença do sistema imunológico se desencadeou, ameaçando sua vida.

Na sequência, encontra o amor, decide então “*agarrar-se à vida*”, e resolve buscar uma análise. Inicia sua análise com esta sonoridade “*sesuamãeavisse*” e o “*mal estar que produzia*”, bem como com um sonho onde a analista pronunciava o nome de sua doença - lúpus -, examinando sua garganta. Nesta cena do sonho ela queria que a analista visse, olhasse a doença nas manchas da pele. Assim, “*havia começado a análise falando dessa escritura real e ilegível [...]*”.

Interpreta que mostrar no próprio corpo a mancha, colada à demanda por um olhar, corpo da mãe morta, lhe ameaçava a vida. Porém, até então inscrição ilegível, real.

A partir de um *acting out*, “[...] *esse real indizível pode ser tratado*”. Toma para si uma demanda de tratamento de uma criança, demanda essa dirigida a uma colega de consultório, que, sofrendo de câncer, dizia “*que ainda estava viva porque queria ver seus filhos crescerem*”. Não sente culpa por ter assim feito. Ao relatar o fato em sessão, a analista interpretou seu *acting* dizendo: “*Ela não vai vê-lo crescer [a criança], ele não vai vê-la morrer*”.

Interpreta que “*o acting e a interpretação [da analista] introduziram o intervalo que desfez o que a holófrase havia soldado: o olhar e a morte se separaram [...]*”. Tornou-se um ato que “*marcou um antes e um depois*”. Ou seja, ato analítico, que incitou o saber em análise

(LACAN, 1967-1968).

E, referindo-se à *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, acrescenta: “Lacan diz que o fenômeno psicossomático deve ser abordado a partir do gozo específico que há em sua fixação, acrescentando que é preciso esperar que a invenção do inconsciente possa servir de algo” (FUENTES, 2012, p. 25).

Ou seja, mesmo ilegível, mesmo da ordem do real, o fenômeno psicossomático tem, talvez, só uma chance: passar ao inconsciente como questão. Passar do gozo específico fixado, a uma possível inscrição como gozo fálico. É o que se anuncia nesta analisante quando encontra o amor e busca análise, o que aparecerá na sequência de seu relato de análise como: “*o que é ser um homem? o que é ser uma mulher? o que quero demonstrar?*”. Até terminar a análise com a voz, resto de “*sesuamãeavisse*”, agora como pura voz modalizada, como *sinthome*, opaco, “*resposta [...] ao silêncio do trauma*”, resto que causa. Como o diz: “*com o qual trato de “saber fazer”*”. Causa seu trabalho como analista, passando “*ao estado de obra*” como Araceli faz constar em sua referência inicial, citando Miller, em sua epígrafe:

O convite de Lacan, no Seminário o *sinthoma*, é que se deve deixar um resíduo [...], na medida em que cada um é singular e que sua diferença reside na opacidade que sempre permanece e é esse resto. Esse resto que não é o fracasso da psicanálise, esse resto que, falando com propriedade, constitui seu valor, por pouco que você saiba fazê-lo passar ao estado de obra (MILLER apud FUENTES, 2012, p.21).

### **2.3 A Escrita do Pesquisador: um Tratamento Possível do Fenômeno Psicossomático: da Marca Ilegível no Corpo à Marca do Nome**

O sujeito a ser apresentado receberá o nome fictício: Bianca. Vem para tratamento aos nove anos, deformada por uma escamação de pele e por inchaço - no rosto, pescoço, braços e pernas. Diagnóstico médico de doença psicossomática - dermatite atópica. Tratamento medicamentoso sem nenhuma melhora: antibióticos, anti-inflamatórios, antipruriginosos, cremes hidratantes, cremes anestésicos. Indicação médica de atendimento psicológico. Dermatite que começou aos cinco/seis anos, muito de leve, com episódios de coceiras, que em seguida desapareciam. Após alguns meses, voltava a coceira. Até que aos oito anos a dermatite se intensificou e, na época em que veio, não mais havia intervalo desses episódios, a coceira e lesão eram constantes.

Após pouco tempo do início do tratamento, os intervalos sem coceira começaram a aparecer. A pele, iniciando a cicatrização, aparentava uma ‘pele de cobra’, grossa, ressecada e toda marcada, tipo “craquelada”, quebrada. Como desertificada. De quê? Esta pele ressecada

caía, em todo lugar onde estivesse, caía muito, desprendia-se do corpo, mesmo que ela não coçasse, “*sujando tudo*”, marcando sua presença por estes “*restos nojentos*”, como ela mesma referia. Para novamente a coceira voltar, lesionando até sangrar e inchando. Descreve e provoca uma mostração de horror.

Esta coceira foi diminuindo durante os dias e só aparecendo intensamente à noite, durante o sono. O médico indicou que dormisse com luvas comuns, como ela tirava dormindo, indicou luvas de boxeador. Procedimento que também não deu resultado, pois se muito apertadas ela sentia dor nos pulsos e, mais frouxas, ela tirava.

Nos episódios de lesão intensa, não podia tomar banhos, pois sentia muita dor em tantas feridas. Nesta época, exalava mau cheiro. Vestia-se só com mangas compridas, golas altas e calças compridas, o que lhe trazia muito mal estar nos dias quentes.

Faltava muito ao colégio, quase não tinha amigas, pois as colegas se afastavam devido ao seu estado físico. Não era convidada para festinhas de aniversário ou reuniões fora da escola. Suas notas escolares eram muito boas, pois, por ser inteligente, estudava sozinha a matéria perdida e fazia em casa todos os deveres e trabalhos. Aprendia assim o conteúdo acadêmico através da experiência de *leitura e escrita*, quase não *ouvindo* aulas com os professores.

Por que exclui, neste caminho para o saber, o laço ao Outro, a interpretação do Outro, a voz vinda do Outro? Durante a análise, começou brincando de copiar modelos de roupas para uma boneca, em uma prancha tipo bloco mágico. Era seu único objeto de discurso. Em seguida, inventava os modelos de roupas sem mais usar os modelos padrão. Enquanto desenhava, contava que o pai era pintor de quadros, que desenhava muito bem, mas os quadros que pintava eram abstratos e ela não gostava muito.

Os pais, embora pertencessem a uma classe média, eram desorganizados financeiramente, “*gastando antes para ver como pagar depois*”, nas palavras dela.

Após algum tempo, não mais desenhava e quis só falar, inclusive pedindo para mudar de sala de atendimento. A sala que frequentava até então era apropriada a crianças, com brinquedos. Foi recebida para tratamento como qualquer outra criança teria sido, porém, havia a leitura do analista de que o que acometia a esta criança era da ordem do fenômeno psicossomático - fenômeno inacessível diretamente à palavra. Assim, decidiu não perguntar ou tocar na questão das lesões.

Advertido de que FPSs não se confundem com sintomas, e advertido também de que estes fenômenos estão escritos de forma ilegível, optou por não abrir a possibilidade de que fosse injetado sentido, para não fortalecê-lo. Não interroga, ainda, diretamente sobre o FPS,

para não interrogar diretamente sobre o gozo. Isto, em razão da pobreza de recursos simbólicos para cerni-lo, podendo incorrer em riscos.

Como alerta Maria Anita C. R. Lima Silva (1995, p. 284), que, frente a uma paciente com hipertensão arterial que ao ser interrogada responde com “uma crise hipertensiva que quase a matou”: “[...] a meu ver, no FPS há uma sinalização pontual da mortalidade da carne, que retorna no fenômeno, o que pode fazer com que uma abordagem direta possa se tornar, no mínimo, perigosa.”

Trata-se assim, de uma precaução com a direção de cura em uma análise. Como escreve Antônio Godino Cabas (2010b, p. 54) “[...] o tratamento analítico propriamente dito tem uma direção nos dois sentidos da palavra: uma lógica (uma função diretiva) e um desenvolvimento (começo, meio e fim)”. Conforme o autor, para Lacan, a palavra *cure* afirma que o tratamento analítico – propriamente dito (procedimento) – é uma experiência com começo, meio e fim, e, este fim é uma meta, um desfecho: a travessia desde o tratamento da resistência, o manejo da transferência, a interpretação e a necessidade de tomar o desejo à letra até a “queda das demandas e o correlativo esvaimento do Ser” (LACAN, apud CABAS, 2010b, p. 55).

Retornando ao caso, o analista ofereceu a possibilidade de uma escuta e a paciente começou a falar. Colocou em palavras toda sua neurose infantil, como qualquer outra criança. Relatou, assim, sua descoberta da sexualidade dos pais, o ciúme em relação ao irmão menor, as lembranças de quando ele nasceu; o lugar privilegiado que ela tinha com os avós, os conflitos com a mãe, o amor pelo pai. Falava também das dificuldades de laço social, mas não referia isso às coceiras, contava dos atritos com as amigas como qualquer outra criança (ciúmes da melhor amiga, intriguinhas históricas próprias de meninas).

Até próximo aos quatorze anos, a coceira foi cada vez espaçando mais, os intervalos em que estava bem, cada vez maiores, duravam meses, embora a “pele de cobra”, cheia de cicatrizes, estivesse sempre lá. Quando, aproximando-se a data da formatura do ensino fundamental, os colegas programando a viagem de formatura para um *resort* com piscinas, ela deseja ir junto. E, ao mesmo tempo, envergonha-se de seu corpo. Sofre muito não podendo decidir se vai junto e expõe o corpo marcado, ou fica. Tem então o que será sua última grande crise de coceiras. Volta a sangrar, a perder pedaços enormes de pele, e o imenso inchaço. Isso decidiu por ela. Não vai!

A partir deste episódio, a coceira começou a “participar da conversa” durante as sessões de análise” (FREUD, 1893-1895/1987, p. 162). Ou seja, se fez o enlace ao inconsciente, uma articulação ao significante – sintoma analítico. Fala então muito de quanto



sua vida foi privada por isso e, pela primeira vez, diz “*eu quero me curar disso*”. “*Quero uma vida normal, usar shorts, biquíni, ter namorado*”. Pela primeira vez, pergunta-se: “*porque me coço? por que me machuco?*”.

E se cura! Ao menos das coceiras! Quando decide que quer um namorado! Quando eclode a sexualidade! E consegue. Estava então com quinze anos. A pele agora sem nenhuma marca; os cabelos não mais ressecados deixou crescer, longos e bonitos. Tornou-se uma moça bonita. E, aos dezesseis, o primeiro namorado!

Essa questão das coceiras teve um término, um desfecho.

As coceiras desaparecem de forma definitiva quando estas se transformam em uma pergunta para Bianca. Não mais as coceiras estarão como corpo estranho, em um corpo estranho para ela. Agora, estão em um corpo erogeneizado, onde a escrita poderá ser lida. Tanto que, alguns anos mais tarde, Bianca pensa em fazer uma tatuagem. Não o faz de fato. O importante é que agora pensa, segue suas *gedanken* (pensamento) inconscientes, sua história de vida, para decidir o que tatuar. Assim, o que quer tatuar são cenas de sua história de vida. Pode decidir o que vai marcar no seu corpo. O fato de não fazer a tatuagem não importa, pois mostra que o que a marca mesmo, são os significantes de sua história. Não mais o ravinamento do gozo. Conforme trabalharemos no percurso dessa tese, consideramos esse FPS de Bianca (na pele), um ravinamento de gozo, escrita herética, memória sem história.

Quando está para concluir o ensino médio, um medo aparece. Um medo de entrar na faculdade. Indagada, convidada a falar deste medo, diz que é medo de ter que tirar xerox, que as pessoas em um curso superior têm que tirar muito xerox. E não consegue decifrar este medo. Mesmo atualmente, quando lembra disso, quando tira xerox, ri e não entende o por quê tinha este medo. É um enigma cifrado nesta palavra: xerox. Por quê? Porque tirar cópias de um texto a assustava tanto? Copiar o mesmo texto a assustava. Será que pelo viés da repetição? A eterna repetição do mesmo, que tanto marcou sua história. Repetir, tirar xerox de uma escrita que ela não podia ler.

Ela entra para a faculdade, forma-se em moda. Em seu trabalho de conclusão de curso, quando deve, além da parte teórica, construir um produto – uma bolsa, uma roupa, um acessório – pensa em inventar uma roupa para pessoas com dermatite. Uma roupa que escondesse as lesões, que fosse bonita e não esquentasse no verão. Mas desiste. Conclui que seria penoso, para ela própria e para as pessoas acometidas do problema, passar por entrevistas, fazê-las falar assim, a uma pessoa estranha, de seus problemas. E, além do mais, “*ter uma roupa apropriada não resolveria o problema*”, em suas palavras.

Neste intercurso de tempo, o pai abre uma fábrica de acessórios. Ela, formada na

faculdade, vai trabalhar com ele. Vê então os tropeços do pai, a dificuldade de administrar financeiramente a fábrica, de cumprir e fazer com que os funcionários cumpram horários e prazos. Resolve salvá-lo, “*é um artista, não um administrador*”, ela mesma conclui.

Embora já curada das coceiras, a história a seguir importa ser colocada, pois nos permite acompanhar como Bianca elaborou algo de como o fenômeno psicossomático adquiriu o estatuto de um sintoma, no *nachträglichkeit (posteriori)*.

Desiste, concluindo que não consegue ajudá-lo. Quer também criar, não estar como secretária, “*tentando tapar os erros dele*”, como ela própria afirma. O pai lhe propõe comprar para ela uma loja de acessórios. Entusiasma-se, mas como sempre, falta o dinheiro. Depois de várias soluções propostas pelo pai para conseguir o dinheiro, como sempre tentando driblar o fato de não tê-lo, acontece um momento crucial na análise: vem para a sessão e, depois de muito tempo curada da coceira, diz: “*a coceira voltou*”. E havia voltado, embora muito levemente, uma pequena ferida acima dos lábios.

Segue a sessão relatando toda a dificuldade de arranjar o dinheiro para a compra da loja. Até que diz: “*resolvi aceitar que não tem dinheiro para a compra, meu pai não tem. Resolvi aceitar que se eles não podem dar um jeito, nem eu posso. E eu não tenho como me coçar para arranjar este dinheiro. Pois eu sempre achava que era eu que tinha que me coçar para resolver as coisas. Achava que sempre era eu que tinha que fazer alguma coisa*”. Coçar! Obviamente, na sincronia dos ditos, usava coçar como metáfora, no sentido de fazer algo. Mas na diacronia dos ditos, remetia a outra coisa. Foi indagada por este significante “se coçar”? Ri muito, percebendo a ambiguidade do significante e a sessão é encerrada.

Com suas palavras, diz “*quando o Outro faltava, eu devia fazer algo, me coçar*”. Agora a coceira entra definitivamente na dialética significante. Como se dissesse: eu me coçava (frente à falta do Outro, tenho que fazer alguma coisa), mas me coçava à letra, literalmente, no corpo. Agora interpreta o “se coçar”, metaforiza, pode ler esta letra. Como se inventasse só agora uma escrita legível, que pode passar pela linguagem, que pode se inscrever como sintoma, nó do real e do simbólico.

Volta na outra sessão contando que não mais suporta ouvir a mãe dizer “*coitadinha da Bianquinha!*”. Indagada sobre o que diz, conta que a mãe atualmente sempre repete que havia sido orientada, quando ela nasceu, para deixá-la chorar no berço, para que aprendesse a se virar sozinha - não amamentar, não dar colo, não mimar. Relata então: “*aprendi a não esperar nada do outro, não me pegavam no colo, não me beijavam. E percebi que não posso pedir nada a ninguém*”. A ferida aparece na boca. O analista indaga: “quando você não pode contar com o Outro, não pode pedir, se machuca na boca?” Ênfase colocada não mais na coceira,

mas no ferimento causado pelo silêncio, pela ausência da palavra. Ela concorda e se inquieta.

Até aqui Bianca não demonstrou angústia. O FPS estava no lugar da angústia. Angústia que irá aparecer doravante. Atenção para o fato de que o desamparo é também o fundamento da angústia. Apontar que se fere, que se machuca frente ao desamparo, frente à falta do Outro, faz um giro no tratamento. O ato de se coçar é agora diferente da *Coisa* que coça nela, diferente da coceira. Pois essa coceira que “*surgia sem mais nem menos*”, assim ela referia, ela não conseguia cernir. Mas a ferida é ela quem faz. É um ato.

Bianca se dá conta que não pode demandar. Aprendeu a pedir com o namorado.

Comprada a loja à custa de muitos empréstimos, de muita ingerência do pai que acaba por interferir na administração da mesma, Bianca decide tomar sozinha o cuidado com a loja. Separa as contas e toma nas mãos o destino da loja. Diz: “*agora estou me escutando e confiando em mim mesma e no que digo. Isto me separa de meu pai. Ele abre cem caminhos, porque não sabe o que quer. Eu agora sei o que quero. Se não acontecer já, vou continuar querendo. Um dia acontece*”. E indagada sobre o que é isso que decidiu que quer, responde: “*quero a minha marca, Bianca (sobrenome). Vou fundar uma marca com meu nome. De bolsas, sapatos e acessórios*”.

Esta frase encerra o fenômeno psicossomático de Bianca, e surge um sintoma analítico: “*por que repito, mesmo não querendo, a história de minha família?*”. Passa da marca ilegível no corpo, puro ravinamento, para tomar o nome próprio como marca, como uma nomeação de gozo. A marca no corpo agora é recoberta por um significante, marca, traço, índice no psiquismo, e, pode até ser pública, lida por todos, como uma marca comercial.

Na singularidade deste caso, houve uma saída pelo simbólico, amarrando uma verdade histórica.

Importa, ainda, acrescentar que Bianca relata que quando ela tinha seis anos, o pai desenhava signos indecifráveis, um tipo de “*mandala*”, em suas palavras. Na época, isso exerceu sobre ela um impacto e pensou: “*meu pai sabe o segredo da vida*”. Posteriormente, após colocar as coceiras como questão, diz: “*me separei, cortei o cordão umbilical com meu pai*”; “*estava grudada na saia do meu pai*”. O analista interroga: saia? Bianca repete: “*sim, saia do pai, cortei o cordão umbilical*”.

É possível interpretar que Bianca é filha dessa escrita indecifrável, segredo da vida do qual só o pai tinha a chave? “Saia do pai” apresenta uma ambiguidade que também poderia ser “sair do pai”, separar-se. Essa ambiguidade está em sua cadeia significante: saia (vestimenta) e, ao mesmo tempo, me separei.

Este caso será retomado ao final desta tese.

Partimos da afirmação de Lacan (1975) de que o FPS é “da ordem de uma escrita no corpo que não se sabe ler”, isto é, ilegível, intraduzível (afirmação esta que não elabora) e nos interrogamos que escrita seria esta dos FPSs. Seria uma escrita entre outras? Por que seria ilegível?

Da mesma forma, nos questionamos de que corpo se trata nestes fenômenos, uma vez que embora se manifestem clinicamente em expressões corporais tais como os sintomas histéricos e a angústia, têm lugar de exceção no seu estatuto freudiano e lacaniano: presença de lesões com dano histológico, gradação variável, evolução imprevisível; não obedecem às leis de linguagem como o sintoma, senão a uma alternância de presença e ausência; não se constituem como um afeto (quantum libidinal) que sinaliza a emergência do desejo inconsciente e do movimento pulsional em busca de satisfação como a angústia.

Problema conceitual e clínico, perguntamo-nos qual a função da escrita e o estatuto da leitura e do corpo na psicanálise. Para que serve escrever?

Se as fixações da pulsão – libidinais – contam uma história que se registra no inconsciente – fixa e esquece -, nos FPSs ocorre uma fixação do gozo – um traço que não articulado à cadeia ou série significativa, não pode contar uma história – escrita de uma história libidinal capaz de ser lida, contada, reconstruída, como nos sintomas neuróticos. Algo da pulsão não se amarrou a um representante e não pode entrar no inconsciente, permanecendo no registro do real?

Nossa tese afirma que o FPS é uma memória de gozo, escrita, – fora da cadeia significativa -, que não faz história, mas que está sempre presente, retornando, talvez, como traços vivos, marcados na carne. Qual é esse suporte corporal nos FPSs?

Assim, desdobrando a afirmação de Lacan (1975), nos propomos a desenvolver o tema da escrita e do corpo e investigar que escrita e que corpo se trata nos FPSs, bem como a questão da leitura, percurso apresentado neste trabalho.

### CAPÍTULO 3

#### A ESCRITA-RAVINAMENTO DO FPS: O QUE (NÃO) SE LÊ OU MEMÓRIA SEM HISTÓRIA

*A escrita me interessa, posto que penso que é por meio desses pedacinhos de escrita que, historicamente, entramos no real, a saber, que paramos de imaginar (LACAN, 1975-1976/2007, p.66).*

O que é a escrita? Para que serve escrever?

Inscrição feita para não esquecer – registro mnemônico? Ou para poder esquecer?

Texto, palavra escrita, material concreto (de uma biblioteca), qual sua pertinência na psicanálise já que na experiência psicanalítica se trata de palavra falada?

Tema que instiga o interesse de diversas áreas do conhecimento, mais prontamente admitida em campos como a educação e a linguística por sua pertinência fenomênica e conceitual (LIER-DE VITTO; ARANTES, 2011), a escrita é menos evidente no campo psicanalítico, uma vez que, reconhecidamente, a psicanálise é uma experiência de palavra, porquanto “[...] só a palavra, desde que operando segundo um determinado modo [...], pode abrir caminho ao inconsciente, já que este é estruturado como uma linguagem, campo regido por uma lógica, uma gramática, na qual o elemento operatório é a palavra, em sua função maior, a fala” (ELIA, 2007, p. 129).

Porém, a escrita está desde o princípio da fundação da psicanálise nas formulações de Freud acerca das formações do inconsciente – nos sintomas, atos falhos, chistes, e, principalmente, nos sonhos -, em que a escrita é dimensão evidente, referência textual em Freud nos trabalhos sobre os sonhos, especialmente na abordagem das “considerações à representabilidade”, ou simplesmente a questão da representação nos sonhos, nas quais refere à analogia do sonho com um texto, com um sistema de escrita:

Se pensarmos que os meios de representação nos sonhos são principalmente imagens visuais e não palavras, veremos que é ainda mais apropriado comparar os sonhos a um sistema de escrita do que a uma linguagem. Na realidade, a interpretação dos sonhos é totalmente análoga ao deciframento de uma antiga escrita pictográfica, como os hieróglifos egípcios. Em ambos os casos há certos elementos que não se destinam a ser interpretados (ou lidos, segundo for o caso), mas têm por intenção servir de ‘determinativos’<sup>2</sup>, ou seja, estabelecer o significado de algum outro elemento. A ambiguidade dos diversos elementos dos sonhos encontra paralelo nesses antigos sistemas de escrita, bem como a omissão de várias relações, que em ambos os casos tem de ser suprida pelo contexto (FREUD, 1913/1987, p. 212).

---

<sup>2</sup> Pequenos sinais semânticos, não fonéticos que serviam para facilitar a leitura quando havia uma grande quantidade de sons homográficos, pois indicam a que categoria pertencia a palavra: se tratava-se de uma ave, ou uma cidade, uma pessoa etc.

Nos sintomas, pode-se ler em Freud essa dimensão da escrita também nos termos de um sistema de inscrição (psíquica), desde suas cartas à Fliess, especialmente a *Carta 52* (FREUD, 1896/1987), posteriormente elaborada na *Interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900/1987), textos esses trabalhados também por Lacan em seu ensino.

Assim, desde as primeiras elaborações que apresentam a singularidade do campo da psicanálise, escrita e inconsciente aparecem associados, especialmente na relação entre escrita e inscrição psíquica.

No curso e avanços de seu ensino, Lacan, mantendo a importância na experiência analítica da função da fala, da palavra associativa descoberta por Freud e da função do significante, busca desenvolver as relações entre escrita e inconsciente e situar a dimensão da escrita desde *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* em 1957, até 1973 no *Seminário Mais, ainda*, no qual, abordando a função da escrita, sublinha sua importância nos fundamentos do campo analítico e na experiência analítica.

Os sonhos e sintomas são textos, escrita comparável a antigos sistemas de escrita que são pictográficas: hieróglifos egípcios e ideofonogramas (caligramas) chineses. Essas escritas pictográficas - figurações - podem ser lidas como letras.

Se o fenômeno psicossomático é uma escrita (LACAN, 1975), seria ela também uma escrita pictográfica, lida como letra, comparável a esses mesmos sistemas antigos de escrita que se apresentam nas formações do inconsciente, notadamente nos sonhos? Se for assim, não haveria como distinguir Fenômeno Psicossomático de Sintoma. Seria também ignorar uma das características do FPS – a lesão de órgão – que não se encontra como efeito (primário) nos sintomas (nem na angústia).

Mas, se o FPS é uma escrita no corpo, só poderia ser comparável a uma escrita primeva, antiga, porém distinta da escrita antiga do sonho (e sintoma), talvez escrita de uma lógica de representação temporal e espacial diferente. Seria o FPS uma representação? Mas consideremos que há uma diferença entre *apresentação – Vorstellung* – de objeto, misto de percepções visuais, acústicas, táteis, e *representação – Vorstellungsrepräsentanz - de palavra*.

A lógica da origem e formas de representação da escrita na humanidade, já que é possível compará-las com os tempos da escrita psíquica em cada criança (POMMIER, 1996/2004), poderia nos dar uma pista para esta questão da diferença entre a escrita antiga do sonho e a escrita antiga do FPS.

Gérard Pommier (1996/2004) investiga a origem e função da escrita na história da humanidade comparando seu surgimento, percurso e função em cada criança. Demonstra que cada criança percorre as etapas que a humanidade teve que atravessar para inventar a escrita

(propriamente dita). Pommier mostra que tanto na cultura como no falasser, não se trata de uma evolução da escrita por estágios, existindo no curso do tempo uma progressão que teria transformado a relação dos seres humanos à representação segundo etapas sucessivas em que as últimas sobrepujariam as primeiras.

Ao contrário, não se tratam de etapas sucessivas e nem mesmo de uma progressão que elimina a anterior, mas da coexistência de escritas, na cultura e no falasser. Prova disso, é o fato de que na cultura se encontram registros gráficos figurados (desenhos) desde a pré-história do homem até os dias atuais, acrescido do fato de que há culturas, mesmo na atualidade, que não tem escrita. Outro fato é a permanência sem modificações, de sistemas primevos de escrita, tal como é ainda, desde a antiguidade, a escrita chinesa. No falasser, a escrita pictográfica e em rebus dos sonhos e sintomas demonstra essa coexistência de sistemas de representação - escrita. Seria o FPS, uma escrita (no corpo), que tal como a chinesa, não se modificou?

A escrita em sua história, como veremos, caminha do pictograma ao silabismo por meio do rebus, e desse ao consonantismo e às vogais, ordem esta, homóloga ao processo de representação que ocorre no falasser que vai do recalque primário (representação-coisa) ao recalque secundário (representação-palavra) (POMMIER, 1996/2004).

Se na cultura, tanto quanto no falasser, diferentes sistemas de escrita coexistem, e o sistema antigo de escrita dos sonhos e sintomas é pictográfico e em rebus (ou hieroglífico, ou ideofonográfico), a qual sistema antigo de escrita corresponderia o FPS? Abordaremos isso a seguir.

Lembremos que estamos interrogando a escrita no campo da psicanálise, no campo do inconsciente, inconsciente que é uma memória de gozo (no corpo), portanto no campo da pulsão. Está aí, a fixação do gozo, não deixar esquecer. Mas também, para poder esquecer.

Se o FPS é uma escrita, é feita para não esquecer – é uma marca, uma memória. É uma memória de gozo no corpo, que não faz história, mas mesmo assim, serve para não esquecer. É nossa tese. O que seria esta memória, escrita de gozo ahistórica?

### **3.1 Origem, Função e Articulações da Escrita na Cultura e no Falasser**

Pré-história e história da humanidade são designações que correspondem, a primeira ao período ágrafo, em que não há registro escrito, e a segunda ao período gráfico, com a invenção da escrita. A pré-história (idade da pedra) é dividida em Paleolítico (*Homo habilis*; *Homo sapiens*, Homem de Cro-Magnum) e Neolítico (BURNS; LERNER; MEACHAM,

1997).

Entretanto, no período paleolítico da pré-história já se encontram gravuras e pinturas (desenhos) nas cavernas que são formas de representação gráfica figuradas ou pictóricas. Esses desenhos ou representações gráficas surgiram antes da representação da palavra escrita. Essas representações figuradas (desenhos ou pinturas) rupestres são tentativas de copiar a natureza com fidelidade e representar os movimentos, de tal maneira que parece que nelas se buscava mais a fruição de um prazer estético do que de buscar criar coisas belas endereçadas aos outros (BURNS; LERNER; MEACHAM, 1997).

Prova disso, parece ser o fato de que as melhores pinturas e desenhos são geralmente encontrados nas paredes e tetos mais escuros e inacessíveis da caverna, onde ninguém poderia ver as criações do artista. Há, ainda, sinais de que o homem de Cro-Magnum (pré-histórico) demonstrava indiferença com os murais depois de executados, já que foram encontrados inúmeros desenhos superpostos aos mais antigos (BURNS; LERNER; MEACHAM, 1997).

*Por esses indícios, acredita-se que o ato de fazer a gravura, a sua realização parece ser mais importante do que a obra acabada.* A finalidade mais legítima para a realização da figuração, além de obter um prazer sensorial, seria facilitar atingir uma meta – geralmente alcançar uma presa. Neste ato de representação figurada estaria presente uma crença, uma forma de magia onde a figuração facilitaria o resultado (BURNS; LERNER; MEACHAM, 1997).

Sendo assim, essas representações não serviam para comunicar, mas se dirigiam ao próprio ato de representar, cuja finalidade seria a fruição de um prazer e, uma espécie de magia, a crença na facilitação de alcance de um resultado esperado: as gravuras representavam cenas de captura de renas, de ursos com o flanco transpassado por azagaias, de caçadores acuando a caça.

Em suma, na pré-história, antes do período gráfico propriamente dito, com a invenção da escrita, houve uma representação gráfica pictórica, que procurava ser fiel ao objeto representado e dirigido a uma espécie de magia.

Antecipando essa questão, veremos que Pommier relaciona essa forma de ‘representação’ pictográfica ao primeiro tempo (lógico, mítico) de constituição do sujeito, no qual localiza a inscrição da modalidade de gozo nomeada por Lacan (1975), gozo Outro. Freud (1950-[1895]/1987), por sua vez, o que aprofundaremos adiante no nosso trabalho, abordando a questão da representação, isto é, a memória de satisfação da pulsão, situa neste primeiro tempo (lógico), uma *Vorstellung*, uma apresentação do objeto, misto de percepções visuais, acústicas, táteis que, inferimos, poderiam ter a forma figurada, tal como a primeira



alucinação, descrita por Freud (1950-[1895]/1987) como realização de desejo. Esse tempo lógico de inscrição que marca também uma espacialidade terá importância no FPS.

Retomando a história da escrita na humanidade, no período seguinte, Neolítico, a representação não é tão fiel ao objeto representado, surgindo uma estilização, uma abstração da forma, no qual o desenho se esquematiza em traços que parecem representar a identidade de cada grupo: a sexualidade, a gravidez (KOST, 1996).

O período Neolítico foi substituído por padrões mais complexos de cultura às quais chamamos civilizações – período histórico –, uma vez que nelas há o registro dos primeiros sistemas de escrita. Trata-se, por um lado, da Mesopotâmia, com os sumérios e acadianos, e, por outro, da civilização egípcia (BURNS; LERNER; MEACHAM, 1997). Além dessas, ocidentais, também na civilização chinesa, oriental, encontra-se um dos mais antigos sistemas de escrita (POMMIER, 1996/2004; REGO, 2006).

Esses sistemas de escrita mais antigos que se conhecem derivam indubitavelmente da pictografia, sistemas pictográficos formalizados que surgiram a serviço da religiosidade e eram representações figuradas independentes do uso da língua falada para a comunicação.

Os egípcios inicialmente estabelecem como escrita os hieróglifos – escrita sagrada – com cerca de 700 formas gráficas figurativas. A independência fônica pode ser comprovada, por exemplo, pela utilização de representações distintas para signos homófonos.

Em seguida, esse sistema torna-se mais complexo por utilizar o princípio do rebus, princípio que consiste em utilizar uma grafia para representar algo que se associe, no seu significado, àquele mesmo signo gráfico. Por exemplo, a imagem estilizada do sol passa a representar o dia.

Por fim, são produzidos o rebus transferido, que consiste em grafar um signo utilizando o símbolo gráfico de outro que lhe seja homófono, ou seja, a representação gráfica se alia à língua falada: vida é homófono de flecha, desenha-se uma flecha significando vida (KOST, 1996).

Porém, a escrita egípcia ainda segue como forma de escrita associada à representação figurativa da coisa. Foram desenvolvidos 24 grafemas fonográficos numa espécie de silabismo<sup>3</sup>, mas que não atingiram a fonografia<sup>4</sup>. A fonografia somente foi sistematizada, com a invenção do alfabeto, mais tarde pela civilização fenícia, constituído somente de consoantes, numa derivação estilizada dos hieróglifos egípcios. Importante ressaltar que as consoantes já

---

<sup>3</sup>Sistema de escrita em que se representa cada sílaba por um sinal próprio (FERREIRA, 1975, p. 1299).

<sup>4</sup>Maneira de representar os sons das palavras graficamente; representação gráfica das vibrações dos corpos sonoros (FERREIRA, 1975, p. 643).

havia sido isoladas pelos egípcios. Este alfabeto fenício foi incorporado pelos gregos, que acrescentaram a escrita das vogais (KOST, 1996).

Os egípcios chamavam sua escrita de “palavras divinas”, acreditando que a imagem grafada continha uma parte da essência das coisas representadas, ou seja, a figuração continha o espírito da coisa desenhada, assim como vimos no Homem de Cro-Magnon. A lógica em comum – sagrado na escrita egípcia e magia nas pinturas rupestres – parece ser a potência da representação de devolver ou fazer existir o que nunca existiu: a plenitude ou o desfrute pleno do corpo (KOST, 1996). Perde-se o pleno desfrute da representação pictográfica do corpo ao encontrar-se com a palavra falada.

No Oriente, a escrita mais antiga encontrada foi a chinesa, datada do fim de aproximadamente 1.000 anos a.C., escrita essa que utilizou ideogramas<sup>5</sup>, caligramas<sup>6</sup> (ou ideofonogramas), silabismo. Antes do surgimento da escrita propriamente dita, há registros de duas principais formas de notação de ideias em processos divinatórios: hexagramas e traços (linha de rachadura) produzidos por atear fogo em ossos ou casco de tartaruga (REGO, 2006).

No caso do hexagrama, um adivinho, utilizando-se de varetas de determinada espécie de árvore, obtinha, a partir de diversos lances, seis linhas horizontais, sendo cada uma contínua ou interrompida. São possíveis 64 combinações (hexagramas), e cada uma recebia um nome, que por sua vez era o mesmo para todo o território chinês. Para Rego (2006, p.63), esta característica de nomações é importante, pois se trata aí de uma ideografia, apesar de claramente não se tratar de pictografia uma vez que eram signos geométricos: “[...] a expressão de uma ideia estava confinada a um signo geométrico e não a uma representação figurada” e “[...] cada hexagrama nota não apenas uma palavra, mas um grupo de ideias ligadas a uma concepção de base”. O que podemos nos perguntar se o signo geométrico não advém de uma representação figurada como a origem da escrita ocidental alfabética deriva de desenhos que se estilizam em um traço.

Nos antecedentes da estruturação da escrita chinesa, assim como na escrita egípcia, encontra-se a relação com o divino, misterioso, enigmático – escrita sagrada, antes de servir para a comunicação entre os homens. Ou seja, a escrita não foi feita para ser lida.

Posteriormente, o sistema de escrita, ideofonográfico, já possuía uma configuração básica que chegou aos dias atuais. Era constituído de cerca de 2500 caracteres, nos quais cada

---

<sup>5</sup> Ideograma: “imagem que representa uma ideia ou objeto e não uma letra ou som [...] sinal que exprime conceito e não os sons da palavra que representa esse conceito” (HOUAISS, 2009, p. 402).

<sup>6</sup> Caligrama: “Texto cuja disposição gráfica pretende formar uma imagem que se relaciona com o conteúdo do texto” (PRIBERAM, 2013).

caractere específico correspondia a uma palavra. Na escrita chinesa “a palavra” é um tipo de átomo irreduzível, pois jamais varia quanto ao gênero, número ou função, ou seja, a mesma palavra pode ser verbo, substantivo ou adjetivo (REGO, 2006). Isso é o que Freud (1915-1916/1987) chama de uma escrita e uma língua que omitem a gramática. Retomaremos este ponto mais adiante.

O fonetismo na língua chinesa expressava-se por rebus, em que ideogramas têm sua fonetização usada de forma independente de seu significado para denotar outra coisa. Como língua monossilábica, há uma grande quantidade de homófonos. Assim, os chineses, bem como os sumérios e egípcios, utilizavam um mesmo caractere para notar palavras de mesmas pronúncias, com sentidos diferentes. A escrita chinesa atual mantém ainda a mesma sintaxe, entretanto não registra mais a pronúncia da antiga língua chinesa, mas do mandarim, língua falada em Pequim (REGO, 2006).

A escrita egípcia e a escrita chinesa são as duas “escritas mães” das quais se originaram todas as outras escritas até a alfabética (POMMIER, 1996/2004).

A escrita egípcia realizou um êxodo e ultrapassou fronteira, abertura ao Outro, estrangeiro, que resultou em modificações em sua escrita.

Já a escrita chinesa não realizou essa ultrapassagem de fronteiras, não se relacionou com o Outro estrangeiro, fechando-se em seus procedimentos de escrita, desenvolvendo os princípios pictográficos do primeiro tempo (POMMIER, 1996/2004). Como se refere Lacan (1971/2009), a escrita chinesa é um casamento da letra com o desenho tomada na caligrafia como obra de arte. Abordaremos adiante, destacando que justamente o êxodo e o ir além-fronteiras são a abertura à leitura, portanto, ao saber vindo do Outro: a cadeia significante.

Essa breve exposição histórica da escrita coloca em destaque que a representação por meio do grafismo, em seu princípio, foi sagrada, dirigida a forças mágicas ou divinas e independentes da língua falada. Há uma transposição da representação figurada da forma perfeita do período Paleolítico, com o homem de Cro-Magnon à forma estilizada no período Neolítico, herdada pelos pictogramas<sup>7</sup> egípcios e sumerianos. Os pictogramas vão se abstraindo no traço, fazendo certo laço como efeito da linguagem falada no silabismo, até atingir a partícula mínima da letra, totalmente abstraída da coisa representada, cujo efeito marca o som (KOST, 1996).

A representação gráfica pelo desenho e pela escrita não foi criada, a princípio, para a comunicação entre os homens, mas dedicadas a dar forma ao que escapa ao homem, marcar o

---

<sup>7</sup> Talvez a primeira forma de escrita, na qual a imagem representava o objeto de maneira direta, desenhada: o desenho de sol era para ser lido sol.

sagrado, o intocável, o impossível. O que escapa ao homem desde seu advento é o desfrute pleno, o gozo do corpo, uma vez que sua imagem se faz exterior a seu corpo, desenhando-se por empréstimo da imagem que vê fora de si, assim como, falado antes de falar, ex-siste em Outro (KOST, 1996).

A “*bejahung* fundamental” (afirmação: há satisfação) impõe a satisfação da pulsão a passar pela representação, buscando e reencontrando sua realização na existência representada. Na admissão de sua ex-sistência e do enigmático laço do corpo com a representação está o recalque originário a partir do qual toda representação colocará ao humano a questão do sagrado e enigmático de sua própria representação, de seu corpo perdido – antes, nunca tido –, sempre realizado fora (KOST, 1996).

A escrita deixa de ser utilizada no seu caráter sagrado e passa a ser usada para a comunicação entre os homens em razão de sua potência representada. A consequência é a deformação dos hieróglifos para justamente velar esta potência, sendo isso o embrião da abstração na escrita. O texto hieroglífico, sagrado (*hierós*) porque eram as imagens dos deuses animais, não era para os egípcios um simples desenho, mas continha uma parte da essência das coisas ali representadas: eles chamavam essa essência de *ka*, o espírito. Os egípcios consideravam que se a imagem hospeda o *ka*, é a deformação voluntária dessa imagem (hieróglifos) que servirá como defesa contra um *ka* hostil, gerando a mutilação do hieróglifo, isolando a letra e apagando seu efeito figurativo (KOST, 1996).

A imagem agora disforme, seria pouco legível (não desagradando o *ka*) e a letra que restou conservaria o valor de mistério – real de uma figuração impossível. Resto de uma operação que concerne o laço entre a imagem que foi apagada e a letra que restou (o que corresponderia ao recalque originário).

Desta forma, pode-se entender que houve uma interdição da representação no caminho do pictograma ao fonograma<sup>8</sup>, interdição esta que é historicamente, correlata ao surgimento do monoteísmo iniciado com o faraó Akhenaton no Egito, fazendo série com Moisés e com o mito de Édipo na Grécia. O núcleo comum é a afirmação de existência de um pai, que morto, portanto, símbolo, interdita o gozo da imagem e institui a lei (o que corresponderia ao recalque secundário).

Se a representação da imagem concerne à significação de um gozo impossível de se representar, há uma lógica de que a interdição da escrita pictográfica resulte na letra e seja

---

<sup>8</sup> Os caracteres não mais personificam um objeto ou uma ideia, mas remetem a um som, como nas escritas alfabéticas. O recurso utilizado foi o rebus, o qual toma um som de um caractere pictográfico ou ideográfico e utiliza-o em outro conceito.

correlata à proibição e à instituição da Lei. Essa Lei – lei do desejo – fornece significantes ao gozo, significando-o e ao mesmo tempo instituindo “o vazio da falta consubstanciado no vazio da representação”. Isto é o que possibilita a comunicação, permitindo o vazio da representação e fundamentando a legislação sobre o gozo (gramaticalidade que rege a pulsão), uma vez que a significação de toda potência (fálica) é recalcada (KOST, 1996, p. 3).

Em outros termos, “o monoteísmo, acarretando a morte do pai, o faz valer como operador lógico, que garantindo o simbólico, ao proibir o desfrute do gozo, legitima o lugar vazio, dando vez ao desejo” (KOST, 1996, p.3). O que resulta desse processo é a letra como cifra (ou traço), resto de uma significação recalcada, que, como tal, difunde a escrita alfabética pelo mundo (êxodo, ultrapassagem de uma fronteira).

Este processo de representação que a humanidade realizou, cada falasser realiza desde o corpo próprio como suporte. Pois, se a escrita em sua história caminha do pictograma ao silabismo por meio do rebus, e desse ao consonantismo e às vogais, essa ordem é homóloga ao processo que ocorre no falasser que vai do recalque primário (representação-coisa) ao recalque secundário (representação-palavra) (POMMIER, 1996/2004).

A escrita chinesa não realizou esse percurso e por isso será objeto de interesse especial nessa pesquisa porque nos parece que a escrita do FPS também não o realizou. Esse percurso que a escrita do FPS não teria feito seria a ultrapassagem da fronteira de uma escrita à outra, possibilitada pela abertura à leitura, portanto, ao saber (S2) vindo do Outro, a cadeia significante.

### **3.2 As Três Articulações da Escrita**

A tese de diferentes registros de representação (memória) e de sua coexistência no falasser está presente em Freud desde o início de suas elaborações, tese esta que marca como uma novidade.

Freud (1896/1987) constrói a tese de que o mecanismo psíquico forma-se por um processo de estratificação, em que o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição. Freud (1896/1987) *marca a novidade de sua tese: a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos, sendo registrada em diferentes espécies de indicações, em diferentes registros.*

Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação; mas, quando falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis

psicológicas vigentes no período anterior e consoante às vias abertas nessa época, vigorando e “sobrevivendo” em uma determinada região, os “*fueros*”. O “*fuero*” era uma antiga lei espanhola que vigorava em determinada cidade ou província e garantia os privilégios perpétuos dessa região. Para cada nova reescrita, nesses tempos de inscrição, os traços de memória (que podemos ler como letra) não anulam os anteriores, mas coexistem. Entretanto, é possível deduzir que há um índice, uma memória que não escreve como letra, que estaria no corpo próprio. Abordaremos esse aspecto no capítulo seguinte.

Freud localiza, assim, no falasser, a origem da escrita nos traços de memória e seu percurso na retranscrição (reescrita) destes traços, de tempos em tempos. Na cultura, também a escrita se articula em tempos, com um encadeamento contingente que não anula o antecedente. Estas articulações interessam-nos para situar o FPS.

Três articulações da escrita propriamente dita na cultura se relacionam aos três tempos de constituição do sujeito ou as modalidades de escrita de gozo, segundo Pommier (1996/2004).

De acordo com o Pommier (1996/2004), a primeira angústia de desaparecer no infinito gozante do Outro (desejo da mãe e medo de ser devorado por ela) correspondeu à escrita da imagem. Essa representação mítica original (antes que uma escrita) assegura a existência. Ou seja, a existência da afirmação de uma satisfação possível (afirmação universal, *bejahung* fundamental), enlace entre a satisfação da pulsão e o objeto.

As imagens não poderiam constituir uma escrita, uma vez que não há necessidade de escrever no paraíso, onde gozam corpos plenos. Porém, a imagem nada significa sem a convenção da palavra – ela é serva da palavra. Esta imagem, fixação de um corpo, se submete à inscrição de um traço (POMMIER, 1996/2004).

Traço que se inscreve, por uma vertente, contornando o furo deixado pela perda do objeto (“complexo perceptual do semelhante”, segundo Freud (1950-[1895]/1987)) e, por outra vertente, a letra, resíduo da explosão do significante (LACAN, 1971/2009). Há uma temporalidade nestes registros, resto de gozo (da percepção do objeto) e traço do significante, porém é uma temporalidade lógica (uma quase simultaneidade). Sobre essas afirmações comenta Lacan (1975, p.15):

O corpo no significante faz traço e traço que é um Uno. Traduzi o *einzigster zug* que Freud enuncia em seu escrito sobre a identificação como traço unário. Ao redor deste traço unário gira toda a questão do escrito. A este respeito, que o hieróglifo seja egípcio ou chinês, dá no mesmo. Sempre se trata de uma configuração do traço.

Assim como o grito do bebê, ao ser interpretado pela mãe, ganha um endereçamento original, recalcado, do mesmo modo, um índice, uma indicação dessa percepção (do grito), inacessível à consciência (FREUD, 1950-[1895]/1987), estará “embutida” no cerne do pictograma.

Além desse *mito original da existência*, o passo de entrada na escrita será aquele que, *a partir do vazio primeiro da representação*, apela aos totens, invoca a potência paterna, signo da potência fálica. O caligrama (ideofonograma) sagrado da escrita chinesa e a escrita sagrada hieroglífica, e após, o rebus, impõem-se como signo da potência fálica da representação (POMMIER, 1996/2004).

Isso corresponde no falasser, ao recalque primordial, fundação do inconsciente – S1 e S2 -, onde faz instância uma letra de gozo, letra (vazio) que é uma cifra de gozo derivada de um fonema – cifrado fonemático.

Em um terceiro tempo, o silabismo transforma o pictográfico, retirando o valor de imagem (sua interdição), formando signos, isolando a consoante. O monoteísmo, a morte simbólica do totem implica o consonantismo – isola a consoante – e escreve a lei que regeu essa morte. A escrita da lei foi completada pela vogal, consubstancial ao grito – percepção pura da imagem (sonora, por exemplo), ou seja, retorna do recalcado e inscreve. Em outros termos, o monoteísmo tirando o silabismo do seu apoio pictórico, isola a consoante. Aí se localiza o retorno do recalcado, na medida em que o som do grito, o gozo vocálico, retorna nas vogais.

Pommier (1996/2004) registra em uma tabela que reproduzimos abaixo, a articulação dos sistemas de representação, na qual situa os diferentes sistemas de escrita na cultura e sua equivalência, no falasser, ao sonho e ao sintoma. Ou seja, as diferentes modalidades de escrita de gozo. Ou aos três tempos de constituição do sujeito.

Quadro 1 – Articulação dos sistemas de representação

Gozo do Outro	Recalque primordial	Recalque secundário	Retorno do recalcado
Pictograma; Ideograma.	Hieróglifo; Ideofonograma; Rébus; Silabismo.	Consonantismo; Escrita da lei.	Vocalismo; Alfabeto.

Fonte: Pommier (1996/2004).

A primeira coluna corresponde às formas de representação que colocam em cena um gozo mítico do corpo e trata-se da fronteira mais extrema do desenho.

A segunda corresponde àquelas representações correlatas a um recalque desse gozo mítico. A escrita continuará a representar seu mito e o que o limita (os totens). No primeiro tempo, tal escrita comportava o rebus fonético e representações divinas inscritas literalmente nos hieróglifos, dando sentido sagrado à escrita.

A terceira coluna mostra a representação em que todo elemento figurativo é eliminado segundo um apagamento no qual desaparece o silabismo que engendra as grafias, assim como os deuses.

Na quarta está o alfabetismo completo, segundo sua incidência histórica de uma introdução secundária do vocalismo no alfabetismo.

A escrita egípcia comporta as três primeiras categorias de representação e a escrita chinesa comporta as duas primeiras. Essas escritas são equivalentes àquela do sonho ou do sintoma.

Nenhuma escrita pode se limitar ao pictograma, mas todas se apoiam nele, ficando agarradas ou embutidas aos seus procedimentos. Por fim, uma escrita será somente consonantal como também alfabética graças ao recalque desse valor pictográfico silábico (recalque secundário).

Deixemos claro que a escrita do sintoma concerne à operação de passagem de uma escrita a outra, como um rebus que pode ser lido e reescrito, portanto, escrita não alfabética (POMMIER, 1996/2004; ALLOUCH, 2007).

A escrita do sintoma é feita com uma configuração do traço Uno – letra, escrita casada com o desenho (recalque primário). O recalcado retorna como letra, não alfabética, na representação (significante).

Portanto, a instância da letra no inconsciente, é uma cifra de gozo, uma cifra que tem um valor fonemático (alíngua (*lalangue*) LACAN, 1972-1973/1985; 1975) e não exatamente uma letra alfabética (P,L,S). Essa cifra pode compor um significante, que se lida em uma análise, pode ser dita.

### **3.3 A Ultrapassagem de uma Fronteira**

Na cultura, as escritas (as letras para uma escrita) realizaram um percurso que ultrapassou fronteiras – êxodo – e, no contato com os sons enigmáticos de outras línguas, estrangeira, modificou seus procedimentos de escrita. A escrita chinesa não realizou esta ultrapassagem de fronteira. Seu isolamento durante milhares de anos se acompanhou de uma estagnação de seu sistema de escrita, fazendo com que a falta de confronto com uma cultura



estrangeira, a impossibilidade de ultrapassar uma fronteira ou emprestar uma escrita estrangeira, confinasse o caligrama em sua função sagrada, tornando-se estática e desenvolvendo seu princípio pictográfico que constitui seu primeiro tempo (POMMIER, 1996/2004).

A escrita chinesa tornou-se estática e desenvolveu seu princípio pictográfico que constitui seu primeiro tempo. Aplicando esta ideia à escrita do FPS, teria ela também se tornado estática? Teria apenas desenvolvido o princípio pictográfico do primeiro tempo?

O que é a cultura, a língua estrangeira? É o Outro, sempre estrangeiro, o desejo (significante) do Outro, estrangeiro. Sem confrontar o Outro do significante, o Outro do corpo seria quase a *Coisa*. *Coisa*, Outro pré-histórico (LACAN, 1959-1960/1995). O FPS seria do campo desse Outro do gozo do corpo? Retomaremos esta questão.

### 3.4 As Hipóteses sobre a Escrita do FPS

Se a escrita do sonho e do sintoma equivale à escrita egípcia (hieróglifo, rebus e silabismo) e à escrita chinesa (ideofonograma ou caligrama), cujas representações são correlatas ao recalque do gozo mítico (recalque primordial), talvez, possamos também localizar a escrita do FPS neste tempo de inscrição e nesta forma de representação: um desenho de letra (uma configuração do traço que é um uno) que resta deste gozo.

Na Conferência XV das *Conferências introdutórias sobre a psicanálise*, Freud (1915-16/1987, p.276) compara a escrita chinesa (assim como Pommier) com a escrita do sonho que consta “apenas de matéria-prima assim como nossa linguagem-pensamento fica reduzida, através da elaboração onírica, à sua matéria-prima, em que se omite qualquer expressão de relação”.

Essa matéria-prima do sonho e da escrita chinesa parece ser a imagem pictórica (desenho) e a letra – estilização do traço. Traço indecifrável, umbigo do sonho, como o nomeia Freud (1900/1987). Pois, se Pommier mostra que a escrita chinesa na sua origem é um ideofonograma (caligrama), ou desenho da letra, Lacan (1971/2009) afirma que a escrita chinesa fez um casamento da letra com o desenho (quase um amálgama da letra com o desenho).

A escrita chinesa praticamente não tem gramática: é impossível dizer se uma das palavras monossilábicas (quatrocentos sons silábicos, quatro mil palavras, no qual cada som tem cerca de dez significados diferentes) é um adjetivo, verbo, substantivo; não há flexões verbais pelas quais se possa reconhecer gênero, número, desinência, tempo e modo. Por

exemplo, a frase transliterada do chinês: “pouca visão, muita maravilha”. (FREUD, 1915-1916/1987, p. 276).

Consideremos: a relação, a gramática é feita pela cadeia significativa em suas leis de combinatória – S2 – ou seja, aproximando, fazendo laço da escrita, com a palavra falada.

Pois bem, se a escrita chinesa é feita de matéria-prima comparável à matéria-prima da linguagem-pensamento a que o sonho fica reduzido pela elaboração onírica, no qual se omite qualquer expressão de relação (gramática), seria possível compará-las com a escrita do FPS?

A escrita do FPS seria feita dessa mesma matéria-prima do sonho (ou do sintoma) e da escrita chinesa – o desenho e a letra -, na qual se omite a expressão de relação, isto é, o laço da escrita com a palavra falada?

Pensaríamos uma escrita do FPS que não separa a letra e o desenho (falta produzida pelos recalques sucessivos entre a imagem visual e a imagem auditiva e posterior associação na palavra falada), escrita essa que seria a ausência da descontinuidade de letras. À semelhança de uma holófrase. Como se escrevesse, por exemplo, eeeee. Portanto, a letra, não poderia ser tomada na representação de palavra? Dessa elaboração, deriva nossa *primeira hipótese*:

Podemos considerar a escrita do FPS como letra – traço (cifra fonemática) que se inscreveu e faz instância no inconsciente. Tratar-se-ia de uma escrita que não faz gramática (não se associa à cadeia significativa), tal como Freud exemplifica na escrita chinesa, fica na matéria-prima original. O FPS seria uma escrita originária, tal qual a escrita hieroglífica ou em rebus dos egípcios, ou ainda, o calígrama chinês, ou seja, uma escrita ou letra equivalente à escrita chinesa que não cruza a fronteira do Outro, significante.

Em outros termos, o FPS seria uma marca que grava, submete a imagem perceptual, pictórica de um corpo próprio frente ao infinito gozante da mãe (serve para barrar o gozo do Outro), sendo assim, uma escrita que não cruzou a fronteira do Outro, mantendo sua referência sacra que é buscada no pictograma, na imagem. Ou seja, nesta marca, referenciada à imagem (*vorsterllung*) que abriga também um significante - signo primeiro (S<sub>1</sub>) -, é ali que houve o defeito da *bejahung*, que não permitiu a busca do saber (S<sub>2</sub>) que nomearia esta primeira operação.

Ou, como *segunda hipótese*, o FPS seria uma ‘escrita’ ‘anterior’ (anterioridade lógica), estritamente pictográfica. Um desenho do impossível?

*Segunda hipótese*, o FPS seria representação pictográfica – desenho. Em suma, figuração. Neste caso, estaria registrada nos antecedentes da constituição da escrita como um *sistema* de representação. Não seria uma escrita sistemática, mas se inscreve na forma de

desenho. Registraria então, um tempo mítico e um espaço que contorna o irrepresentável do gozo do corpo.

Mas, será ainda, a questão psicossomática, nossa *terceira hipótese*, a inscrição de uma letra que não articula os dois campos, saber e gozo, ou seja, não funciona como *letter* (saber) para uma escrita no inconsciente, e sim unicamente como *litter* (dejeito de gozo).

*Terceira hipótese*, o FPS não seria nem desenho (pictográfico), tampouco escrita sem gramática, mas letra como resíduo de gozo (gozo sonoro, cifrado fonemático) no litoral entre o campo do gozo e o campo do saber, não os articulando. Ausência da função da letra para uma escrita no inconsciente, mesmo assim, uma escrita, um ravinamento do significado. Escrita como sulco ou ravinamento (escavação), no real. Pura marca de gozo, face real da pulsão, a céu aberto, que não se escreve no inconsciente. Seria o que há de indecifrável, de ilegível, no real da pulsão.

A elaboração de Lacan (1971/2009; 2003) (aliada à elaboração de Freud (1950-[1895]/1987), que veremos detalhadamente no próximo capítulo) sobre a constituição de um litoral como literal, levou-nos a considerar esta terceira hipótese.

Antes de abordarmos esta elaboração de Lacan, queremos fazer um comentário antecipando a questão da legibilidade de uma escrita.

Se a escrita do FPS não se escreve no inconsciente, é uma escrita ilegível, mas, a questão da legibilidade “é um problema incômodo”, como diz Soler (1996, p.67), pois, o FPS seria ilegível, tanto seja um desenho do impossível, tanto seja uma escrita feita de matéria-prima original que não faz gramática (sintoma, sonho, escritas antigas), tanto seja puro ravinamento de gozo. Pois, uma escrita não é feita para ler – comunicar -, é feita para o gozo. Como se refere Soler (1986, p. 68), “a escrita não tem como causa final a leitura”.

Porém, não ter como endereçamento a leitura, não significa que o escrito não possa ser lido. Mesmo a escrita antiga pode ser lida pela palavra falada, na entonação, nos gestos, naquilo que se assinala o que quer dizer. Também em uma análise, na linguagem falada, pela suposição de sujeito, ele faz sua aparição na entonação, inflexão, desinência, nos lapsos, atos falhos. Assim, o sujeito ao falar lê seu escrito, sua letra. Lê mal, ou talvez, não saiba que lê. Mas, em uma análise, trata-se justamente de aprender a ler-se.

De qualquer modo, ler e escrever não tem o mesmo estatuto, mas tanto um como outro, ultrapassam um território para se deparar com um Outro. O que é, então, este limite, este território? O que é o Outro?

### 3.5 A Questão: o Litoral e o Literal

Em *Lições sobre Lituraterra*, um dos capítulos do seminário *De um discurso que não fosse semblante* (1971/2009, p. 109) e em seu artigo correspondente, *Lituraterra* (2003), Lacan propõe que *o litoral, como “uma outra fronteira” entre dois diferentes – entre a terra e o mar -, é a maneira mais pertinente de se definir o limite e as relações entre o campo do saber (linguagem) e o campo do gozo (pulsão)*. Essa fronteira é litoral, e, separa necessariamente a terra do mar: ou se tem um ou outro; ou se está na terra ou no mar. Se se agarra o saber, perde o gozo, se se agarra o gozo, perde o saber. O saber pode funcionar como meio de gozo, mas um saber sobre o gozo é algo muito difícil.

Voltando do Japão pelo polo ártico, pela Sibéria, Lacan (1971/2009) viu “das nuvens” os rios numa superfície absolutamente branca (gelo) – nada, deserto. O que ele leu? *O gelo, o deserto é o real, sem fronteiras*. O “sulco” (rasura) é o ravinamento dos rios – a única coisa que tem para ser vista na Sibéria. É esse ravinamento, essa escavação feita pela enxurrada do significante, que faz a fronteira no real, delimita um litoral que corta, sulca, rasura o deserto de gelo.

[...] entre as nuvens, o escoamento das águas, único traço a aparecer, por operar ali ainda mais do que indicando o relevo nessa latitude, naquilo que é chamado planície siberiana, uma planície realmente desolada [...] de qualquer vegetação, a não ser por reflexos [...] desse escoamento, que empurram para a sombra aquilo que não reluz.

Que é o escoamento? [...] compõe um buquê com o que distingui, noutra lugar, pelo traço primário e por aquilo que ele apaga. [...] eu disse a propósito do traço unário: é pelo apagamento do traço que o sujeito é designado. Isso é marcado em dois tempos. É preciso, portanto, que se distinga aí a rasura (LACAN, 1971/2009, p. 113).

Evocando a crítica que Aristófanes faz a Platão quando diz que “o mundo das coisas” e “o mundo das ideias” é “um mundo de nuvens”, Lacan compara o que acontece com o significante, com “o mundo das ideias”. Esse mundo de ideias é o mundo das nuvens, uma vez que não tem nada na nuvem, a não ser semblantes. A origem se conjuga com sua fonte, uma vez que o rio vem da chuva, e o que está aqui, na terra, vem de lá, das nuvens; ou seja, do significante. É na ruptura da nuvem (do significante), na explosão da nuvem que cai a chuva e forma rasura.

O que se revela por minha visão do escoamento, no que nele a rasura predomina, é que, ao se produzir entre as nuvens, ela se conjuga com sua fonte, pois é justamente nas nuvens que Aristófanes me conclama a descobrir o que acontece com o significante, ou seja, o semblante por excelência, se é de sua ruptura que chove esse

efeito em que se precipita o que era da matéria em suspensão (LACAN, 1971/2009, p. 113-114).

Ora, é no encontro com uma satisfação que se produz o traço dessa satisfação: conjuga com sua fonte (pulsão visual e/ou invocante). Faz-se um litoral quando entra esse traço que separa o saber e o gozo. Mas, há um furo no saber, a separação não é fronteira, é litoral, por onde escoo o gozo. Quando o significante rompe, explode, chove a letra que ravina<sup>9</sup>, fazendo um escrito. A letra, despedaçamento, resto do significante, faz este ravinamento, esta rasura, que não é de nada que lhe seja anterior. Da explosão de gozo, fruto do encontro com a linguagem, forma o traço que desenha o litoral, da explosão, ruptura da palavra na nuvem significante, decanta-se a letra no inconsciente – primeira fixação (ao  $S_1$ ), campo do significante primordial.

*Litura, lituraterra.* Rasura de traço algum que seja anterior, é isso que do litoral faz terra. *Litura* pura é literal. Produzir essa rasura é reproduzir a metade com que o sujeito subsiste. [...] Produzir a rasura sozinha, definitiva, é essa a façanha da caligrafia [casamento do desenho com a letra, por exemplo, na pintura japonesa]. [...] representar o um unário como caractere.

[...] Entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral, que só vira literal quando, essa virada, vocês podem tomá-la, a mesma, a todo instante. [...] Pois bem, o que se evoca de gozo ao se romper um semblante, é isso que no real – aí está o ponto importante, no real - se apresenta como ravinamento das águas.

Isso é para lhes definir por que se pode dizer que a escrita é, no real, o ravinamento do significado, ou seja, o que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante. [...] A escrita, a letra, está no real, e o significante, no simbólico (LACAN, 1971/2009, p.113).

Perguntamos junto com Lacan (2003, p. 18) “Como o inconsciente, [...] efeito de linguagem, por ele pressupor a estrutura desta como necessária e suficiente, [...] comanda essa função da letra?”.

Não se impõe que nesses efeitos a letra seja primária, nem mesmo o exame deste primarismo que nem sequer deve ser suposto, uma vez que “*ser ela [a letra] o instrumento apropriado à escrita do discurso não a torna imprópria para designar a palavra tomada por outra, ou até por um outro, na frase, e portanto para simbolizar certos efeitos do significante*” (LACAN, 2003, p. 18, grifo nosso).

Não se impõe, pois, o exame do primarismo da letra, mas do que a linguagem chama, convoca o litoral ao literal, a divisa entre o saber e o gozo para letra, que vai ter sua face voltada, utilizada para simbolizar. Ou seja, a letra entra no simbólico até para tomar por outras

---

<sup>9</sup> Ravina [Do francês *ravine*] Enxurrada que cai de lugar elevado. Escavação provocada pela enxurrada; barranco (FERREIRA, 1975, p. 1190).

palavras – em um lapso, usar a mesma letra em outra palavra. É a linguagem que convoca que o litoral vire letra.

Pois bem, se a escrita, a letra, está no real, e o significante, no simbólico, e Lacan (1971/209, p.116, grifo nosso) afirma que ele faz imagem no ravinamento, mas nenhuma metáfora, uma vez que “a escrita é esse ravinamento”, no real, (ravinamento das águas, ravinamento de gozo), retomo a questão anteriormente posta sobre os FPSS:

A escrita do FPS, é nossa hipótese de trabalho, é esta escrita-ravinamento de gozo no real do corpo (o gelo, o deserto), fundando um real no falasser. Ou seja, escrita no real. Fundando, porque o que havia antes não era um real correlato ao simbólico. A questão psicossomática seria a letra nesse litoral como literal, estando ausente a articulação com o significante. Letra como *litter* [dejeito], como resto real que não entra no inconsciente, por estar desarticulada do significante que a gerou.

Entretanto, não se trata no FPS, da estrutura do sujeito, mas, se assim podemos nos referir, da estrutura do Fenômeno Psicossomático. No FPS, em alguns sítios, no corpo, tal como a pele, haveria *litter*, letra unicamente como resíduo de gozo, por isso, não pode ser tomada para a representação no inconsciente. Esse assunto será abordado no próximo capítulo.

### 3.6 Sobre a Letra e o Significante

Conforme vimos, Lacan (1971/2009, p. 114) deixa claro em *Lições sobre Lituraterra* que a letra e o significante são distintos: “a escrita, a letra, está no real, e o significante no simbólico”. Afirma que não se trata de atribuir um primarismo da letra ao significante e nem mesmo haveria necessidade de fazer um exame deste primarismo porque, mesmo que a letra seja “o instrumento apropriado à escrita do discurso, não a torna imprópria para designar a palavra tomada por outra, ou até por outro, na frase, e portanto simbolizar certos efeitos do significante” (LACAN, 2003, p.18).

A letra é produzida como consequência dos efeitos de linguagem, da “ruptura da nuvem” que cai como chuva. Nesta metáfora Lacan refere-se ao significante enquanto semblante, nuvem. Assim como no Seminário 20 (LACAN, 1972-1973/1985), refere-se ao significante primeiro (S1) como enxame (*essaim*), o que remete à sonoridade significante. Ou alíngua. O significante recebido pelo falasser como pura sonoridade, sonoridade que bate, chicoteia o corpo.

A respeito deste primeiro significante, escreve Rosine Lefort e Robert Lefort (1997, p.

18, tradução nossa) “[...] significante fonemático que Lacan qualificou de significante unário, o S1, a propósito do qual ele acrescenta: quem não sabe que o significante é primeiro, gozo?”.

Ao romper a nuvem ou significante, que é o semblante por excelência, chove esse efeito que é o gozo, “a hipótese do gozo” (LACAN, 1971/2009, p.114) que por sua vez, *no Real*, se apresenta como ravinamento das águas, ravinamento do significado. Como o diz Lacan (1971/2009, p.114, grifo nosso):

Pois bem, *o que se evoca de gozo* ao romper um semblante, *é isso que no real – aí está o ponto importante, no real – se apresenta como ravinamento das águas. Isso é para lhes definir por que se pode dizer que a escrita é, no real, o ravinamento do significado*, ou seja, o que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante.

Ou seja, a escrita no real é ravinamento (escavação), rasura, sulco: “[...] é isso o que implica a ideia de escritura: está aí como simples traço” (SOLER, 1996, p.67).

E a letra? A letra constitui o litoral entre o saber e o gozo, a ser fundada neste litoral: “será que a letra não é o literal a ser fundado no litoral?” (LACAN, 1971/2009, p. 109).

A letra desenha esse litoral como borda de um furo (p.110). Portanto, a letra (o literal) necessita ser fundada fazendo *borda de um furo* no real. Sobre isso Lacan (1971/2009, p. 113) diz: “Entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral, que só vira literal quando, essa virada vocês podem tomá-la a mesma, a todo instante. É somente a partir daí que podem tomar-se pelo agente que a sustenta.”

Só vira literal quando rompendo o significante, decanta a letra. Letra, escrita que “não decalca o significante. Só remonta a ele ao receber um nome, mas exatamente do mesmo modo que isso acontece com todas as coisas que a bateria significante vem denominar, depois de as haver enumerado (sic) (LACAN, 1971/2009, p.114)”.

Seria no FPS, fazer-se um litoral com uma letra que não seja “[...] o instrumento apropriado à escrita do discurso [...]” (LACAN, 2003, p. 18). Fazer furo no real do corpo – *Real-ich*, ficando somente a face real deste litoral/literal - campo do gozo -, porque neste literal a letra não acede ao discurso, ao simbólico? Como escreve Lacan (1971/2009), a letra só remete ao simbólico ao ser nomeada. O furo no real, não faria a borda no corpo por onde marcaria como número, cifra de gozo – cifrado fonemático (letra) -, remontando ao significante? Aqui, propomos a ideia de uma heresia do caminho pulsional, não ligado à estrutura constituinte, ‘responsável’ pela fixação de um gozo específico no FPS, conforme Lacan (1975) assinala. Esta questão será abordada no próximo capítulo.

E, como a letra remonta ao significante, recebendo um nome e não unicamente

marcada como número, cifra de gozo?

Voltamos agora ao recalque originário. Da *bejahung*, afirmação universal de uma satisfação, enlace mítico da pulsão e do objeto, sobra um traço, *enzeiger zug*. Quando a pulsão novamente busca o objeto, este está perdido (presença de um vazio), encontra o significante Um e a ele se fixa, deixando o traço de um gozo.

Esta satisfação pulsional se fixa então a uma *vorstellung*, a uma apresentação do objeto, misto de percepções visuais, acústicas, que, diz Lacan (1964/1985), se dá entre couro e carne. Esta primeira fixação é a um significante, S1, campo do significante primordial (LACAN, 1955-1956/ 2008), único significante com valor de signo (LACAN, 1973/1975). Nesta fixação, coagulação, prepara a representação propriamente dita de palavra.

O S1 é signo de um gozo e também significante, e, como tal, chama o S2, o significante do Saber, este sim, representação de palavras, escolhido entre o tesouro dos significantes, que será enviado ao inconsciente, reordenando o S1. “O *vorstellungsrepräsentanz* é o significante binário [...] ponto central da *Urverdrangung* [...]”, diz Lacan (1964/1985, p.207). Recalque originário que fixa o gozo, fundamento do inconsciente. É pelo S2 que o cifrado do gozo recebe um nome. Esta operação é estrutural no humano.

No FPS, não se trata de falar de estrutura (neurótica, psicótica, perversa). Porém, se seguirmos o modelo de fundação originário, podemos pensar que há um gozo específico (pele, órgãos), herético, pois não passa pelo padrão do circuito pulsional (buracos). Neste gozo, também se decantaria uma letra, cifra de satisfação, mas como é herética não foi lida pelo inconsciente, não foi nomeada pela cadeia significante.

Assim, no FPS, neste litoral, sulco, rasura de um gozo, foi fundada uma letra que só funciona como fixação, coagulação, resíduo, *litter*. A letra no FPS seria absolutamente herética, não recebe um nome (receber o S2), fica como cifra, número.

Como escreve Mandil (2003, p. 50):

[...] como entender um litoral cuja “terra” é, antes de tudo, composta de rasuras (Litura-terra)? [...] Mas ao indicar que a letra é rasura de “nenhum traço que lhe antecede”, Lacan conjuga a tentativa de encontrar a palavra que mais se aproxima daquilo que busca expressar – a palavra mais próxima da “coisa”, com a ausência de um traço fundador.

No apólogo da Sibéria, com as nuvens e os riachos, Lacan distingue e articula, segundo Mandil (2003, p. 52), dois campos: as nuvens, metáfora do conjunto significante e outro, os rios, domínio da rasura, que produz sulcos na planície. Entre os dois, a ruptura, que,



como chuva, dá origem aos riachos que sulcam a terra. Metáfora que aponta, ainda segundo Mandil, dois registros distintos: o simbólico e o real, o gozo que escoia e escava a terra.

Para Lacan (2003, p. 24-25) “[...] nada é mais distinto do vazio escavado pela escritura do que o semblante. O primeiro é o godê sempre pronto a dar acolhida ao gozo [...]”.

E Mandil (2003, p. 53) segue, ressaltando que o vazio escavado pela escrita é preenchido pelo gozo. Para o autor, em *Lituraterre*, a noção de gozo é pensada por Lacan em relação à dimensão simbólica como resíduo. O que justifica a evocação, por Lacan, da expressão de Joyce “*a letter, a litter*”. Articulação entre o simbólico e o elemento residual, o gozo, como *litter*, lixo (MANDIL, 2003, p. 54).

A letra é, pois, resto de discurso, resto real, efeito do significante. É ‘alfabeto’ de alíngua que pode abrir passagem e romper novamente no significante, fazendo instância no inconsciente, abrindo uma passagem ao significante enquanto cadeia articulada (S<sub>2</sub>), simbólico.

Pois “[...] que seja manifestadamente mediante o escrito que a palavra faça sua brecha, pelo escrito e unicamente pelo escrito, escrito que chamamos cifras, porque não queremos falar números”, como diz Lacan (1975, p.15) na *Conferência de Genebra*.

Esta cifra, número, é o axioma por onde o corpo entra como traço no significante: “[...] o corpo se deixa levar a escrever algo do número” (LACAN, 1975, p.15). Número, axioma onde não há demonstração, Lacan (1975, p. 17) o nomeia “[...] da ordem da imanência [...]”. E acrescenta: “O corpo no significante faz traço, e traço que é um Um. Eu traduzi o *einziger zug* que Freud enuncia [...] como traço unário. Ao redor do traço unário gira toda a questão do escrito” (LACAN, 1975, p.15).

Assim, no FPS, algo da ordem do corpo na parcialidade da pulsão, não faria inscrição na cadeia significante. Restaria como cicatriz viva de um gozo específico. Neste caso, a letra, como alfabeto de *lalangue*, não abre passagem ao inconsciente, a palavra não faz brecha no escrito. A letra resta como cifra, número, sem ligação (*einziger zug*) com a cadeia simbólica, com o saber de S<sub>2</sub>. Dois registros distintos, simbólico e real, porém não articulados.

O corpo, sede da pulsão, se faz presente no psíquico, no representado (no significante). Deixa no psíquico alguma memória (escrita) da marca e do traço de satisfação. Também deixa no corpo alguma memória (escrita) de satisfação não representada.

O sonho e o sintoma são escritos no inconsciente – dentro da cadeia significante – e nos FPSs são escritos no corpo, o que faz diferença. Se o suporte da escrita no FPS é o corpo, seria escrito fora (da cadeia significante). O que é fora da cadeia significante?

Seguiremos a via que nos abre estas questões no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO 4

### O CORPO-COISA E SUA TOPOLOGIA NO FPS

*[...] a investigação freudiana fez entrar o mundo inteiro em nós, recolocou-o definitivamente em seu lugar, ou seja, em nosso corpo, e não alhures (LACAN, 1959-1960/1995, p. 117).*

Partindo da hipótese de que a escrita do FPS está fora da cadeia significante (portanto, do simbólico) e de que o suporte da escrita nesses FPSs é o corpo, trata-se de retomar a via aberta pelo estudo anterior e interrogar o que é o corpo a partir da questão do que é o fora e o dentro do corpo. O que é esse corpo de que se trata nos FPSs?

Para abordar estas questões, daremos destaque a algumas elaborações de Freud e Lacan que situam o corpo pulsional. Procuraremos situar a conceituação sobre o gozo, seus caminhos de derivação – escrita – e o que não deriva do gozo para o significante. Isso permitiria retomar a hipótese que enunciamos sobre o FPS ser uma memória (escrita) que não faz história, mas que, ainda assim, serviria para não esquecer. Esta memória, escrita de gozo, estaria em um espaço Real, nem dentro, nem fora.

Aplicaremos, ainda, alguns recursos de topologia (utilizados por Lacan) como forma de mostrar e demonstrar o espaço real (não apenas como recurso metafórico, apoio para o pensamento), o que poderá nos ajudar a esclarecer esta relação dentro/fora.

Das referências em Freud sobre o corpo, daremos destaque ao texto *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1950[1895]/1987), onde, abordando a questão da representação – memória – Freud evoca o ‘complexo do próximo’ e destaca a constituição de pelo menos dois registros (de memória) de satisfação vivida no corpo.

Nesta nossa leitura, seguiremos principalmente a orientação lacaniana no Seminário *A Ética da Psicanálise* (LACAN, 1959-1960/1995), *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, 1964/1985), onde trabalha a questão do *Real-Ich* e a estrutura pulsional; o Seminário *Mais ainda* (LACAN, 1972-1973/1985), o corpo como substância gozante, e por fim, o Seminário *O sinthoma* (LACAN, 1975-1976/2007), onde expõe a Heresia - a tomada da via do Real.

#### 4.1 Nascimento do Corpo e da Memória

Uma das primeiras referências de Freud ao Corpo, relevante para nossas finalidades, está no texto *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1950[1895]/1987)

[*Entwurfeinerpsychologie*], onde justamente o corpo aparece relacionado à constituição e escrita de uma memória de satisfação.

O nascimento da memória nos interessa nessa tese, na medida em que se questiona qual a diferença entre a memória que pode fazer história – isto é, ser lida -, e a memória que não faz história – não pode ser lida. Isto porque, construímos a hipótese de que o FPS, embora esteja no real e tenha relação ao gozo, é mesmo assim, uma memória - memória de gozo que não pode ser lida, não faz história à diferença do sintoma que é uma memória legível, que faz história.

Assim como nós pensamos, Lacan (1959-1960/1995, p.48) considera que o ‘Projeto’ é “extremamente revelador de uma espécie de embasamento da reflexão freudiana”, demonstrando seu parentesco com todas as formulações da experiência que Freud foi levado a produzir, tornando-o “verdadeiramente precioso”. Texto difícil, porém apaixonante, o interesse que podemos ter por ele “não é a pobre contribuiçãozinha a uma fisiologia fantasista que ele comporta”, mas o fato de que “é a primeira contenda de Freud com o próprio *pathos* da realidade com a qual ele lida em seus pacientes”, “aí se trata de uma coisa bem diferente de uma construção de hipóteses” (LACAN, 1959-1960/1995, p.50).

Assim, Freud estava apenas impelido pela necessidade de explicar a defesa ou recalçamento, e, ainda que o conhecimento clínico a esse respeito prosperasse, esbarrou com algo que chama “o âmago da natureza”. Escreve Freud:

Tudo o que eu estava tentando fazer era explicar a defesa, mas experimente só tentar explicar algo que vem bem do âmago da natureza! Tive que abrir caminho palmo a palmo através do problema da qualidade, do sono e da memória – em suma, a psicologia inteira (FREUD apud MASSON, 1986, p.137).

Pois bem, a ideia de Freud (1950[1895]/1987, p.403) de “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis [neurônios, sistema ou tecido nervoso]” deriva de suas observações clínicas patológicas, tais como ideias excessivamente intensas que ele encontra nas histerias e obsessões – estímulos, substituição, conversão e descarga -, as quais sugeriram “a concepção da excitação neuronal como uma quantidade em estado de fluxo”, e fundamentam sua generalização “em estados não patológicos”. Temos aqui o germe da teoria pulsional, o corpo pulsional. O corpo é o suporte onde se escreve a memória da satisfação, as marcas das pulsões.

Freud (1950[1895]/1987, p.404) propõe a inércia como princípio básico da atividade neuronal em relação a uma quantidade geral de excitação (Q), onde os neurônios tendem a se livrar dessa excitação através da descarga. Este princípio de inércia fundamenta a estrutura, o

desenvolvimento e as funções neuronais.

Porém, o princípio da inércia é rompido desde o início, uma vez que aumenta a complexidade do sistema nervoso. Ele recebe os estímulos endógenos, estímulos que se originam nas células do corpo e criam as necessidades – fome, respiração, sexualidade – e que precisam ser descarregados. Ocorre que o organismo não pode empregar a quantidade de excitação dele para a fuga do estímulo como faz com os estímulos externos, necessitando de um auxílio externo – uma ação específica (FREUD, 1950[1895]/1987, p.405-406).

Essas condições internas, endógenas – exigências da vida -, têm como consequência obrigar o sistema nervoso a abandonar sua tendência à inércia e tolerar um acúmulo de excitação interna suficiente para realizar as exigências de uma ação específica. Entretanto, o modo como realiza isso – uma cisão na estrutura e vias de condução no sistema assim descrito - demonstra que essa tendência à inércia persiste pelo empenho de manter a excitação endógena o mais baixa possível, isto é, constante. (FREUD, 1950[1895]/1987, p.405-406).

Cada elemento do sistema nervoso – neurônio – segue sua dicotomia de estrutura entre uma extremidade de recepção e outra de descarga. A função secundária do sistema necessita de acumulação de certa excitação que é possibilitada por barreiras de contato que seriam resistências opostas à descarga, barreiras estas, exercidas pela própria estrutura dividida dos neurônios (FREUD, 1950[1895]/1987, p.407). As barreiras de contato – resistências à descarga - possibilitariam produzir e manter vias de condução diferenciadas e específicas, satisfazendo a necessidade de criar uma memória.

Sendo assim, se por um lado o tecido nervoso (sistema), em termos gerais, deve reter a capacidade de ser permanentemente alterado por simples ocorrências, por outro deve manter a capacidade de receber novas estimulações, necessidade que poderia ser preenchida pelo postulado da distinção entre uma classe de neurônios *perceptuais* e uma classe de neurônios *mnêmicos*.

Os primeiros, cuja característica é estar livre para excitações novas, deixam passar a excitação como se não tivessem barreiras de contato, mantendo seu estado anterior após a passagem – neurônios imutáveis. Os segundos, em razão da barreira de contato, dificultam a passagem da excitação, podendo ser modificados do seu estado anterior pela passagem de cada excitação.

Os neurônios mnêmicos representam a memória. Os neurônios perceptuais, que não oferecem barreira e nada retém, serão denominados sistema *phi* ( $\phi$ ) e os neurônios mnêmicos, que apresentam resistência e são retentivos, serão chamados sistema *psi* ( $\Psi$ ) – portadores da memória e dos processos psíquicos em geral (FREUD, 1950[1895]/1987, p.408-409).

A capacidade de reaprender baseado na memória se deve à possibilidade de tornar as barreiras de contato do sistema mnêmico ( $\Psi$ ) menos resistentes, e portanto, mais capazes de condução entre os neurônios mnêmicos no interior do sistema. Esse estado das barreiras de contato é nomeado grau de facilitação [*bahnung*], e, a memória, está representada pelas diferenças nas facilitações entre os neurônios mnêmicos ( $\Psi$ ) (FREUD, 1950[1895]/1987, p.409-410).

Para encontrar um lugar para a memória, além da teoria das barreiras de contato, torna-se necessário deduzir (inferir) que a facilitação não se baseia numa catexia que permanece retida, uma vez que isso não permitiria diferenças de facilitações nas barreiras de contato de um mesmo neurônio (FREUD, 1950[1895]/1987, p.410-411), mas necessita encontrar vias de derivação – condução e conexão: movimento. Isso será esclarecido adiante, na discussão sobre a memória e juízo. Torna-se necessária a inclusão da qualidade na percepção, que inicialmente é somente descarga, mas acrescenta posteriormente a fala – imagens sonoras.

No funcionamento do aparelho constituído pelo *sistema perceptual e sistema mnêmico*, as cargas de excitação do exterior que penetram até as extremidades do sistema perceptual, são fragmentadas em frações e ‘peneiradas’, o que limita e reduz a quantidade dos estímulos. No que diz respeito à qualidade, ficam descontínuos e se propagam sem impedimentos, não persistem e desaparecem em direção à extremidade motora, por isso não deixa lembrança em seu rastro (FREUD, 1950[1895]/1987, p. 425-426).

O sistema mnêmico também recebe catexia do interior do corpo – estímulos endógenos -, e estará sem proteção, exposto às quantidades advindas dessa direção, e isso constituirá a *mola mestra do mecanismo psíquico*, pois surge no interior do sistema, o impulso que sustenta toda a atividade psíquica, uma força denominada vontade (descarga da excitação total do sistema mnêmico -  $\Psi$ ), o derivado das pulsões (FREUD, 1950[1895]/1987, p.428).

Os neurônios mnêmicos ( $\Psi$ ), preenchidos de estímulos, terão uma tendência à descarga, uma urgência liberada pela via motora, via que conduz a alteração interna, como expressão de emoções, gritos, inervação vascular, o que não produz resultado de alívio, na medida em que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se estabelece a tensão no sistema mnêmico. A remoção parcial e provisória do estímulo só pode ocorrer por uma intervenção externa, uma ação específica – fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual - efetuada por ajuda alheia, uma vez que o organismo humano, a princípio, é incapaz de promovê-la (FREUD, 1950[1895]/1987, p.431).

O estado infantil por descarga através da via de alteração interna (por exemplo, gritos),

pode chamar atenção de pessoa experiente e, com isso, *essa via de descarga adquire a função secundária de comunicação*, assim como o desamparo inicial dos humanos será a fonte primordial de todos os motivos morais (FREUD, 1950[1895]/1987, p.431). *Assim, a comunicação é secundária, a satisfação vem antes, com a descarga.*

A remoção do estímulo endógeno, por meio de dispositivos reflexos que executam a atividade necessária no interior do corpo, uma vez fornecida ajuda externa, constitui a *experiência de satisfação*, experiência essa, que tem consequências radicais no desenvolvimento, tais como a realização de uma descarga permanente, eliminando a urgência que causou desprazer; a produção da catexização nos neurônios que corresponde à percepção do objeto e a informação sobre a descarga do movimento reflexo liberado que se segue à ação específica, o que promove uma facilitação entre o movimento reflexo, a ação específica e os neurônios mnêmicos (FREUD, 1950[1895]/1987, p.431).

*Essa informação de descarga acontece devido ao resultado de cada movimento o qual produz novas excitações sensoriais, advindas da pele e dos músculos e que, por sua vez, produzem uma imagem motora (cinestésica) no sistema mnêmico ( $\Psi$ ).* Retomaremos este ponto adiante, no que isto se refere a alguns casos de FPS, especialmente em um dos casos apresentados.

Os neurônios mnêmicos que antes estavam isolados um do outro, tendo agora a passagem facilitada propicia uma ligação entre eles (lei da contiguidade ou simultaneidade) que constituem a atividade de memória ( $\Psi$ ) pura, de lembrança reprodutiva (FREUD, 1950[1895]/1987, p.432). Essa ligação que determina o curso da quantidade tomará a direção da barreira mais facilitada.

O resultado da experiência de satisfação promove, assim, a facilitação entre duas imagens mnêmicas (a imagem motora e a imagem do objeto), e a catexização dos neurônios em estado de urgência. Com o reaparecimento do estado de urgência ou desejo, as duas lembranças são ativadas junto com a catexia, sendo a imagem mnêmica do objeto, a primeira a ser afetada por essa ativação do desejo. Essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a alucinação, que acarretará um desapontamento assim que uma ação reflexa for introduzida (FREUD, 1950[1895]/1987, p.433).

Assim como a satisfação, a dor promoverá no sistema mnêmico, uma imagem mnêmica do objeto que a provoca, bem como, uma facilitação entre essa imagem mnêmica e propensão à descarga modificada em vários sentidos. Além disso, um grande aumento de nível de quantidades, o que é sentido como desprazer. Quando uma imagem mnêmica do objeto hostil é novamente catexizada, por exemplo, por uma percepção, produz-se um estado

semelhante à dor – reprodução da experiência no afeto, catexia advinda da lembrança, e, não mais das quantidades originadas do aumento da quantidade externa, como na dor propriamente dita (FREUD, 1950[1895]/1987, p.433-434).

Os dois tipos de experiência, *satisfação e dor*, deixam como *resíduo*, respectivamente, estados de desejo e afetos, os quais têm em comum o fato de envolver aumento da tensão no sistema mnêmico ( $\Psi$ ). O afeto será produzido pela liberação súbita, e o desejo, por soma. Ambos deixam no seu *rastro*, motivações que se constituem nas *compulsões*. O estado de desejo resulta em uma atração positiva para a imagem mnêmica do objeto, enquanto a dor conduz à repulsa em manter a imagem mnêmica hostil catexizada. Estas são a atração de desejo e a defesa (repúdio) primária ou recalçamento (FREUD, 1950[1895]/1987, p.435-436).

Esses dois processos de atração de desejo e da propensão ao repúdio (ao recalçamento), formarão uma organização no sistema mnêmico ( $\Psi$ ).

A primeira passagem de quantidades (endógenas) pelo sistema mnêmico ( $\Psi$ ) ocorreu acompanhada de satisfação e de dor. Como essa passagem de quantidades é sistematicamente repetida, promove um efeito facilitador em certos grupos de neurônios e sua constante catexização, que corresponde ao *veículo da reserva* requerido pela função secundária. Assim, a totalidade das catexias mnêmicas existentes em determinado momento define essa organização nomeada ego, embora diferenciadas em um componente permanente e outro mutável (FREUD, 1950[1895]/1987, p.437).

Eis aqui, onde se reúnem satisfação (descarga) da pulsão e dor (não há prazer), os fundamentos do masoquismo primordial. Há o além do princípio do prazer: em Freud, a satisfação da pulsão de morte, em Lacan, o gozo, o caminho mais rápido para a morte (LACAN, 1959-1960/1995). Temos também, no *veículo de reserva*, o fundamento da fantasia primordial. Esses dois aspectos, ao lado dessa primeira organização e sua divisão em dois componentes, torna-se importante para nossa pesquisa sobre o corpo nos FPSs, conforme veremos adiante.

No processo de desejar, haverá a decomposição do complexo perceptual em dois componentes: o primeiro, que se mantém constante, é o neurônio a, ou a *Coisa* e o segundo, inconstante, neurônio b, seu predicado (atividade ou atributo) (FREUD, 1950[1895]/1987, p.443-444).

Na satisfação em reserva da *Coisa*, forma-se uma memória não rastreável, e, a partir do neurônio b, inconstante, uma memória rastreável através dos juízos: de atribuição e de existência (FREUD, 1950[1895]/1987; 1925/1987).

Uma análise mais detalhada do processo nos levará ao seguinte:

Se o neurônio (a) coincide no desejo e na percepção, mas o neurônio (c) é percebido no lugar do (b), a atividade do ego segue as conexões desse neurônio (c) até encontrar acesso ao neurônio (b) desaparecido. Uma imagem de um movimento (imagem motora) aparece intercalada entre os neurônios (c) e (b), e, quando se realiza um movimento, essa imagem é ativada novamente, estabelecendo a percepção do neurônio (b) e a identidade visada (FREUD, 1950[1895]/1987, p.444).

Assim ocorre, por exemplo, quando uma imagem mnêmica desejada for o seio materno com o mamilo, vistos de frente, e a primeira percepção for a visão lateral do mesmo objeto sem o mamilo. A experiência adquirida casualmente no ato de mamar, na qual a imagem frontal se modifica em lateral por um determinado movimento da cabeça, forma uma memória. A imagem lateral percebida leva à imagem do movimento da cabeça, que conduzirá a realizar um movimento equivalente para tentar obter a percepção da imagem frontal (FREUD, 1950[1895]/1987, p.444).

Portanto, o movimento corporal – imagem motora – necessita marcar-se como memória.

Trata-se de um exemplo, não tanto de julgar, mas da possibilidade de chegar a uma ação, pela reprodução das catexias, com o objetivo de recuperar o neurônio (b) desaparecido e retomar a sensação de identidade, e, não mais a condução pela facilitação entre os neurônios (sequência primária de associações). Durante essa migração que ocorre entre os neurônios, pode acontecer de encontrar uma lembrança ligada a uma experiência de dor e liberar desprazer, o que vai se tornar um indicativo para seguir outras vias, e elevar o desprazer ao valor de orientador da corrente de reprodução (FREUD, 1950[1895]/1987, p. 445).

Portanto, o pensamento reprodutivo tem um objetivo prático de conduzir de volta para a catexia do neurônio desaparecido, passando pela percepção indesejada, a fim de obter a identidade e a descarga. Pode ocorrer também um luta unicamente pela identidade, o que seria um ato puro de pensamento.

Outra possibilidade que pode surgir do ato de desejo consiste na circunstância onde há a presença de uma catexia de desejo e aparece uma percepção que não coincide em nada com a imagem mnêmica desejada. Nesse caso, pode surgir um *interesse de conhecer* essa imagem perceptiva, com o intuito de encontrar uma via entre ela e a imagem mnêmica desejada. A atividade do pensamento poderá se dirigir para as lembranças despertadas e *ser dirigida pelas diferenças, e não pelas semelhanças*; ou então, permanecerá nos componentes da percepção que agora surgiram, realizando, nesse caso, uma atividade judicativa (FREUD, 1950[1895]/1987, p.447).



Se o objeto que compõe a percepção for outro ser humano, *semelhante* ao próprio sujeito e ao primeiro objeto de satisfação, também seu primeiro objeto hostil e única força auxiliar, torna-se por isso, motivo para aprender a conhecer:

Os complexos perceptivos emanados desse ser semelhante serão então, em parte, novos e incomparáveis – como, por exemplo, seus traços na esfera visual; mas outras percepções visuais – as do movimento das mãos, por exemplo – coincidirão no sujeito com a lembrança de impressões visuais muito semelhantes, emanadas de seu próprio corpo, [lembranças] que estão associadas a lembranças de movimentos experimentados por ele mesmo. Outras percepções do objeto – se, por exemplo, ele der um grito – também despertarão a lembrança do próprio grito [do sujeito] e, ao mesmo tempo, de suas próprias experiências de dor (FREUD, 1950[1895]/1987, p.448).

Como consequência da nova descoberta da organização-ego a respeito da coincidência parcial entre as catexias perceptuais e as informações provenientes do próprio corpo, formando juízos, *os complexos perceptuais (complexo do ser humano semelhante) se dividem em dois componentes: uma parte produz uma impressão por sua estrutura constante, permanece unido como uma Coisa e incompreendido; o outro componente, variável, pode ser compreendido pela atividade de memória, ou seja, pode ser rastreado até as informações sobre o próprio corpo do sujeito (os atributos ou movimentos da coisa)* (FREUD, 1950[1895]/1987).

Assim, a dissecação do complexo perceptivo envolve o juízo e pressupõe a catexia de porções díspares, não comparáveis, inconciliáveis, a partir do ego.

Como o complexo-*coisa* reaparece combinado com uma série de complexos-atributo, se elaboram vias de pensamento que ligam esses dois complexos ao estado de desejo da *coisa*, independentemente da percepção que é real num dado momento. Forma-se, assim, uma unidade psicológica que acarreta um erro de juízo ou falha nas premissas, uma vez que o complexo-*coisa* nunca é idêntico ao complexo-movimento (FREUD, 1950[1895]/1987, p.513).

Ambos os casos aqui examinados, de pensamento reprodutivo e pensamento judicativo, são decorrentes do interesse primitivo de estabelecer a situação de satisfação, e:

[...] o objetivo e o fim de todos os processos de pensamento é o estabelecimento de um estado de identidade [...]. O pensamento cognitivo ou judicativo procura uma identidade com uma catexia corporal, ao passo que o pensamento reprodutivo procura uma identidade com uma catexia psíquica do próprio sujeito (com a experiência do próprio sujeito) (FREUD, 1950[1895]/1987, p.449).

A base do juízo é a presença de experiências corporais, sensações e imagens motoras

de si próprio, e, faltando esses elementos, a parte variável do complexo perceptivo continua não compreendida, ou seja, pode ser reproduzida, mas não indicará a direção para novas vias de pensamento. O juízo é, originalmente, processo de associação entre catexias do exterior e do interior do próprio corpo – uma identificação de informações, transmissões e descarga, mais tarde, tornando-se um meio de cognição de um objeto importante. *As chamadas Coisas são resíduos que não podem ser julgados* (FREUD, 1950[1895]/1987, p.450), *nem lembrados*.

*Os processos de pensamento que se estabeleceram como modo de identificar a realidade da percepção, deixam traços duradouros, signos, traços especiais que constituem uma memória* (FREUD, 1950[1895]/1987, p.451).

Mas, como esses traços, puros signos (“massa de neurônios constantemente catexizados” -, isto é, quantidades) que compõem o eu primitivo, podem seguir as percepções fornecendo uma indicação mais segura da percepção do objeto (conhecimento do objeto) e, por consequência, do seu próprio movimento corporal, para além do puro processo de descarga, realizando o processo secundário? Em outros termos, como pode relacionar o que é traço puramente tensional (e sua descarga) com uma qualidade que daria indicação mais segura?

A princípio, é apenas a informação de descarga que constitui a indicação de qualidade (FREUD, 1950[1895]/1987, p.490). Em outros termos, o caminho que liga a percepção à identidade com a catexia de desejo passa por uma imagem motora. As indicações de qualidade proporcionam ao ego dirigir as catexias para lugares certos, além das imagens mnêmicas já alcançadas.

Essas indicações que surgem durante a passagem associativa de quantidades, também podem ser obtidas pelas *associações da fala* que consiste na ligação de neurônios mnêmicos com neurônios usados nas *representações sonoras*, essa última, associada a *imagens verbais motoras*. A excitação passa da imagem sonora para a imagem verbal e desta para a descarga (FREUD, 1950[1895]/1987, p. 490).

As associações de fala – indicações de descarga verbal -, além de possibilitar o conhecimento, realizam ainda a função de grande importância de equipar os processos de pensamento com os processos perceptivos, possibilitando sua lembrança e conferindo realidade (FREUD, 1950[1895]/1987, p.490). Porém, deve-se considerar que essas indicações de descarga por meio da fala são indicações de realidade do pensamento e não da realidade externa: distinção entre realidade psíquica e factual ou material que Freud aborda posteriormente, em outros textos.

A associação da fala é inicialmente uma via de descarga para o sistema mnêmico ( $\Psi$ ), sendo parte da via que conduz à mudança interna que é a única descarga enquanto não se redescobre a ação específica. Fica incluída na ação específica quando passa a servir à comunicação.

#### 4.2 O Corpo-Coisa, Memória de Gozo Não-Rastreável do FPS

Como se sabe, Freud retoma posteriormente as noções e conceitos fundamentais que desenvolve neste ‘Projeto’, em diversos tempos e textos nos quais elabora sua pesquisa conceitual e clínica: *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900/1987), *Três ensaios sobre a sexualidade* (FREUD, 1905/1987), *Artigos sobre metapsicologia* (FREUD, 1915/1987a), entre outros; e, especialmente em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/1987) e *Construções em análise* (FREUD, 1937/1987).

Conforme vimos, o ‘Projeto’ é claramente marcado pela necessidade de demonstrar, justificar e explicar a ocorrência da memória. Mais especificamente, o nascimento ou construção de uma memória de satisfação e de desejo a partir do corpo como organismo vivo. Em outros termos, Freud trata das fontes, dos caminhos e dos destinos de processos excitatórios, bem como de seu aparelho operatório – o aparelho psíquico: “corpo estranho do tecido vivo” (FREUD, 1893-1895/1987, p. 282).

Esta memória se relaciona à construção de espaços pela via da constituição de um trilhamento para impulsos, onde há a diferenciação entre o que é interno e externo, a partir de uma superfície. Isso se dá desde a diferenciação do sistema nervoso e seus dispositivos estruturais, de finalidade e funcionais (“superfície externa irritável em extensões não-irritáveis”), até o que poderíamos chamar de *Corpo Real (Real-Ich)*. O *Corpo Real* é um “fora de dentro”, fora do espaço das representações, e o *Corpo do Prazer (lust-ich)*, nova distinção, é um dentro do espaço das representações. Consideramos neste trabalho que *Corpo Real* é análogo ao *Real-ich (eu real)* abordado por Freud posteriormente, em 1915, no texto *Os Instintos e suas vicissitudes*; assim como, o *Corpo do Prazer* é análogo ao que nomeia *Lust-ich (eu do prazer)*.

Conforme Lacan (1959-1960/1995, p.55) alerta, “é preciso observar bem que esse aparelho nos é apresentado como isolado no ser vivo. É o aparelho nervoso que é estudado e não a totalidade do organismo”, aparelho este, que “é uma topologia da subjetividade [...], uma vez que ela é edificada e construída na superfície de um organismo.” Assim, “[...] o *Entwurf* é a teoria de um aparelho neurônico em relação ao qual o organismo permanece

exterior, assim como o mundo exterior” (LACAN, 1959-1960/1995, p.62).

O “âmago da natureza” com o qual Freud se depara no ‘Projeto’, é, pois, uma cisão que se dá no mesmo ato, pela separação entre o que se poderia denominar organismo vivo e outro espaço, não ainda das representações, mas da experiência de satisfação – a *Coisa* que fica unida como estrutura constante, parte do complexo perceptual do objeto, que fica fora, excluída, assim como o Corpo Real. No mesmo ato, o traço separa o que desse espaço de satisfação vai ser derivado – os atributos, o movimento –, posto em memória rastreada, que pode ser compreendida, primeiramente pensamento reprodutivo, após, a atividade judicativa, e, em seguida, por outras modalidades de pensamento.

Temos aqui, nos parece, uma analogia com o proposto por Lacan (1971/2009) em *Lições sobre Lituraterra*, conforme trabalhamos. Separação entre o campo saber e o campo do gozo - sulco, escavação e vestígio: litoral. A separação entre o corpo e o gozo que a entrada do significante promove com o jogo de inscrições, tal como Lacan (1969-1970/1994) aponta. O corpo agora é esse da memória rastreada – simbólico; o gozo, reunião entre satisfação e dor em uma de suas modalidades; e, no campo da *Coisa* excluída, outro gozo (satisfação em reserva). Pois, há o excluído: a *Coisa*. Como designa Lacan (1959-1960/1995, p. 260), há este ponto, “[...] o intransponível ou o da *Coisa* [...], ponto de criação *ex-nihilo* no qual nasce o que é histórico na pulsão”.

Quando então nasce o que é histórico, deixa como resto desta operação o ahistórico.

E Lacan (1959-1960/1995, p. 258), segue seu argumento reafirmando que a pulsão de morte deve ser situada em relação à cadeia significante. Ou seja, só se torna pulsão de morte, sem história, quando a cadeia significante passa a historizar.

É neste sentido que Lacan (1955-1956/2008, p.185) observa que Freud ensina que tem que ser suposta sempre uma *organização anterior*, ao menos parcial da linguagem para que a memória e a historização possam funcionar – uma primeira posta em signos (*wahrnehmungzeichen*) - campo do significante primordial (significante unário – S1). A relação estruturante fundamental é puro signo, o qual não tem a finalidade de comunicar, mas, como este significante primordial, que funciona como signo, está também no campo do significante, abre a cadeia chamando outro significante (S2). Se nos sonhos, por exemplo, é unicamente construção, cifrado, a operação de cifragem está feita para o gozo, as coisas estão feitas para que no cifrado se obtenha esse algo que é o essencial do processo primário – uma *Lustgewinn* (termo que se refere a ‘ganho de prazer’, mas com sentido de ‘perda de lucro’) (LACAN, 1973-1974).

Pois bem, o corpo que Freud vai colocar em evidência, pesquisar, discutir e

desenvolver ao longo de sua obra, voltando sempre a isso, é aquele que pode rastrear e compreender porque é uma memória representada, memória de satisfação escrita nos traços e qualificada. É o corpo que ele demonstra em 1905, no seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, bem como no artigo de 1915 *Os instintos e suas vicissitudes* (o termo instinto é melhor traduzido pelo termo pulsão em razão de sua diferença conceitual). Esse é o corpo erógeno, marcado pelas pulsões representadas, cujos canais são os orifícios do corpo, zonas erógenas. É o que faz sintoma pelas representações que buscam o reingresso do gozo no corpo.

Mas, Freud também nomeia *a Coisa*. Esse Corpo-*Coisa* também seria memória. Memória sem história.

Se o corpo do semelhante e o seu próprio, é quase uma *Coisa* – incompreendida –, ele pode compreender esse corpo a partir da memória do próprio corpo. Se o corpo é uma *Coisa*, ele pode conhecer algo a partir da memória em si – do movimento, do grito – de uma memória vivida. Nesse caminho, o que qualifica os traços é o olhar – traços visuais – e o grito (traços auditivos); depois se associa a fala, cuja qualidade é o som – traços auditivos com imagem motora verbal. O que, com Lacan, diríamos o objeto *a* – voz e olhar, objetos prevalentemente ligados ao desejo.

O corpo como *Coisa* também seria memória, quase uma memória da *Coisa* - sem história, que nunca foi pensada, representada. É resíduo de satisfação, não pode, portanto, ser julgada, nem lembrada, e nem mesmo lida. Portanto, no nascimento do corpo dá-se o nascimento (registro) da memória de *Coisa* não pensada que é justamente o traço, o sulco no Corpo Real. Ao mesmo tempo, nasce a memória pensada, representada, significantizada no Corpo Simbólico.

Na abordagem do nascimento do pensamento e suas modalidades, o que Freud chama neurônio *a* ou *Coisa* – o imutável, ele permanece e a cada vez volta no rastreamento. Entretanto, permanece sempre fora da cadeia de representações, do inconsciente.

Deste modo, Freud trabalha a constituição do objeto como perdido e a infundável busca – movimento – que ele opera: a busca do reencontro do objeto na identidade de percepção e de pensamento (representação) – memória rastreada que possibilita certa abertura ao conhecimento. Algo fica de fora da possibilidade de rastrear, de julgar, fora da possibilidade do movimento, porém, está sempre presente como *Coisa* constante, causando o movimento da busca.

Assim, a *Coisa*, é uma memória que não se organiza como tal – não se estratifica – porque ela não é esquecida (não sofre recalque), está sempre presente, constante, imutável,

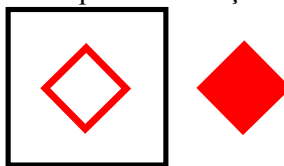
inerte e muda. É uma memória sempre presente que não se põe como lembrança. Ou seja, é uma memória de satisfação em reserva, uma vez que na organização primordial – ego primitivo – trata-se de um “veículo da reserva”. *É memória de satisfação do corpo próprio.*

Esse elemento designado por Freud – o neurônio, o movimento neuronal –, é uma quantidade que produz satisfação e dor, a partir da qual nasce o desejo. O objeto que cai, deixa um buraco. Circunscrito pelo traço que deixa em sua borda. Em um primeiro momento, esse traço que ficou vai retornar e ser retomado na percepção pela alucinação; em outro momento, trata-se de encontrar a percepção do objeto na realidade para indicar se esse objeto está ou não, porque o que determina é esse objeto interno – presença de um vazio -, o traço, processo de um primeiro juízo. Há um neurônio que sempre permanece, neurônio que vai ficar inalterado – a *Coisa, memória não-rastreável* – separado da memória representada, rastreável.

Esse separado e inalterado é o que Freud (1924/1987, p.233) chamará em *A perda da realidade na neurose e na psicose*, de existência de um mundo de fantasia, “domínio que ficou separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade”, domínio este, “mantido livre das pretensões das exigências da vida, como uma espécie de ‘reserva’[...]” que “[...] não é inacessível ao ego, mas só frouxamente ligado a ele”. Existência da “memória de um passado mais satisfatório” que não entra no simbólico e que formará o que Lacan (1958-59; 1961-1962; 1964-1965) aborda como fantasma fundamental (ou fantasia primordial).

Em termos lacanianos, é a perda do objeto que deixa o traço. A *bejahung* é a satisfação possível que marca, e quando volta a buscá-la, associa o significante (unário), que é signo, a esse traço do objeto. Trata-se do ‘gozo prévio’ à entrada da cadeia significante (S<sub>2</sub>). Como afirmam Rosine Lefort e Robert Lefort (2007, p. 18, tradução nossa), “gozo do ser, [...] instauração da dupla S<sub>1</sub>-a, como gozo prévio, prévio à relação ao Outro”. Portanto, prévio ao S<sub>2</sub>, prévio à entrada do saber da linguagem (leis, jogos combinatórios de metáfora e metonímia). O S<sub>1</sub> é signo porque identifica uma marca de gozo e só terá valor significante quando ligado ao S<sub>2</sub>. Assim, o significante vem no lugar do objeto, se instala no vazio e faz traço que divide – sujeito barrado (S̅). Por esta vertente, (sujeito) barrado desta satisfação. É o traço que divide o sujeito do lado simbólico e do lado real.

Figura 1 - A perda e o traço do objeto



Fonte: Pinto (2014).

Esse ‘gozo prévio’ entre o significante e o objeto é que vai constituir o fantasma – fantasma fundamental. Quando entra o significante do Outro ( $S_2$ ), o  $S_1$  funcionará como significante, e, no fantasma, o sujeito acabará sendo pulsionado do objeto (sujeito barrado punção de  $a$  ( $S \diamond a$ )).

O FPS estaria situado nesse Corpo Real, corpo de memória incompreendida. Corpo de um gozo inominável (inefável), corpo *Coisa*. E corpo estranho, sinistro em relação ao corpo erógeno, estranho *vis-à-vis* com as representações.

O estranho ou sinistro – *Unheimlich* – do corpo pulsional, (tema que Freud aborda posteriormente ao Projeto, em 1919) é a quota da pulsão que, inerte, inassimilável e inominável porque está fora da representação, emerge sob a forma de uma compulsão. E repete. Repetição que será do mesmo: inassimilável e inominável. E, justo por ser inassimilável e inominável – *Coisa* - é que é estranho, sinistro e horrível. O sinistro da pulsão, “inerente à sua própria natureza”, que “impõe a ideia de algo fatídico e inescapável” (FREUD, 1919/1987, p.258). Memória de gozo, escrita de gozo não rastreável, mas que está sempre presente.

Desta forma, o corpo onde ocorre o FPS é vivido como estranho à vida subjetiva porque emerge fora do movimento pulsional que busca a representação. Mas dentro da compulsão a repetir o vivido, embora não representado. Compulsão que parece estar na origem da alternância do irromper e desaparecer do FPS. Memória (de gozo) não rastreável. Esse espaço do Corpo Real, lugar sinistro, estranho, alheio – espaço do FPS. *Coisa*.

Queremos aqui, retomar alguns pontos da elaboração de Freud no ‘Projeto’ para destacar questões que têm especial relação com um dos casos apresentados e que serão revistas ao final deste trabalho.

A experiência central que funda a construção do corpo e do psiquismo reside na experiência de satisfação e de dor. O estímulo endógeno, impossível de cessar, só pode ser removido parcialmente, através da ajuda externa (ação específica), ou, em termos lacanianos, da presença do Outro. Essa remoção ocorre por meio de dispositivos reflexos que executam a atividade necessária no interior do corpo, isto é, a atividade de descarga. A descarga do

movimento reflexo liberado que se segue à ação específica promove uma informação, que por sua vez, realiza uma facilitação (ligação) entre a catexia do movimento reflexo/ação específica e os neurônios mnêmicos ( $\Psi$ ) (traço, marca no corpo), anteriormente isolados. Em outros termos a informação de descarga une a catexia do que seria puro reflexo (talvez um ‘resto filogenético’) à ação específica, ao contato com o Outro (linguagem, objeto).

Cabe ressaltar que o resultado da experiência de satisfação promove a facilitação entre duas imagens mnêmicas: a imagem motora e a imagem do objeto. Ao mesmo tempo, promove a catexização dos neurônios mnêmicos ( $\Psi$ ) em estado de urgência ou desejo.

Ocorre que a informação de descarga acontece devido ao resultado de cada movimento que produz *novas excitações sensoriais* advindas da pele e dos músculos, que, por sua vez, produzem uma ação em  $\Psi$ , uma imagem motora (cinestésica) em  $\Psi$ .

E se não ocorrer essa catexia? Se as novas excitações advindas da pele e dos músculos não produzirem uma ação (imagem motora cinestésica) em  $\Psi$ ? Em outros termos, se não houver esse caminho de informação da descarga, que, na verdade, é o caminho ligado à ação do Outro – a ação específica? A resposta pode ser o FPS.

O Outro (que aqui não está ainda como representação na subjetividade), seria aquele que promove as novas excitações sensoriais na pele e nos músculos, tais como talvez, tocar, sentir a textura de algo. O que pode ser aqui uma imagem motora? Um choro, um se bater, um mal-estar?

Conforme visto anteriormente, esta situação não é uma demanda, um apelo feito para comunicar. É o Outro, aquele que realiza a ação específica, que vai observar ‘o estado infantil’ e procurar interpretar. Se uma criança é deixada [chorar], não transformaria essa imagem motora em  $\Psi$ , em uma demanda? Até que ponto aqui, neste ‘limite do fisiológico’, não estará o nascimento do que poderia vir a ser a demanda, o apelo? Até que ponto a excitação sensorial, não se transformando em demanda, ficaria em alguns casos, na forma de impressões sensoriais na pele? Novas excitações na pele que não derivam, não realizam o movimento de ligar-se à representação do Outro. Em outros termos, a tensão não se transforma em intenção (FREUD, 1895/1987; 1901/1987; 1934-1938/1987).

Relembramos que, assim como a satisfação, a dor promoverá no sistema mnêmico ( $\Psi$ ) uma imagem mnêmica do objeto que a provoca, bem como uma facilitação entre a imagem mnêmica e a propensão a descarga modificada em vários sentidos. Além disso, um grande aumento do nível de quantidades, o que é sentido como desprazer. Quando uma imagem mnêmica do objeto hostil é novamente catexizada por uma percepção, produz-se um estado semelhante a dor. Ocorre a reprodução da experiência de dor, advinda da lembrança.



Os dois tipos de experiência, satisfação e dor, deixam como resíduo, respectivamente, estados de desejo e afetos (termo utilizado por Freud), os quais têm em comum o fato de envolverem aumento da tensão em  $\Psi$ . Ambos deixam no seu *rastró*, motivações que se constituem nas tendências às *compulsões*.

O estado de desejo resulta em uma atração positiva para a imagem mnêmica do objeto, enquanto a dor conduz a repulsa em manter a imagem mnêmica hostil catexizada. Estas são a atração de desejo e a defesa (repúdio) primária.

A experiência da dor se liga com a experiência de satisfação e segue o caminho da compulsão à repetição, desembocando no masoquismo. Mas algo do resíduo de dor se ligará ao resíduo de satisfação como tensão, carga livre, porque não se manifesta no processo primário em intenção que virá a ser pensamento. Trata-se, talvez, do masoquismo (sadismo) primário – tensão estagnada no soma, entre o fisiológico e o psíquico. É um limiar tênue entre satisfação e dor. Uma parte da tensão fica livre e não se representa: sobra só dor. Resta carga livre, resíduo livre da dor que não passa pelo Outro.

O resíduo do desejo segue o método da satisfação, ou seja, se esforça por descarregar pela repetição, ou segue o método da inibição, ou seja, desvia uma quantidade por uma catexia colateral. E o que acontece com o resíduo da dor? Repúdio ou defesa primária – divisão e expulsão. Aqui se dá a primeira cisão eu-não eu. Mas, ambos, o resíduo da dor e o resíduo do desejo deixam uma tensão.

Sendo assim, levantamos a hipótese de que nos FPS, o resíduo da dor fica estagnado, entre o fisiológico e o psíquico e “gruda” [imagem motora cinestésica?], no caso, na pele. Seria este o Gozo específico do FPS, mencionado por Lacan (1975, p.16, grifo nosso) na *Conferência em Genebra sobre o sintoma?* “*É por esse viés, pela revelação do gozo específico que há na sua fixação, que é preciso visar abordar o psicossomático*”.

Consideramos que nessas ideias está o núcleo do psicossomático. Está o fundamento do somático e do psíquico, da ausência da representação mnêmica ( $\Psi$ ) que fica no soma, como uma memória que não pode ser rastreada porque não foi recalçada. E se o processo primário não segue seu curso na direção do processo secundário, fica um “*fuero*”, o que não pode ser transliterado, transcrito, retranscrito. Em outros termos, produzir novas formas de escrita. Fica tatuado, grudado, como uma escrita que não se sabe ler.

Assim como nós sublinhamos nessa nossa pesquisa, Lacan (1959-1960/1995) comenta no seminário 7 a importância da observação de Freud no texto o ‘Projeto’ sobre o *movimento* – pulsional. O movimento é passar pelo Outro, significante. Se não fez *um* movimento, ‘grudou’ no soma.

O nascimento do corpo, na construção do psiquismo, já é “normalmente defeituoso” (é não-todo), uma vez que vai ficar uma parte do percebido como não compreendido – uma *Coisa* – e, no caso do FPS – um “defeito” mais além. Esse percebido que ficou como *coisa* está fora para todos. Mas há algum ponto, talvez da pele, músculo ou glândulas, que não recebeu a ação específica. Não em todos os casos. Pode ser que em alguns casos tenha recebido a ação específica, mas não tenha registrado. Como o diz Lacan (1955-1956/2008, p. 102), “[...] no interior da *bejahung* acontecem todas as espécies de acidentes. Nada indica que a supressão primitiva tenha sido produzida de maneira apropriada”.

#### 4.3 FPS: a Heresia do Real, a Heresia da Pulsão (dos Buracos e da Escrita)

Se anteriormente identificamos o corpo dos FPS como corpo de memória que não pode ser rastreada e nem compreendida (não-representada) e o diferenciamos do corpo do sintoma histérico como corpo de memória rastreada que pode ser compreendida (representada), queremos neste ponto, designar o FPS como uma *heresia da pulsão – rastro de gozo no corpo real*. O FPS seria uma heresia porque a pulsão não passa pelos buracos que fazem borda no corpo e não busca um significante no campo do Outro. Toma outro caminho, contrário a este padrão de fazer borda nos buracos do corpo (corpo erógeno a partir do qual o sintoma se faz). Toma o caminho herético.

Assim, a pulsão contorna, por exemplo, o seio, na sua função de objeto - objeto *a* - causa do desejo. O termo contorna tem dois sentidos: faz borda em torno do qual se dá volta (*turn*), e, faz escamoteação (*trick*), isto é, faz desaparecer sem que se perceba (LACAN, 1964/985, p.160). Faz volta que, em seu circuito, fundará um buraco. E faz desaparecer este buraco, sem que se perceba, pois o bordeia com significantes. Como afirmou Esthela Solano Suarez (1996), no lugar do buraco, Freud inventou um significante: o inconsciente.

A imagem que Freud (1915/1987a, p. 152) faz é que cada pulsão seria uma série de ondas sucessivas isoladas, comparável às sucessivas erupções de lava, e, na sua origem, uma erupção que se processa de forma inalterada, que não sofre transformação. A transformação ocorre no encontro com o significante, fundando o inconsciente.

No FPS não haveria, em alguns pontos, a escamoteação do buraco – este ficaria à mostra, sem que seja fundada uma representação inconsciente para a moção pulsional. Não será essa uma heresia da pulsão?

Nesta nossa tese, o FPS seria uma heresia da pulsão, uma vez que um trajeto pulsional ao não alcançar um significante, deixa seu rastro no corpo real, não erogenezado, expondo o

buraco. Deixa-o à mostra, pois não escamoteado pelo significante, não há perda de gozo, não há entropia.

Cabas (2010a) desenvolve a ideia de que Lacan operou durante seu ensino, com uma matriz trinitária que se apresentou inicialmente (1950, no estádio do espelho) como Imaginário, Simbólico, Real – I.S.R. Nesta lógica, os signos provenientes dos sentidos fornecem um índice imaginário que é retomado pelo simbólico por meio das articulações significantes que deixam um resíduo inassimilável – real. Lacan reordenou em seguida (1960), em razão da primazia clínica do simbólico, os termos que integravam esta fórmula, resultando em: Simbólico, Imaginário, Real – S.I.R. Nesta fórmula, o imaginário é um efeito da cadeia, mas o real se mantém como resto. Após investigar os paradoxos do gozo (1970) e descobrir a presença de um Gozo Outro nas dobras da sexualidade feminina, Lacan “postulou uma nova configuração da razão trinitária e a enunciou como: Real, Simbólico, Imaginário – R.S.I.”.

Neste contexto, Cabas (2010a) sublinha que a leitura desta última fórmula evoca a palavra heresia: R.S.I., homofônico, na língua francesa, à *háeresis*. *Háeresis*, heresia, remete ao real posto em primeiro lugar, dando aos efeitos imaginários o estatuto de um saldo.

Neste sentido, herético é o que parte do real e não do sentido simbólico. Assim, no FPS seria o real posto em primeiro lugar, seria herético em relação ao sintoma.

Neste seminário *O sinthoma*, trabalhando sobre Joyce, sobre a escrita propriamente dita (no papel), Lacan (1975-1976/2007, p. 161; 163) sublinha que este “vai direto ao real, não se ocupa do sentido”: ler essas frases de *Finnegans Wake* “[...] sem procurar compreender. Isso se lê. Se isso se lê, [...] é porque sentimos presente o gozo daquele que escreveu isso”. Joyce tem “uma relação com o gozo tal como ele é escrito na *lalíngua* – que é a inglesa – por ser essa gozação, por ser esse gozo, a única coisa que do seu texto podemos pegar. Aí está o sintoma (sic)”. Produz enigmas em seu texto “feito como um nó borromeano” e isso ocorre porque ele os colocou ali – logo depois, há outra palavra, e outra, e outra. (LACAN, 1975-1976/2007, p. 149).

Do seu texto não há compreensão em si, por isso fica como um enigma, por exemplo, a frase “Kedê-kadô, bobinha do meu xodó”. Essa frase retirada de *Finnegans Wake* só pode ter algum sentido ao ser escutada e reescrita, como se fosse em francês – transliteração sonora. Uma tradução possível para a transliteração sonora francesa da frase escrita por Joyce em inglês seria “onde está seu presente, seu imbecil” (LACAN, 1975-1976/2007, p. 165).

Lacan (1975-1976/2007, p. 150) afirma que se Joyce eleva o *sinthoma* – que é o que a língua condiciona – à potência da linguagem, ou seja, liga o real com a letra, não tornando

com isso, o sintoma analisável. A admiração de Lacan por Joyce, reside no fato de que este fez o que pôde com a linguagem. Não quis salvar o pai ou critica-lo, mantendo-o (caminho da neurose), mas fez como nome próprio, no caminho da letra, como canteiro de obras (CABAS, 2010a).

Do mesmo modo, conforme vimos, a escrita do FPS não é analisável. É herética.

No percurso que fizemos fica clara a relação do FPS com o real, o campo do gozo, e sua escrita poderia ser considerada herética, isto é, parte do real. Uma heresia em relação à forma de gozo pelos furos ou buracos pulsionais. O buraco faz a borda e inscreve o Outro. O seio, a voz, o olhar, inscreve algo do Outro. No corpo que estamos tratando, o corpo do FPS, a pulsão passaria de uma forma herege, isto é, em alguns ‘sítios’, como a pele, onde não há buraco, não é possível fazer uma borda.

A escrita de Joyce e a escrita do FPS partem do real, via herética, mas sua diferença consiste em que a primeira usa a letra como canteiro de obras, e a segunda, a escrita do FPS, em uma de nossas hipóteses, a letra, não faz derivação para o campo do saber (*Lituraterra*), não vai ser lida pelo simbólico. É justamente o sulco, a escavação.

Onde forma o buraco há uma escrita, contudo, escrita que cai no campo do saber. Onde faz somente ravinamento é escrita, mas localiza-se no campo do gozo, não podendo ser lido. A escrita de gozo (fálico) – o ‘padrão’ dos buracos no corpo (erógeno) –, cairá de alguma forma no campo do saber. A escrita herética cairá no campo do gozo – gozo Outro.

Nesse sentido podemos nos perguntar: há um saber no FPS? Lacan (1968-1969/2008, p. 206) afirma que há, na pulsão, certo saber de seu lugar-tenente para a representação. Se o FPS é o ravinamento pulsional, esse certo saber de seu lugar tenente está lá, mas para fundar este saber, é necessário fundar um significante no campo do Outro, fundar um sujeito que queira esse saber.

Há possibilidade de uma análise no FPS se ele for uma escrita, ravinamento pulsional, marca e memória de gozo, letra que não se liga à cadeia significante não fazendo uma história?

#### **4.4 O Um, Gozo**

A *Coisa* freudiana, estrutura constante e coesa, que se repete, teria certa analogia com o Um que Lacan aborda posteriormente, em 1972-1973, no seminário *Mais ainda?* Essa unicidade (‘é Um’) de si – o Outro, Gozo – está fora da cadeia significante. Outro gozo, não é o Outro do significante, do inconsciente, da linguagem.

O que é Gozo? De onde parte o que é capaz de responder pelo Gozo do corpo do Outro? (LACAN, 1972-1973/1985, p.13).

O amor e o gozo sexual tentam fazer Um, mas não é Um. O desejo de ser Um nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos dois sexos (LACAN, 1972-1973/1985, p.14). Desse modo, o ser é o gozo do corpo como assexuado, uma vez que o Gozo sexual é marcado pela impossibilidade de estabelecer o Um, o Um da relação sexual (LACAN, 1972-1973/1985, p.15). O Outro só se apresenta para o sujeito em uma forma *a*-sexuada. O objeto *a* pode ser dito *a*-sexuado, suporte-substituto do Outro na forma do objeto e desejo (p.172). Do *a*-sexuado ao sexuado implica fazer o *a* (suporte-substituto) aparecer no sexo. Assexuado é o Gozo do corpo, Gozo Outro – Gozo do corpo como tal. O Gozo sexual é fálico, é atravessado pela linguagem, pelo significante. Porém, resta deste gozo fálico uma entropia, uma vez que o significante não atrai para si todo gozo. Esta entropia de gozo não significantizado, responde pelo gozo do corpo como tal, e é assim, inominável, indizível. O gozo Outro não é sem relação ao gozo fálico, mas é “um gozo, já que nos atemos ao gozo, gozo do corpo [...] *para além do falo*” (LACAN, 1972-1973/1985, p.100).

Portanto, o que marca o ser falante (não como sujeito), o corpo, é um exílio da relação sexual: o real do gozo Um.

O Um, gozo, qual sua relação com o significante Um? Se a substância do corpo é definida apenas como aquilo de que se goza (“propriedade do corpo vivo, certamente, embora não saibamos o que é estar vivo”), um corpo, isso só se goza por corporificá-lo de maneira significante (LACAN, 1972-1973/1985, p.31; 35).

O Um é encarnado na *alíngua*, e pode ser o fonema, a palavra, a frase ou todo um pensamento. É o significante Um, significante-mestre, ordem significante pela qual toda cadeia subsiste (LACAN, 1972-1973/1985, p.196). Desta forma, o significante é assemântico, nada significa, é o único significante com valor de signo, signo de gozo. O Um encerra apenas um furo (LACAN, 1972-1973/1985, p.173), constante, e, vincula “o Um-da-causa por um lado e o Um-do-significante pelo outro” (CABAS, 2012, p.236).

O corpo – o que ele é então? É ou não é o saber do Um? O saber do Um se revela não vir do corpo, o saber do Um vem do significante Um – *um-entre-outros*, esses outros sendo a diferença de um com os outros (LACAN, 1972-1973/1975, p.195).

Retornando à nossa questão, se o saber do Um vem do significante Um (S1), encarnado na alíngua, no FPS seria preciso fazer funcionar o campo do saber (S2). Seria preciso fazer chover, explodir o significante para que a letra se alce, remonte do ravinamento de gozo à cadeia significante? Ou, como escreve Soler (1996, p.68), a análise “poderia

mobilizar, às vezes, sempre incidentalmente”, o FPS. Retomaremos essas questões adiante, situando-as no caso clínico apresentado.

#### 4.5 Notas sobre Topologia: o Espaço dos FPSs

Conforme vimos, se na formulação lógica do aparelho psíquico desde o ‘Projeto’ até *Além do princípio do prazer*, Freud intuiu uma topologia, uma construção de espaços (memória de satisfação e de desejo) na superfície de um organismo vivo, Lacan eleva o grau de formalização dos conceitos esboçados por Freud, valendo-se dos estudos da matemática nesse campo da topologia. Utiliza a topologia para mostrar a estrutura e as propriedades do espaço psíquico.

Iremos também nos valer de alguns desses estudos de Lacan para retomar aspectos já trabalhados nesta tese a respeito do corpo pulsional, resituando o lugar, o espaço corporal do FPS à luz da topologia.

A topologia, também na sua origem nomeada *Analysis Situs*, é o estudo do espaço e suas propriedades através da imersão nele de certos objetos (KASNER; NEWMAN, 1976, p.253-255).

Na teoria das superfícies, estuda-se a invariabilidade do objeto que faz aparecer outro espaço. São formas que permanecem inalteradas mesmo após uma série de transformações. É chamada também topologia da borracha ou geometria elástica, porque uma forma permanece semelhante à outra, mesmo que se façam deformações nela. Pode-se esticar o objeto, e, sem arrebentá-lo, mesmo com transformações da forma há algo constante, invariável (KASNER; NEWMAN, 1976; GRANON-LAFONT, 1990).

A topologia das superfícies estuda, pois, o invariante, o permanente que subsiste a qualquer variação. Reconhece as variedades para delas, isolar o constante.

A topologia é, pois, uma geometria da continuidade, onde o que interessa é a posição no espaço, não considerando medidas, distâncias ou ângulos. A geometria da borracha trabalha com objetos que, imersos no espaço, fazem aparecer o espaço como contínuo, circunscrito por um limite. Não divide em dentro e fora (KASNER; NEWMAN, 1976; GRANON-LAFONT, 1990).

Já a geometria plana, euclidiana, estuda a metrificação e os ângulos: um dentro e um fora, um direito e um avesso, um lado para cima, um lado para baixo, para a direita, para a esquerda é o espaço euclidiano. É o espaço que se pode mensurar e que aprendemos no cotidiano tridimensional. É um espaço cotidiano, orientável: em que ponto me situo e me

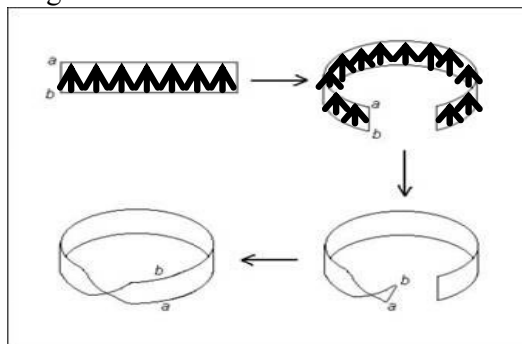
desloco.

A orientabilidade de um espaço refere-se a não-invertibilidade de uma figura que percorre esse espaço. Isto é, se a figura retorna do mesmo jeito, do ponto de partida ao ponto de chegada, não-invertida, o espaço é orientável (KASNER; NEWMAN, 1976; LACAN, 1961-1962).

Há também o espaço não-orientável. O mais simples dos objetos topológicos – a cinta ou banda de Möebius –, mostra o espaço não-orientável (GRANON-LAFONT, 1990; LACAN, 1961-1962).

Desenhamos flechas dirigidas para cima na banda, e o objeto flecha percorre o espaço da banda. Numa estrutura orientável que divide o espaço em dois – dentro/fora –, a flecha (objeto) continua percorrendo o espaço e chega não invertido, isto é, a flecha que se dirigia para cima, continua para cima percorrendo o espaço. Com uma simples torção é possível fazer dessa cinta, desse objeto, outro objeto no qual essa orientação se perde. Quando as flechas estão na mesma direção desde o ponto inicial até o final o espaço é orientável (GRANON-LAFONT, 1990; PINTO, 2013).

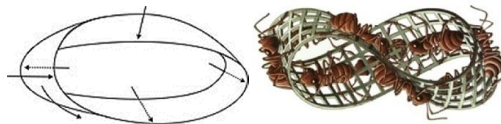
Figura 2 – Cinta ou banda de Möebius



Fonte: Adaptado de Arguedas (2005).

O espaço é não-orientável quando as flechas estão para cima, e, percorrendo a cinta, passam a estar para baixo. Este objeto é não-orientável, mostra o espaço que não tem orientação. As flechas (ou as formigas) percorrem essa superfície, e, sem transpor nenhuma borda, está fora e está dentro. Na cinta sem torção percorre fora ou tem que transpor uma borda para percorrer dentro. Como a banda de Möebius (com torção), só tem uma borda, ele não divide o espaço. Mostra que o espaço é contínuo e não tem orientabilidade (GRANON-LAFONT, 1990; PINTO, 2013).

Figura 3 – Banda de Möebius e banda de Möebius construída por M. C. Escher



Fonte: Aláez (2015).

Na matemática, essas superfícies não-orientáveis produzem a continuidade no espaço onde o avesso se comunica com o direito.

Qualquer objeto que se corte, faz dois. A banda de Möebius, por sua vez, cortada ao meio, continua um objeto, este sim, orientável, no qual tem um fora e um dentro, mas com duas torções. Se for novamente cortada, a banda ainda não faz dois, mas aparece outra vez a banda de Möebius – não-orientável – agarrada à banda ou superfície orientável (do dentro/fora). Assim, resulta do corte uma banda orientável e uma banda não-orientável, atracada a esta estrutura orientável (PINTO, 2013).

O espaço primeiro do corpo (pulsional) onde habitamos, é o espaço não-orientável mostrado pela banda de Möebius, espaço contínuo, sem dentro nem fora, superfície que só tem um lado, só tem uma borda, uma face, e, por isso, não divide o espaço em dois, permanecendo contínuo. Como a imagem referida que Freud (1915/1987a) faz da pulsão na sua origem – uma erupção de lava que se processa de forma inalterada. Como Lacan (1964/1985) sustenta, a pulsão como uma força constante engendrando uma tensão estacionária, sujeito acéfalo, estrutura radical onde o sujeito ainda não está colocado.

Pois, as três vias, ativa, passiva e reflexiva, utilizadas por Freud como recurso de língua para definir a pulsão, são apenas um invólucro do que é fundamental na pulsão – a força constante (*Konstante Kraft*). Essa reversão significativa veste o vaivém, o circuito em que a pulsão se estrutura (LACAN, 1964/1985, p.168). E, o circuito da pulsão não continua da região oral, pela anal como uma espiral, isto é, uma pulsão parcial não engendra a seguinte, mas esta passagem da pulsão oral pela anal se produz pela entrada no campo do Outro, pela demanda do Outro. Outro que é a cadeia significativa e que dá um meio, uma direção à pulsão acéfala (LACAN, 1964/1985, p. 170-171).

O significante produz um corte na estrutura não-orientável da pulsão (banda de Möebius), corte este que funda um (espaço) dentro e um (espaço) fora: dentro do significante e fora significante – o real, não orientável – a residência da *Coisa*.

Este espaço outro – espaço não-orientável -, está sempre atracado ao espaço orientável



- à estrutura significante -, por mais que estejamos dentro do universo do significante.

Desse modo, a partir do corte na superfície, permanecem os dois espaços – orientável e não orientável -, homólogo às duas modalidades de memória, trabalhadas a partir do “Projeto” – memória que pode ser rastreada e memória que não pode ser rastreada – *Coisa* inominável, indizível.

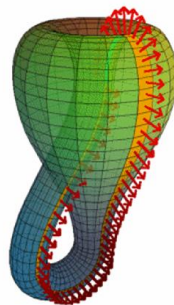
A banda de Möebius mostra, pois, a permanência de dois espaços (de memória) – orientável e não orientável – a partir dos cortes na sua superfície.

Temos aqui, a apresentação topológica dos dois registros de memória abordados nesse nosso trabalho, isto é, sua viabilidade real: o espaço da memória do que nunca foi pensado – não orientável; e o espaço da memória representada (recalcada) – orientável.

Situamos o FPS neste espaço não-orientável, nem dentro, nem fora, não-rastreável. Mesmo assim, uma memória – escrita de gozo.

Outro objeto topológico, a garrafa de Klein é a projeção de uma superfície que não compõe volume, pois é uma superfície compacta – não tem furo –, é conexa, isto é, finita, e, é não-orientável. Num passeio por ela voltariamos ao ponto de partida numa posição invertida. É um objeto que se pode descrever como uma garrafa onde o fundo coincide com o gargalo, pondo em cena um espaço onde o exterior coincide com o interior em uma superfície contínua sem borda e sem face (PINTO, 2013).

Figura 4 – Garrafa de Klein

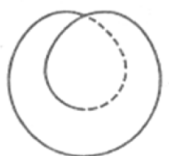


Fonte: La botella... (2015).

Esta garrafa parece um sólido, mas é uma superfície. Não se consegue deixar um líquido dentro dela porque não é um sólido, é uma superfície que se retorce sobre ela mesma, como se o espaço se retorcasse sobre si mesmo. O que a diferencia da banda de Möebius que tem uma única borda, e, por consequência, uma única face? A garrafa de Klein não tem borda nem face – é pura superfície. Essa superfície da garrafa, sem face nem furo, contorna, no entanto, um buraco central.

Da mesma forma que a banda de Möebius contorna um buraco impossível de fechar, essa superfície, a garrafa de Klein é unicamente o contorno desse buraco. O contorno do buraco, como na banda de Möebius, chama-se ‘oito interior’ (GRANON-LAFONT, 1990; PINTO, 2013).

Figura 5 - Oito interior



Fonte: Adaptado de Lacan (1964/1985).

O oito interior é um conceito matemático. É o contorno desse buraco impossível de fechar. Quantidade de espaço que faz o contorno de um buraco (GRANON-LAFONT, 1990; PINTO, 2013). Em psicanálise, o oito interior é o contorno dessa perda primeira que funda a estrutura. Se não tivesse o buraco, a falta, tudo se fecharia.

Na garrafa de Klein o buraco central e conseqüentemente seu contorno – o oito interior –, ficam escamoteados. Faz a borda e o buraco, e, esconde que é uma borda e um buraco, pois quando se olha para a garrafa e não se tem ideia que é uma superfície contornando um buraco, parece um sólido. O buraco fica escamoteado, comparável ao que ocorre com nosso corpo.

Se na banda de Möebius o buraco é visível, assim como seu contorno, na garrafa de Klein, é escamoteado, como a superfície do nosso corpo contornando o cavo central do nosso pensamento (LACAN, 1964/1985). Esse espaço do buraco, tanto na banda quanto na garrafa, é impossível de ser fechado. Se tentar fechar, projeta, lança o buraco para o infinito. Dentre os cortes possíveis de serem feitos na garrafa de Klein, um deles mostra que a garrafa é feita de duas bandas de Möebius.

Este objeto topológico – a garrafa de Klein - mostra o corpo considerado como estrutura - essa estrutura da garrafa de Klein. Mostra o lugar do buraco, da falta, escamoteada na sua estrutura. O corpo é uma garrafa de Klein: uma superfície encobrindo um cavo central.

Esses objetos topológicos não-orientáveis mostram o contorno do espaço como um buraco, assim como o contorno da pulsão. A pulsão contorna o objeto *a* – causa do desejo – e faz borda em torno do qual se dá volta (*turn*) e escamoteação (*trick*), fazendo desaparecer sem que se perceba (LACAN, 1964/1985).

Aplicando novamente estes recursos da topologia ao nosso estudo sobre o lugar, sobre

o espaço corporal do FPS, entendemos que no FPS, em alguns sítios (*situs*), não haveria o corte (significante) que engendraria uma superfície plana representável (escamoteação) ficando à mostra o não representável. Em outros termos, em relação à escamoteação do buraco, tal como a garrafa mostra, no FPS ela não ocorre - algo do buraco ficaria à mostra.

O trajeto pulsional seria herético, real, caminho que não passa pelos buracos onde o significante faria o corte. Ao invés de passar para o pensamento o corte é real, fere a carne como sítios, *situs*, excitação ‘estancada’, tensão ‘grudada’ na pele, músculos ou sistema endócrino conforme tratamos. No FPS não faria, assim, o buraco de ‘modo padrão’, se pensarmos no espaço euclidiano, mas faria o buraco em um espaço que não mostra o dentro nem o fora, espaço contínuo, como a banda de Möebius comprova.

O corte que o significante promoveria, segundo Lacan (1962-1963/2005), não se daria em relação à separação do corpo materno, mas no Um que é o próprio ovo, e nos seus prolongamentos dos envoltórios do ectoderma e do endoderma. A separação se cumpre no interior da unidade que é o ovo, através dos buracos pulsionais. Separação, corte, portanto, entre a carne e a palavra.

O FPS não estaria nem dentro nem fora, mas num espaço onde não há dentro nem fora, tal como a Banda de Möebius mostra. O sonho também está nesse espaço não orientável, mas pode ser lido. Qual a diferença? A diferença está na abordagem – o sulco que separa o campo do gozo e o campo do saber. O sonho pode ser decifrado até o *Umbigo* – *Unerkannte* – o não reconhecido, ou melhor, o impossível de reconhecer. O *Umbigo* dos sonhos também como o *Umbigo* no corpo (real) comemora um corte, a cicatriz de um corte, no real de seus próprios envoltórios – a placenta. No nível simbólico, esta cicatriz, este *Urverdrängt*, o recalcado primordial, “raiz da linguagem”, *Umbigo* do significante, portanto, no que comemora o corte entre a carne e o significante, o saber do sonho, o *parlêtre*, pode cerni-lo. Mas nesta raiz, o saber cessa (LACAN, 1975/1980).

O FPS estaria justamente neste limite. Seria o FPS, o *Umbigo*, esse indecifrável do corpo como carne, por não passar pelos orifícios pulsionais, e, não se enlaçando ao significante do Outro. Portanto, a cicatriz no corpo no FPS não comemora o corte, a entrada do significante, mas é uma cicatriz indizível, ilegível, que mostra o real pulsional como não acedendo ao simbólico, tal como a imagem do Real que faz Lacan (1972-1973/1985, p.126): a aranha tecendo sua teia – “esse trabalho de texto que sai do ventre da aranha, sua teia”. Ao reverso do que quer Lacan com a teia de aranha, o FPS não rompe a fronteira do real ao simbólico. Não acede à representação.

Porém, mesmo ilegível, o FPS, essa cicatriz na carne, esse traço vivo marcado na

carne, o real pulsional, campo do gozo, é um registro de memória. É o espaço da memória do que nunca foi pensado, fora do significante – espaço não orientável, sempre presente. Escrita-ravinamento (letra como *litter*), memória sem história que não faz um texto possível de ler.

Apesar disso, vimos que, na singularidade de dois casos clínicos, um tratamento do FPS se fez possível, houve uma leitura.

Abordaremos essa questão a seguir.

## CAPÍTULO 5

### A LEITURA EM PSICANÁLISE E O FPS

Se escrita é qualquer sistema usado para registrar mensagens ou fixar a memória de acontecimentos, no campo psicanalítico o acontecimento primordial no humano é o encontro da linguagem com o organismo, a partir do qual se escreve a satisfação pulsional. Conforme vimos, no falasser, a experiência do vivido se escreve no psiquismo, como registro do encontro com a cadeia significante, e não é feita para comunicar, assim como as primeiras escritas da humanidade. A escrita é do campo do real, feita para o gozo deste encontro com a sonoridade da linguagem. As marcas de satisfação da pulsão – o real que concerne à psicanálise – aparecem cifradas numa escrita enigmática nas formações do inconsciente: os sintomas, os sonhos, os atos falhos, os chistes.

Diferente das outras formações do inconsciente, cuja característica é a fugacidade, o sintoma pode afirmar (para quem se pergunta) a existência do inconsciente (ou, a hipótese do inconsciente), pois mostra uma permanência e uma fixidez resultante da satisfação nele implicada. Isso demonstra que, embora se suporte na estrutura de linguagem, o sintoma está inscrito num processo de escritura de gozo cifrado na letra, por onde também se desloca o desejo (THÁ et al., 1992).

Freud (1900/1987) descobre que o que é cifrado pelo inconsciente pode ser decifrado pela análise, desde que se assente na suposição de sentido (transferência de um saber suposto) que incide sobre suas formações, notadamente sobre os sintomas, pois, o sintoma *per se*, nada significa, é gozo de uma escrita. Deste modo, a possibilidade de decifração “[...] inclui o discurso do Outro no segredo de sua cifra” (LACAN, 1953/1998, p. 281).

Portanto, se em uma análise decifrar é desfazer a cifra de gozo para uma leitura do escrito no sintoma, essa leitura se faz com o que se escuta como efeito do significante. Isto é, para que haja um deciframento da escrita, é necessário que se faça uma passagem ao significante, passagem esta que só pode ser feita na medida em que o sujeito fale de seu sintoma, vocalizando o que está escrito. Não somente falar do sintoma, mas fazer o sintoma falar – “suspensão do mutismo” (LACAN, 1964/1985, p. 18). Em outros termos, fazer o sintoma entrar na simbolização (no seu suporte na estrutura de linguagem), possibilitando que o gozo seja extraído pelo significante a partir de uma transferência (THÁ et al., 1992).

É neste sentido que Lacan (1958/1959) escreve que para mostrar onde age a interpretação, é necessário o conceito da função do significante que capte o sujeito. A interpretação, para decifrar as repetições inconscientes em seu deslocamento, deve introduzir

na condensação dos significantes que nela se compõem, algo que, de repente, possibilite a tradução e, como consequência, a leitura do que estava escrito. Esse algo é o que a função do Outro – a cadeia significante – permite. Pois, interpretar no nível do significante não é aberto a todos os sentidos (LACAN, 1964/1985) uma vez que a escrita no inconsciente, fixa, e não permite todo deslize significante.

Lacan (1958/1998) põe em evidência que a interpretação em psicanálise evoca a decifração e a tradução, mas a tradução que é possibilitada pelo caminho da fala significante, na estrutura de linguagem. O que significa não acrescentar sentido ao sintoma, mas ler o escrito, com a produção de efeitos de sentido que faz surgir algo que não estava à disposição consciente.

A interpretação opera com as leis de linguagem, com a sincronia e a diacronia da cadeia significante, mas também com o equívoco no nível de alíngua, do som, abordando o sentido real - “o sentido é o real” (LACAN, 1974/2011) -, aquele que comporta o *non-sense*, o vazio do objeto e do sujeito. Mas se o real, no sentido lacaniano, é o que surge na dimensão da surpresa, esse efeito de surpresa, o real, já está contido na definição de 1958, quando diz que a interpretação decifra quando se introduz algo que, de repente, traduz.

Concluindo, em outros termos, se “a escrita não tem como causa final a leitura” (SOLER, 1996, p. 69), o que torna possível ler é a posição ou desejo do analista: que o analisante fale, escute o que fala, e, saiba (incitação ao saber (LACAN, 1967-1968)). A posição do analista é o operador de leitura. A chave de leitura do analista é a “hipótese do inconsciente” (LACAN, 1972-1973/1985), isto é, a convicção de que há uma chave de leitura no analisante: as reminiscências, as formações do inconsciente. Esse é o trabalho de instalação das condições de análise que deve ser operado durante todo o tempo, enquanto perdura a transferência.

Se o sintoma é uma escrita, dentro da cadeia significante, ele é suposto legível, mesmo que tenha nele um ponto do real indecifrável da pulsão, um ponto de indizível, um umbigo. Há, no sintoma, uma chave de leitura, porque ele se abre ao campo do saber inconsciente (S2). Mas no FPS, parece não haver essa chave de leitura, uma vez que ele seria uma escrita-ravinamento e mostração de um real indecifrável, que não se abre ao campo do saber. Escrita na qual a letra não estaria à espera de ser vocalizada.

O FPS é uma escrita que não se sabe ler (LACAN, 1975), mas conforme já sublinhamos neste trabalho, a questão da legibilidade de uma escrita “é um problema incômodo”, uma vez que “a escrita não tem como causa final a leitura” (SOLER, 1996, p. 27). Para Colette Soler (1996, p. 67) “uma escrita ilegível, não deixa de ser uma escritura na qual a

legibilidade está em processo de parto”, visto que, ao topar com os limites da legibilidade em psicanálise, não somente com o FPS, se pode supor haver chegado ao núcleo do real fora do sentido. Ou, ainda segundo Soler, mantendo a suposição de sentido, concluir que não o encontramos, o que depende do praticante, de seu desejo, de seu empenho. Queremos acrescentar que depende também da posição do analisante, de seu empenho em ler-se.

Assim, conforme já propusemos, não sabemos ler o FPS, tanto seja um desenho do impossível, como uma escrita sem gramática, como um puro ravinamento da letra de gozo. Se a escrita não é feita para ser lida, “resta como puro traço” (SOLER, 1996, p. 67), se sua feitura não tem como fim uma leitura, ainda assim, devemos considerar que uma formação do inconsciente, escrita, pode ser dita, nomeada, representada na palavra falada. Ou seja, é possível ser lida. E, se o sujeito ‘puser de si’, pode vir ao saber.

No FPS, se ele for ravinamento de gozo, rastro de gozo no real do corpo, ou se ele for holofrásico, seria preciso, talvez, fazer chover mais, explodir o significante para que a letra crie sua face voltada ao simbólico, sua face de *letter* [saber], para além do ravinamento de gozo, para além de sua face de *litter* [lixo, resíduo, gozo]. Para que a letra espere ser vocalizada, chamando assim o significante do saber (S<sub>2</sub>). Mesmo que no FPS a letra apresente-se holofraseada (sem gramática, sem descontinuidade), por em jogo a alternância simbólica de uma diferença, para que essas letras se separem.

Sobre a leitura, no seminário 20, Lacan (1972-1973/1985, p. 163) retoma a metáfora da planície da Sibéria:

*A nuvem da linguagem – exprimi-me metaforicamente – faz escrita. Quem sabe se o fato de podermos ler esses riachos que eu olhava sobre a Sibéria como traço metafórico da escrita, não está ligado [lié] – e note que o ligado inclui o lido [lier e lire, c’est les mêmes lettres] – a algo que vai além do efeito de chuva [...]?*

E o que vai além do efeito de chuva? A planície sulcada pela letra, para além do sentido da palavra.

Sobre isso comenta Mandil (2003, p. 55):

Encontramo-nos, desta forma, em um momento preciso das elaborações de Lacan em que a conjugação entre simbólico e real se dá à medida que esse último é concebido como resíduo, dejetivo que o primeiro expelle de seus domínios, deixando sobre ele sua marca indelével.

Lacan afirma e Mandil sublinha que ler está ligado (*lire e lié*) à face real da letra, a sua face de dejetivo (*litter*) conjugada com sua face voltada ao simbólico, sua face de *letter*, de saber. Se a nuvem da linguagem faz escrita no real, é desde esta marca indelével que se abre a

leitura. No FPS, já expõe como cicatriz esta marca, esta escrita.

Retornemos à singularidade dos dois casos apresentados nesta tese, escrevendo o que o real da clínica nos possibilitou ler.

Nos dois casos apresentados nesta tese, mesmo que incidentalmente, o FPS, de alguma forma, passou ao inconsciente como questão. Esta escrita no corpo está ligada (*lié*), depositada no real de um corpo estranho, estranho porque fora das representações significantes, como fixação de uma escrita de gozo impossível de ser lida. Ravinamento de gozo que a letra sulcou. Porém, como afirma Lacan (1972-1973/1985), *lié et lire, c'est les mêmes lettres*. Ou seja, mesmo ravinada na planície, a letra gesta dois registros: simbólico e real. Se o FPS é a letra coagulada em sua vertente real, quiçá a persistência do desejo de se curar, o persistir em uma análise, a firme convicção da existência do inconsciente que Freud (1916-1917/1987) esperava e que tanto Araceli quanto Bianca demonstraram em seu percurso, tenha concorrido para que, incidentalmente, o FPS que apresentaram passasse à letra em sua face simbólica e se colocasse como questão no inconsciente.

É importante observar que, durante o tratamento, Bianca repete a história da escrita desde o sulco de gozo, ravinamento, corpo ferido, do qual ela nada podia dizer até o que pode falar desta ferida. Após a primeira melhora das feridas, quando se pergunta do porque das coceiras, relaciona à mãe, ao mal estar de ser tocada por ela, remetendo ao que seria nossa primeira hipótese sobre a escrita do FPS: marca consistente que grava e barra o gozo do Outro. Em seguida, Bianca pensa em tatuar no corpo um desenho que fazia referência a sua história contada de vida, o que remete à nossa segunda hipótese: o FPS como representação pictórica, figuração imagética de um gozo datado. E, por fim, nossa terceira hipótese: sulco, ravinamento de uma letra como *litter*, marca a céu aberto de um gozo ilegível, onde o falar muito de Bianca sobre a coceira possibilitou-lhe uma chuva de significantes, de onde ela extrai um significante - seu nome próprio, como marca comercial. Bianca [sobrenome] nomeando seu afazer na vida, nomeando seu gozo como usufruto, não mais unicamente como dor e sofrimento.

Já Araceli Fuentes, em seu relato de passe, conta como o FPS passou ao inconsciente e se abriu à interpretação: após a morte do pai, nada sentiu, somente um “estranho estado de congelamento”, que precedeu o desencadeamento do FPS. Iniciada a análise, tem um sonho, onde a analista pronunciava o nome de sua doença – lúpus – ao examinar sua garganta. Assim, “havia iniciado a análise falando dessa escritura real e ilegível”. E é a voz do Outro (analista) nomeando sua garganta, seu estranho estado de congelamento, que a incita a falar disso. Algo ali, talvez mesmo incidentalmente, mas vindo de um desejo de cura, associado a



uma formação do inconsciente - o sonho -, descongelou a letra de sua petrificação real e a associou à frase fonemática de *lalangue*: “sesuamãeavisse”. Que se abriu então à interpretação, ao congelamento morte-vida.

Dois casos singulares em sua história, mas que ensinam sobre o despetrificar de uma letra.

Também nos dois casos discutidos, há algo em comum que incide neste fazer o inconsciente funcionar: o encontro com a sexualidade. Com o amor. Com Bianca, quando diz: “Quero me curar disso. Quero uma vida normal, usar shorts, biquíni, ter um namorado”. Então se pergunta: “Por que me coço? Por que me machuco?”. E encontra seu primeiro namorado. E descobre a demanda de amor. O gozo específico de seu FPS caminha para se inscrever como gozo fálico. O mesmo ocorre com Araceli Fuentes (2012), quando relata que, ao encontrar o amor, decide “agarrar-se à vida” e busca uma análise. Decisão de abrir mão de um gozo específico, também a caminho da inscrição fálica no inconsciente.

Ainda algo em comum nos dois casos, assim como em toda neurose: a questão do pai. Após perder o pai, Araceli vai para análise. Perdeu o Sr. seu pai (na realidade) e, talvez em sua análise (talvez, porque Araceli não o menciona, mas, se conclui a análise, deve ter analisado esta questão) Araceli tenha buscado o que lhe ficou do pai como bússola: o nome-do-pai. Bianca põe esta questão durante a análise: “Me separei, estava grudada na saia do meu pai”. “Saia do pai” – uma frase que a separa do Sr. seu pai, e lhe permite apreender o “segredo da vida”, que só o pai sabia. Agora esse segredo lhe é transmitido em um nome, nome que o pai lhe transmite.

E, para concluir a leitura dos dois casos, algo mais coincide: em ambos, o resto de real almeja causar, passar ao estado de obra, como escreve Miller (apud FUENTES, 2012). Obra de Araceli: a psicanálise. Obra de Bianca: uma marca comercial de acessórios femininos com seu próprio nome.

Uma leitura da clínica do FPS foi assim possível. *A letter, a litter. Ou, a litter, a letter.* Pois, se em uma análise o caminho é a leitura da letra como saber à letra como dejetos, no FPS talvez o caminho seja ao reverso: da letra como dejetos de gozo ilegível à letra como saber legível.

## CONCLUSÃO

Partimos da doença psicossomática como uma incógnita, tanto para a medicina como para a psicanálise. No campo médico, embora as afecções psicossomáticas sejam perfeitamente orgânicas, com a presença de dano histológico, elas não correspondem às lesões de causa puramente orgânica, pois seus sintomas apresentam gradação variável e evolução imprevisível. No campo psicanalítico os FPSs não se comportam como os sintomas neuróticos. À diferença do sintoma analisável, não obedecem às leis da linguagem, não estão recalçados no inconsciente, não respondem a uma estrutura metafórica, não apresentam a constância incômoda, ao contrário, alternam presença e ausência.

Nosso objetivo nesta tese foi investigar as afirmações de Lacan de que no FPS se verifica a presença de um gozo, porém qualificado de específico, diferente do gozo do sintoma; e de que o FPS é uma escrita no corpo que não se sabe ler.

Para tanto, percorremos a história da escrita desde a antiguidade fazendo um paralelo com a escrita no psiquismo, interrogando o limite entre o saber e o gozo – o litoral e o literal, concluindo qual é o estatuto da escrita em psicanálise. Do mesmo modo, percorremos em alguns pontos, a noção de corpo em psicanálise, de Freud a Lacan para identificar o lugar do FPS. Comentamos, ainda que brevemente, o conceito de leitura para a psicanálise, relacionando-o à singularidade dos dois casos clínicos apresentados.

Em relação à escrita do FPS, levantamos três hipóteses.

Na primeira hipótese, o FPS seria uma escrita ao modo das escritas antigas (egípcia e chinesa), que não faz gramática, não se associa à cadeia significante, portanto exclui o Outro, servindo como barra a seu gozo.

Na segunda hipótese, o FPS seria uma escrita ainda mais antiga, puramente pictórica, terminando por ser um desenho do impossível.

Na terceira hipótese, o FPS não seria nem escrita sem gramática, tampouco pictograma, mas uma escrita como ravinamento de gozo, onde a letra se decanta como resíduo de gozo, *litter*, mas não remonta ao significante, de onde ela caiu, como *lettre*, letra legível como uma carta, usando o duplo sentido que Lacan acentua.

Desta forma, o FPS seria uma memória de gozo, mas uma memória ahistórica, portanto nunca pensada, portanto nunca recalçada. Memória que reside na reserva de satisfação que Freud conceitua, ou no espaço möebiano que Lacan conceitua, pois são conceitos análogos. Assim, neste real onde mora o FPS, estaria um caminho herético da pulsão. O corpo do FPS, concluímos, seria um corpo-*Cosa*.

Das três hipóteses sobre a escrita do FPS, a terceira foi a que nos forneceu mais subsídios para pensar, tanto conceitualmente quanto clinicamente. Concluimos que no FPS trata-se de uma escrita-ravinamento de gozo, que, quando chove o significante no real do corpo, decanta-se uma letra, coágulo de gozo, *litter*, resíduo, lixo, impossível de ser lida. Impossível porque não evapora novamente para a nuvem de onde choveu, para funcionar como letra na palavra, para se inserir no significante, usando aqui a metáfora das geleiras siberianas que propõe Lacan.

Concluimos ainda que, se houver persistência e desejo de cura, tanto por parte do analista quanto pelo lado do analisante, é possível fazer chover mais significantes e, talvez, incidentalmente, uma letra possa voltar a funcionar dentro da cadeia significante.

Foi o que demonstraram os dois casos clínicos aqui expostos. Araceli Fuentes, em seu relato de passe, conta como despetrificou a letra congelada de sua doença psicossomática (lúpus) através de um sonho que a remete à *lalangue*. E se abre à interpretação do inconsciente. Bianca encontra um significante novo, embora seja seu nome próprio, para nomear seu novo destino na vida. E mais, um significante ligado ao escrito, que lhe dará um novo afazer na vida: uma marca comercial de acessórios femininos, que se lê no campo da cultura.

Terminamos por conceber que, se na neurose o gozo primeiro com a *Coisa* é enigmático, está em reserva, e isso ordena a cadeia significante em sua busca; se na psicose, não há a reserva, o gozo está fora, exterior à cadeia significante, o próprio mundo é a explosão deste gozo, sem enigma, mas como uma certeza; no FPS, o gozo em reserva não está deslizando sob a cadeia significante, porém também não está fora, em explosão. Está no corpo, nem dentro, nem fora da cadeia, mas no limite. Não é nem enigmática para o sujeito, tampouco siderante. Só é!

Sobre a heresia também concluimos, a partir da clínica, que, no FPS, foi necessário encaminhar a pulsão para buscar uma resposta no Outro, caminho padrão do movimento pulsional. Mas, notamos também, que em uma análise conduzida até seu final, passando pela queda das demandas, travessia do fantasma e destituição subjetiva, encontra-se uma *heresie* – R.S.I. . Porém, na gênese da constituição do falasser, a pulsão deve passar pelo caminho padrão dos buracos do corpo, para trazer do Outro seu significante. Se assim não fosse, não haveria como abordar diretamente o gozo. Caso do FPS, onde não há como abordar diretamente esse gozo.

Ainda a título de conclusão, entendemos, após esse percurso teórico-clínico, que não se trata de criar uma quarta estrutura clínica para o FPS. Tampouco se trata de inventar uma

nova psicanálise para o FPS, com técnica diferenciada. Trata-se, sim, de ouvir o analisante portador do FPS, com a mesma atenção flutuante, com o mesmo cuidado para com a retificação subjetiva, para com a subjetivação e apostar que, incidentalmente, algo mobilize a letra congelada.

Restou-nos ainda, uma questão: é possível que, no FPS, o gozo específico, herético, escave certos sítios no corpo e não se decante aí uma letra? Seria pensável que o próprio vazio engendre seu gozo ‘de nada’, e, sobre ele caia a letra e, no caso do FPS, não haja esta queda? Afinal, Lacan estudou com François Cheng (2012) os textos clássicos da literatura chinesa e se interessou pelo livro de Lao Tsé, *O livro do caminho e de sua virtude*. Esse livro diz que o *Tao* originário é que engendra o Um, sendo o *Tao* originário o que designa o vazio. *Tao* significa caminho e também voz, fazendo a homofonia em francês entre caminho-voie e voz, voix. Assim, o caminho é o vazio. Gozo originário à espera da voz, para decantar uma letra.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, C. R. Apresentação. In: GUIR, J. **Psicossomática na clínica lacaniana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 9-24.
- ALÁEZ, P. M. **Maths**. Disponível em: <<https://iesdepastoriza.wikispaces.com/Maths>>. Acesso em: 5 nov. 2015.
- ALLOUCH, J. **A clínica do escrito**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.
- ARGUEDAS, V. T. August Ferdinand Möbius: laimaginación se desborda. **Revista Digital Matemática, Educación e Internet**, [S. l.], v. 6, n. 2, set. 2005. Disponível em: <<http://www.tec-digital.itcr.ac.cr/revistamatematica/HistoriaMatematica/HistoriaV6n2Set2005/>>. Acesso em: 8 nov. 2015.
- AUBERT, J. et al. **Lacan: o escrito, a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- ÁVILA, L. A. **Doenças do corpo e doenças da alma: investigação psicossomática psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 2002.
- BURNS, E. M.; LERNER, R. E.; MEACHAM, S. **História da civilização ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais**. Tradução de Donaldson M. Garshagen. 38. ed. São Paulo: Globo, 1997.
- CABAS, A. G. A noção de sujeito na obra de Lacan e na clínica analítica. In: \_\_\_\_\_. **O sujeito**. Curitiba: Escola da Coisa Freudiana, 2012. p. 224-237.
- \_\_\_\_\_. Do nó, do nome, do pai e do sintoma (notas para uma razão tetrádica). In: LARA, E. M. (Org.). **Escola da coisa freudiana cadernos nº1**. Curitiba: Juruá, 2010a.p. 204-214.
- \_\_\_\_\_. Traduzindo Lacan: problemas e impasses. In: LARA, E. M. (Org.). **Escola da coisa freudiana cadernos nº 0**. Curitiba: Juruá, 2010b. p. 51-60.
- CALDAS, H. Da cifra à letra: uma leitura do ilegível no corpo. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Org.). **Linguagem e escritas do corpo**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014. p. 99-112.
- CLASTRES, G. Retornos. In: CABAS, A. G. **O sujeito**. Curitiba: Escola da Coisa Freudiana, 2012. p. 255-261.
- DAL-CÓL, D. M. L. O legado freudiano: a angústia na clínica psicanalítica e na cultura contemporânea. **Doxa: Revista Paulista de Psicologia e Educação** (Unesp), Araraquara, v. 9, n. 1, jan./jun. 2005.
- \_\_\_\_\_. **Um estudo sobre a teoria da angústia na obra de Sigmund Freud: caminhos de construção e de descoberta**. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.
- ELIA, L. A letra: de instância no inconsciente à escrita do gozo no corpo. In: COSTA, A.; RINALDI, D. **Escrita e psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007. p. 129-137.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FONSECA, M. C. B. Do trauma ao fenômeno psicossomático (FPS) – lidar com o sem-sentido? **Âgora**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 229-244, jul./dez. 2007.

FREUD, S.(1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 2. p. 39-251.

\_\_\_\_\_. (1895). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia’. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 3.

\_\_\_\_\_. (1896). Carta 52. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 1. p. 324-331.

\_\_\_\_\_. (1900). A interpretação dos sonhos. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 4/5.

\_\_\_\_\_. (1901). A psicopatologia da vida cotidiana. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 6.

\_\_\_\_\_. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 7. p.129-238.

\_\_\_\_\_. (1913). O Interesse científico da psicanálise. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 13. p. 199-229.

\_\_\_\_\_. (1915). Artigos sobre metapsicologia. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987a.v. 14. p. 123-239.

\_\_\_\_\_. (1915). Os Instintos e suas vicissitudes. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987b. v. 14. p. 137-168.

\_\_\_\_\_. (1915-1916). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 15. p. 273-285.

\_\_\_\_\_. (1919). O ‘estranho’. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 17. p. 275-314.

\_\_\_\_\_. (1920). Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 18. p. 17-85.

\_\_\_\_\_. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 19. p. 229-238.

\_\_\_\_\_. (1925). A negativa. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 19. p. 295-300.

\_\_\_\_\_. (1927). A questão da análise leiga (pós-escrito). In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 20. p. 285-292.

\_\_\_\_\_. (1930). O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 21. p. 81-177.

\_\_\_\_\_. (1934-1938). Moisés e o monoteísmo. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 23. p. 16-167.

\_\_\_\_\_. (1937). Construções em análise. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 23. p. 291-308.

\_\_\_\_\_. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 1. p. 403-523.

FUENTES, A. O resíduo de uma análise. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 63, p. 66-68, jun. 2012.

GRANON-LAFONT, J. **A topologia de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

GUIR, J. **A psicossomática na clínica lacaniana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. Fenômenos psicossomáticos e função paterna. In: WARTEL, R. et. al. **Psicossomática e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 47-57.

GUIR, J.; VALAS, P. Correio do simpósio. **Revista de Psicanálise do Campo Freudiano no Brasil**, Belo Horizonte, ano 3, n. 5, p. 34-41, 1989.

HOLÓFRASE. In: INFOPÉDIA: enciclopédia e dicionário. Porto: Porto Editora. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/ho%C3%B3frase>>. Acesso em 30 ago. 2013.

HOUAISS. **Dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KASNER, E.; NEWMAN, J. **Matemática e imaginação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

KOST, T. M. O sagrado e o interdito na escrita ou entre o enigmático no recalque originário e a lei no recalque secundário, o que sobra é a letra. **Estilo**: Boletim da Seção Paraná da Escola Brasileira de Psicologia do Campo Freudiano, Curitiba, n. 14, p. 1-3, out. 1996.

LA BOTELLA de Klein. Disponível em: <<http://www.taringa.net/posts/ciencia-educacion/15670294/La-botella-de-Klein.html>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

LACAN, J. (1945). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 197-213.

\_\_\_\_\_. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.

- \_\_\_\_\_. (1954-1955). O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. (Livro 2).
- \_\_\_\_\_. (1955-1956). As psicoses. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Livro 3).
- \_\_\_\_\_. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-536.
- \_\_\_\_\_. (1958). A direção de tratamento e os princípios de seu poder. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 591-652.
- \_\_\_\_\_. (1958-1959). **O desejo e sua interpretação**. (Livro 6). Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1959-1960). A ética da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. (Livro 7).
- \_\_\_\_\_. (1961-1962). **A identificação**. (Livro 9). Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1962-1963). A angústia. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Livro 10).
- \_\_\_\_\_. (1964). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Livro 11).
- \_\_\_\_\_. (1964-1965). **Problemas cruciais para a psicanálise**. (Livro 12). Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1966). **Psicanálise e medicina**. Intervenção em mesa redonda do mesmo título, realizada no Colégio de Medicina, em 16 de fevereiro de 1966 na Salpêtrière. (Tradução de Léo Cardon para uso interno do Serviço de Psicopatologia do H.C da UFPR).
- \_\_\_\_\_. (1967). Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a. p. 350-358.
- \_\_\_\_\_. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In: \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b. p. 248-264.
- \_\_\_\_\_. (1967-1968). **O ato psicanalítico**. (Livro 15). Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1968-1969). De um outro ao outro. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Livro 16).
- \_\_\_\_\_. (1969- 1970). O avesso da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. (Livro 17).
- \_\_\_\_\_. (1971). De um discurso que não fosse semblante. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. (Livro 18).
- \_\_\_\_\_. (1972-1973). Mais, ainda. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Livro 20).
- \_\_\_\_\_. (1973-1974). **Los incautos no yerran (los nombres del padre)**. Lição de 20 de novembro de 1973. Edição eletrônica. (Livro 21).



\_\_\_\_\_. (1974), A terceira. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 62, p. 11-36, 2011.

\_\_\_\_\_. (1975). Respuesta de Jacques Lacan a una pregunta de Marcel Ritter. **Suplemento de las Notas** (de La Escuela Freudiana), Buenos Aires, n. 1, p. 126-135, nov. 1980.

\_\_\_\_\_. (1975-1976). O sintoma. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Livro 23).

\_\_\_\_\_. Conferência em Genebra sobre o sintoma. **Opção lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 23, p. 6-16, 1975.

\_\_\_\_\_. Lituraterra. In: \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 15-25.

LEFORT, R.; LEFORT, R.L'accès de l'enfant à la parole, condition d'ulien social. **Autism**: Group Petit Enfance - Nouveau Réssau CEREDA Diagonale Francophone, Javier, v. 10, n. esp. 1997.

LIER-DEVITO, M. F.; ARANTES, L. Prefácio. In: LIER-DEVITO, M. F.; ARANTES, L. (Org.). **Faces da escrita**: linguagem clínica escola. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 7-13.

MANDIL, R. **Os efeitos da letra**: Lacan leitor de Joyce. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFMG, 2003.

MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MILLER, J-A. Algumas reflexões sobre o fenômeno psicossomático. In: WARTEL, R. et al. **Psicossomática e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 87-97.

NICOLAU, R. F. A psicossomática e a escrita do real. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 4, p. 959-990, dez. 2008.

PÉREZ, S. Do que perdura de perda pura ao que só aposta do pai ao pior. In: CONGRESSO A PSICANÁLISE HOJE - *SCILICET*, 1., 2010, Curitiba. In: LARA, E. M. et al. **Escola da coisa freudiana**. Curitiba: Juruá, 2010. p. 179-203. (Série cadernos, 1).

\_\_\_\_\_. Um e múltiplo: o desafio da escola. In: ESCOLA DA COISA FREUDIANA. **Acerca da autorização**. Curitiba: Escola da Coisa Freudiana, 2014. p. 327-329. (Série cadernos, 5).

PINTO, T. M. **Psicose**. Curso de Especialização em psicanálise de Freud à Lacan. Londrina: Pitágoras, 2014. Nota de aula.

\_\_\_\_\_. **Seminário epistêmico**: leitura do seminário de Lacan (1964-1965). Problemas cruciais para a psicanálise. Curitiba: Escola da Coisa freudiana, 2013. Não publicado.

POLI, M. C. Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa: universidade e instituição. In: \_\_\_\_\_. **Leituras da clínica, escritas da cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 71-92.

POMMIER, G. (1996) **Naissance et renaissance de l'écriture**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

PORGE, E. **Transmitir a clínica psicanalítica**: Freud, Lacan, hoje. Campinas: Unicamp, 2009.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da língua portuguesa**. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?>> Acesso em: 31 ago. 2013.

REGO, C. M. **Traço, letra, escrita**: Freud, Derrida, Lacan. Rio de Janeiro: 7letras, 2006.

SAGNA, C. D. Lesões sensíveis à palavra. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 17, p. 60-62, 1996.

SAURET, M-J. A pesquisa clínica em psicanálise. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 89-104, 2003.

SILVA, M. A. C. R. O fenômeno psicossomático. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. **A imagem rainha**. Rio de Janeiro: 7letras, 1995. p. 273-286.

SOLER, C. De un trauma al outro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EN LA ESCUELA DE PSICOANÁLISIS DE LOS FOROS DEL CAMPO LACANIANO, 2009, Paris. **Actas...** Paris: Asociación Foro Del Campo lacaniano de Medellín, 2009.

\_\_\_\_\_. Retorno sobre a questão do sintoma e o FPS. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 17, p. 66-68, 1996.

SUAREZ, E. S. **Conferência proferida na Seção Paraná da Escola Brasileira de Psicanálise**. Curitiba: Escola Brasileira de Psicanálise, 1996.

THÁ, F. et al. A função do escrito. **Letras da coisa**: Associação Coisa Freudiana - Transmissão em Psicanálise, Curitiba, n. 12, p. 112-133, 1992.

VALAS, P. Horizontes da psicossomática. In: WARTEL, R. et al. **Psicossomática e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 69-86.

WARTEL, R. O que esperem de nós os médicos? In: WARTEL, R. et al. **Psicossomática e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 17-24.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ASSAD, T. C.; DUNKER, C. I. L.; RAMIREZ, H. H. A. (Org.). **A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise**. São Paulo: Annablume, 2011.

BERCHERIE, P. **Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

BIRMAN, J. **Freud 50 anos depois**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1989.

BREUER, J.; FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.2

CABAS, A. G. A propósito da cura no discurso analítico. In: PEREZ, D. O. (Org.). **A eficácia da cura em psicanálise: Freud – Winnicott – Lacan**. Curitiba: Editora CRV, 2009. p. 45-63.

\_\_\_\_\_. Da clínica da angústia. In: FORBES, J. (Org.). **Psicanálise ou psicoterapia**. Campinas: Papirus, 1997. p. 117-130.

\_\_\_\_\_. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. Seminário epistêmico: leitura do seminário de Lacan (1964-1965): problemas cruciais para a psicanálise. **Escola da Coisa freudiana**. Curitiba, 2013. Não publicado.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito de experiência e o estatuto do saber no discurso analítico. In: PEREZ, D. O. (Org.) **A eficácia da cura em psicanálise: Freud – Winnicott – Lacan**. Curitiba: CRV, 2009. p. 65-74.

COLLI, E. **Introdução à teoria dos nós**. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~matemateca/textos/nos.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2014.

COSTA, A. C. S. Nas origens da psicanálise: o real. **Mais-Um: Órgão de divulgação dos cartéis da Seção Paraná da Escola Brasileira de Psicanálise**, Curitiba, n.1, p.81-82, 1994.

COSTA, A.; RINALDI, D. (Org.). **Escrita e psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007.

DAL-CÓL, D. M. L. **O sintoma neurótico e sua relação com a economia psíquica e a angústia**. 1997. Monografia (Especialização em Psicanálise) – Faculdades Integradas da Sociedade Educacional Tuiuti, Curitiba, 1997.

DAL-CÓL, D. M. L.; PALMA, C. M. S. Angústia e sexualidade: a descoberta freudiana. **Revista Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, n.2, p.377-390, 2011.

FREUD, S. (1888). Histeria. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1.

\_\_\_\_\_. (1893). Rascunho B: a etiologia das neuroses In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1.

\_\_\_\_\_. (1894). Rascunho E: como se origina a angústia. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1.

\_\_\_\_\_. (1895). Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.3. p.143-164.

\_\_\_\_\_. (1899). Carta 101. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1. p.379-380.

\_\_\_\_\_. (1912). Artigos sobre técnica. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.12. p.121-208.

\_\_\_\_\_. (1913). Totem e tabu. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.13. p.17-193.

\_\_\_\_\_. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.14. p.89-119.

\_\_\_\_\_. (1923). O ego e o id. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.19. p.23-80.

\_\_\_\_\_. (1925). Inibições, sintomas e ansiedade. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.20.

\_\_\_\_\_. (1925). Um estudo autobiográfico. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.20. p.17-201.

\_\_\_\_\_. (1933). Ansiedade e vida instintual (Novas conferências introdutórias sobre psicanálise). In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.22. p.103-138.

\_\_\_\_\_. (1933). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.22. p.15-226.

\_\_\_\_\_. (1937). Análise terminável e interminável. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.23. p.247-290.

KOST, T. M. Ler e decifrar. **Estilo**: boletim da seção Paraná da escola bras. de psicanálise do campo freudiano, Curitiba, n. 3, p. 1-3, jun. 95.

LACAN, J. (1954) Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.370-382.

\_\_\_\_\_. (1954). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.383-401.

- \_\_\_\_\_. (1964). Do “*Trieb*” de Freud e do desejo do analista. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.865-868.
- \_\_\_\_\_. (1964). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.807-842.
- \_\_\_\_\_. (1965-1966). **El objeto del psicoanálisis**. (Livro 13). Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1966-1967). **A lógica do fantasma**. (Livro 14). Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1968-1970). **O ato psicanalítico**. (Livro 15). Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1971-1972). ... ou pior. In: \_\_\_\_\_. **O seminário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012. (Livro 19).
- LEITE, N. V. A. et al. (Org.). Letra e escrita na clínica psicanalítica. **Revista Literal, Campinas**, n.5. jan./jun. 2002.
- MILLER, J-A. Os seis paradigmas do gozo. **Opção Lacaniana**, São Paulo, ano 3, n. 7, p. 1-49, mar. 2012.
- NASIO, J-D. **Psicossomática**: as formações do objeto *a*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 83-106, 2004.
- PINTO, T. M. **Seminário clínico sobre o homem dos lobos**. Curitiba: Escola da Coisa Freudiana, 2012. Não publicado.
- POLLO, V. **O medo que temos do corpo**: psicanálise, arte e laço social. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- SAURET, M-J.; LAPEYRE, M. A psicanálise com a ciência. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 2008.
- SOBRINHO, P. T. **A física e a teoria dos nós**: do éter ao computador quântico. Disponível em: <<http://video.if.usp.br/video/f%C3%ADsica-e-teoria-dos-n%C3%B3s-do-%C3%A9ter-ao-computador-qu%C3%A2ntico>>. Acesso em: 8 jul. 2014.